

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rosana Maria Faustino

A POÉTICA DE EMMANUEL MARINHO ADENTRA O COTIDIANO
ESCOLAR EM PILAR DO SUL - SP

Sorocaba/SP

2018

Rosana Maria Faustino

**A POÉTICA DE EMMANUEL MARINHO ADENTRA O COTIDIANO
ESCOLAR EM PILAR DO SUL - SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alda Regina Tognini Romaguera

Sorocaba/SP

2018

Rosana Maria Faustino

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 22 / 02 / 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba

Prof.^a Dr.^a Susylene Dias de Araujo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

Com amor, aos meus pais Dirce e Antônio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por esta inesquecível e enriquecedora experiência.

A minha querida Professora e orientadora Alda Regina Tognini Romaguera, que com muita paciência e sabedoria, soube conduzir-me pelos trilhos poéticos e ensinou-me o caminho para que eu voasse nas asas da poesia.

À Professora Susylene Dias de Araujo que tão carinhosamente disse sim ao convite para compor a banca de Mestrado e mesmo com a distância fez questão de estar presente em ambas as bancas.

A Emmanuel Marinho, poeta e artista de Dourados - MS, que tão gentilmente me recebeu em seu recanto poético; pelos livros e CDs com os quais me apresentou, constituindo os objetos de estudo desta dissertação. Gratidão poética.

Ao professor Marcos Reigota, por todas as aulas e oportunidades de aprendizado, e por todo conhecimento transmitido em uma perspectiva Ecologista da Educação. Agradeço principalmente, porque foi em uma de suas aulas que tive a inspiração para a escrita do projeto que me permitiu fazer parte deste Programa de Pós-Graduação em Educação.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação, em especial às Professoras Vilma Nista-Piccolo e Eliete Jussara e ao Professor Pedro Goergen, por terem sido fundamentais colaboradores na minha caminhada até aqui.

Gratidão aos meus amigos, do Grupo de estudos Ritmos de pensamentos: a tão querida Thereza Utsunomiya e seu parceiro Leonardo Santos, à Carmem Machado e Marta Catunda, cada uma com carisma particular; ao Leandro Jesus, ao Mauro Tanaka, a minha querida amiga Adriana Lima, ao Edson Elídio, aos queridos Verônica Hoffmann e Eder Proença. A convivência com vocês foi de fundamental importância para mim.

Agradeço aos meus amigos e parceiros, que em todos os momentos dessa caminhada foram presentes e mesmo nos dias mais difíceis, não abandonaram-me e sempre estiveram ao meu lado com uma palavra amiga de ânimo: Marcos Caetano e Beatriz Deus, meu muito obrigada.

Aos meus amigos de Nova Andradina - MS: meus *best friends* de sempre, pela compreensão nas minhas ausências, e por terem sido sempre os maiores incentivadores nesta jornada.

Não posso deixar de agradecer aos meus companheiros de trabalho, da E. E. Padre Anchieta de Pilar do Sul- SP, pelas palavras de incentivo de sempre, em especial, naqueles dias em que o desânimo, o cansaço e a tristeza faziam-se presentes em minha vida.

As minhas irmãs e a minha sobrinha Nayara, por ter sido minha “menina-correios”, sempre tão disposta para ir ao encontro de Emmanuel Marinho em Dourados para buscar minhas encomendas. A todos meus sobrinhos e aos meus cunhados por terem sido minha base familiar em todo esse tempo.

Aos meus amados pais, Dirce e Antônio, por terem me concedido a vida, por todo ensinamento a mim dispensado e principalmente e por serem meu porto seguro em todas as situações.

Minha gratidão a todos.

RESUMO

Esta pesquisa parte de inquietações vivenciadas no cotidiano escolar, na busca pela reinvenção e pelo entendimento do diálogo que pode ocorrer entre educador/poética/educando, de modo que este proporcione uma prática que reflita movimentos produtores de significados poético-político-estéticos no contexto das aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual de Pilar do Sul - SP. Para esses movimentos, a aproximação dos estudantes com a poética de Emmanuel Marinho foi proporcionada, de modo a entender as suas reverberações no cotidiano escolar. O poeta, com seus poemas, textos teatrais e música discute os mais diversos assuntos de maneira muito provocativa. Com a poética de Emmanuel Marinho houve a possibilidade de sensibilização para a leitura e escrita, com (re) leituras de aspectos culturais presentes nos textos e também na sociedade da qual os estudantes fazem parte. E partindo disto, as produções aconteceram no contexto escolar e também fora dele: em oficinas de escrita e produção inventiva tanto com estudantes quanto com os professores; a realização da oficina *A poética da escrita* no Sesc-Sorocaba, e por fim, a publicação do livro *A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula*, como consequência do trabalho com a poética e do exercício da poesia no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Emmanuel Marinho. Poesia. Literatura. Estética. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

This research starts from concerns lived in everyday school in search for reinvention and for understanding of the dialogue that may occur among educator/poetry/pupil so that this one provides a practical that reflects productive movements of poetic-politic-esthetic meanings in the context of the 9th grade Portuguese Language classes in Ensino Fundamental (Elementary School) of a state school from Pilar do Sul - SP. For those movements an approach between students and Emmanuel Marinho's poetry was provided in order to understand its reverberations in everyday school. The poet with his poems, theatrical texts and songs discusses the most diverse subjects in a very provocative. With Emmanuel Marinho's poetic there was the possibility of awareness for reading and writing with (re) reading about present cultural aspects and also on the society of which they belong to. And starting from that, the productions happened in the school context and also outside of it: in inventive writing and production workshops both students and teachers; the carrying out of the workshop *The poetry of writing (A poética da escrita)* at Sesc-Sorocaba and at last the publication of the book *A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula (The I poetry: poems that were born in classroom)* as consequence of the work with the poetry and its exercise in everyday school.

Key words: Emmanuel Marinho. Poetry. Literature. Esthetic. Everyday school.

[...] Só no ato do amor –
pela límpida abstração de estrela
do que se sente –
capta-se a incógnita do instante
que é duramente cristalina e vibrante no ar
e a vida é esse instante incontável,
maior que o acontecimento em si:
no amor o instante de impessoal
joia refulge no ar,
glória estranha de corpo,
matéria sensibilizada pelo arrepio dos instantes –
e o que se sente é ao mesmo tempo
que imaterial tão objetivo
que acontece como fora do corpo,
faiscante no alto,
alegria,
alegria é matéria de tempo
e é por excelência o instante.
(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 POR UMA POÉTICA DA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES POLÍTICAS E ESTÉTICAS	21
2.1 Contribuições poéticas: de Clarice Lispector a Emmanuel Marinho, a força das palavras bailarinas	31
2.2 A escrita-bailarina: uma dança de vai e vem nas linhas do devir	36
2.3 Clarice Lispector e a escrita-bailarina em <i>Água viva</i>	41
2.4 Emmanuel Marinho: a escrita-bailarina na poesia de Mato Grosso do Sul	53
2.5 Crônica de uma tarde com chuva. Sol. Prosa. Poesia	64
2.6 Pesquisas com o trabalho de Emmanuel Marinho	71
3 “POETICAGENS” NO COTIDIANO DE UMA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA	74
3.1 O Cotidiano Escolar	74
3.2 Aula-acontecimento: por uma educação menor no cotidiano escolar	80
3.3 Travessias: De Mato Grosso do Sul a Pilar do Sul	81
3.3.1 Peculiaridades Pilarenses	83
3.4 A Poética em sala de aula	91
4 ENTRE RETALHOS E RECORTES, A POÉTICA ALINHAVA A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NO COTIDIANO ESCOLAR	123
5 REVERBERAÇÕES POÉTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR QUE PERPASSARAM A SALA DE AULA	134
5.1 Uma experiência que saiu da sala de aula e adentrou a sala dos professores	134
5.2 Poeticando no Sesc Sorocaba: Ritmos de pensamento: poéticas da escrita	144
5.3 Outra reverberação que foi além da sala de aula: publicando um livro	152
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	159
REFERÊNCIAS	164



Foto 1: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

1 INTRODUÇÃO

É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão.
(Clarice Lispector, 1998, p. 10-11)

Assim como Clarice Lispector diz ter necessidade das palavras, o meu eu diz sentir a mesma coisa. O que fora intocado até agora passa a ser tocado, sentido e usufruído. Tocar as palavras talvez seja algo impossível, mas não para quem as deixa ser tocado por elas; pelos seus sabores e fragrâncias únicos, por sua exuberância e totalidade. As palavras têm disso: conquistar por sua capacidade de adentrar a pele e a alma. O seu poder grandioso é dado a todo aquele que se deixa conduzir por suas linhas e seu ritmo inebriante.

Palavras
Ah, as palavras!
Cada uma com seu encanto
Delicadeza
Aspereza
Suavidade
Cada uma repleta de significâncias
Capazes de provocações
Reverberações
Acontecimentos
Como é lindo o acontecer das palavras
Ah, as palavras!
Palavras.
Rosana Maria Faustino¹

Diante das inúmeras possibilidades que a união dos sons proporcionam, a escrita é uma delas. A junção de palavras escrevem histórias e estórias. E o enredo de cada uma delas acontece nas narrativas que nascem nas memórias, nas vivências de quem as escreve. Para elucidar tal afirmativa, Reigota (1999) esclarece que:

[...] as narrativas se caracterizam pela “memória” disponível sobre os eventos e a suas repercussões, portanto estão próximas da ficção. Isso não

¹ Os poemas que estão na cor vermelha foram escritos por mim, Rosana, durante o desenvolvimento desta dissertação. Esta cor reflete muito a minha personalidade, por isso a escolha da mesma para meus poemas.

significa que a narrativa, ao se aproximar da ficção, corre o risco de necessariamente expressar de forma incorreta e deturpada os fatos, mas, sim, a disposição como esses fatos são interpretados, recebidos, vivenciados e “sequenciados” por cada pessoa. (REIGOTA, 1999, p.79)

As narrativas ficcionais, de certa forma, ocasionam significados tantos, que proporcionam um retorno ao que de fato foram os acontecimentos e as reverberações propulsionadas por eles, pois esse estilo de escrita permite o trabalho com as forças extraídas do que repercutiu e que estão na memória. Por isso,

O uso de narrativas como aporte teórico-metodológico em pesquisas na área de humanas [...] vem se consolidando como rica possibilidade de os sujeitos ditos marginalizados falarem por si e, dessa forma, porem em pauta questões caras para si e para os grupos sociais nos seus cotidianos” (PROENÇA, 2017, p. 60)

Por meio das narrativas, os escritores têm em mãos, a possibilidade mais criativa como ferramentas que os ajudam a instaurar organização no meio em que vivem. Então,

As narrativas (escrita, oral, visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa (depressiva, saudosista, futurista, realista, surrealista, impressionista, fragmentada, barroca, minimalista, redundante, clássica, erudita, pop etc.) de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas. (REIGOTA, 1999, p. 80)

Com o intuito de organizar e comunicar as situações vividas e também imaginadas, no cotidiano de uma escola, uma trajetória narrativa tem início. Realizar uma pesquisa utilizando a metodologia narrativa, “é uma forma de acessar o subjetivo, onde o peculiar se apresenta, transfigurando os sentidos, modificando e criando outros mundos”. (YANG; MACHADO; REIGOTA, 2017, p. 141)

Criar outro mundo em sala de aula, de modo a extrair dele, as forças e as subjetividades diariamente, é uma das formas de perceber as peculiaridades que nos são apresentadas cotidianamente e também questionar-se sobre tudo o que envolve esse mundo, com o intuito de buscar soluções para tais questionamentos. Pode-se dizer então que,

As narrativas se desenvolvem no cotidiano. Realizá-las pode ser uma forma de questionar o momento presente, em busca de alternativas. A pesquisa narrativa também explora os processos de produção e de mudança de

sentidos durante o movimento de narrar-se. (YANG; MACHADO; REIGOTA, 2017, p. 143)

Com o desejo de mudanças e de novos sentidos, o movimento narrativo acontece. Nele, as possíveis rotas são determinadas, os caminhos são traçados e as escolhas do melhor itinerário são planejadas.

Trajetórias
 Trajeto
 Destinos
 Caminho percorrido
 Andanças
 E cheganças
 Nos espaços
 Do Devir
 Encontros
 Desencontros que acontecem
 Reflexos e reflexões
 Experiências que marcam vidas
 E contam histórias
 Sonhos que são realizados.

Os sonhos impulsionam trajetórias e permitem voos e andanças por caminhos desconhecidos. Dar vida a eles e torná-los possíveis é a missão de todo sonhador. Para isso, deixar-se conduzir pelas intensidades que no caminho são encontradas é mola propulsora para a concretização de qualquer sonho ou idealização, pois “continuar a vida é continuar a resistir à morte que nos cerca” (PENA-VEGA; ALMEIDA; PETRAGLIA, 2003, p. 53). Resistência foi preciso. Sempre. Vida e aprendizado de mãos dadas por um objetivo. Sendo assim, uma narrativa que será ampliada nos capítulos seguintes sobre as reverberações possibilitadas no percurso desta pesquisa, permite ilustrar as repercussões do que fora vivido e sentido nesta fase.

Toda história tem um começo. A minha teve início em 2006, quando concluí o meu processo formativo acadêmico, no curso de Letras – Português/Inglês na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Desde então, já nutria o desejo de me especializar na formação que escolhi para minha vida profissional: ser professora. Em seguida, ao término da graduação passei por uma especialização

em Língua Inglesa, na mesma Universidade. Foram caminhos e descaminhos trilhados até chegar neste momento, o do Mestrado em Educação:

Travessias
Ritmos vibrantes
Pedras que acompanham
O pulsar da alma
Pedras que falam com o vento
Com os pássaros
Num diálogo incansável de almas
Que nos chamam a viver o pulso
Incessante da natureza.
A correnteza das águas
Se compara com o pulsar de
Vida que há em nossa
Corrente sanguínea
O vai e vem do sangue da vida
Nas veias da natureza
Chuá chuá chuá
É a poesia embrenhando cada
Espaço habitável:
Sangue
Água,
Galhos,
Flores,
Vida.
A poesia vibra na vida viva
Amarela
Verde,
Pedra
Pedregulhos,
Pedriscos.
A poesia voa nas asas e se
Transforma em pássaro que
Plaina no ar e preenche o azul
Esbranquiçado e
Estampado de sensações
Sentidas em cada respirar.

Certas travessias marcam a vida de cada um de maneira singular e especial. A travessia da pedra branca, em Pocinhos do Rio Verde - MG foi uma vivência que proporcionou contato com a natureza e então muitas reflexões foram possíveis,

inclusive com a escrita do poema *Travessias*, que foi concebido durante essa experiência. Tudo isso são aprendizados que nos impulsionam a sermos cada vez melhores e nos fazem acreditar que é possível e é preciso pensar e repensar a educação, pois:

A velocidade das profundas mudanças sociais, políticas, culturais e ecológicas planetárias das últimas décadas, aliada a uma excessiva quantidade de informações sobre países, culturas, conflitos etc. nos coloca diante do relativismo do nosso conhecimento por mais (bem) informados que estejamos. (REIGOTA, 1999, p. 85)

Devido à velocidade de informações fornecidas diariamente, o nosso conhecimento, por mais informados que estejamos, passa por questionamentos constantemente. Devido a essa constância, minha vontade sempre foi de compreender esses questionamentos e partindo deste entendimento, poder ser / estar melhor como ser humano e como profissional, pois a “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da reflexão teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 1996, p. 24). Partindo desta necessidade particular, que sentia crescer a cada dia em mim, de refletir a prática nas buscas e lutas cotidianas em sala de aula, o caminho começa a ser trilhado.

Todo esse percurso tem o seu princípio ainda em Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, cidade na qual eu residia e hoje estou a quase 800 quilômetros distante, em Pilar do Sul, São Paulo, cidade em que moro.

*(...) Mas um dia o moço cresceu
Varou portas
Porteiras e estradas
E com suas asas doiradas se foi
Se foi
E foi sozinho
Com seus olhinhos de boi.
(MARINHO, 1986, p.24)*

É, realmente um dia a moça cresceu e se foi. Daí em diante uma nova história começa a ser escrita, pois sair das margens do Vale do Ivinhema - MS e chegar às margens de cá, do Ribeirão do Pilar foi uma experiência totalmente nova, pois me

encontrei imersa em uma nova cultura bem diferente daquela na qual estava habituada a viver, o que ocasionou estranhamentos e por outro lado, aprendizados.

Todo novo provoca reações, e uma das minhas reações foram os questionamentos, assim como os de Reigota: “Quem são essas pessoas que vêm das margens? Que histórias e conhecimentos trazem? Como chegam ali, como permanecem e como saem de um curso (...)?” (2010, p. 03). Diante de perguntas tão provocadoras, resta o percurso de se chegar às respostas. E para isso é preciso mudar. Mudanças muitas vezes provocam estranhamentos ao novo, mas são necessárias em determinado momento da vida. Mudar foi essencial para dar um passo a mais na vida profissional e realização pessoal, com o ingresso no Mestrado.

* * *

Desde então, o que segue são acontecimentos. O que move esta pesquisa é uma inquietação incansável por entender o diálogo entre educador/poeta/educando, com inserção da poética de Emmanuel Marinho no cotidiano escolar. A busca por esse entendimento foi impulsionada pela prática cotidiana em sala de aula, visto que muitos educadores ficam aprisionados a formatos/modelos visando o repasse de conteúdos em prol do cumprimento do currículo, que prioriza a aquisição de habilidades, cujo conhecimento fica limitado ao que é repassado em cada disciplina. Por outro lado, os estudantes se tornam meros coadjuvantes nesse processo de ensino-aprendizagem que é dirigido pelo currículo escolar. De acordo com Preve (2006), é na escola que o indivíduo torna-se “útil e dócil” de acordo com os padrões já estabelecidos:

São vários percursos, climas, encontros para se entender como a escola se torna, na nossa sociedade, espaço privilegiado da educação consentida pelas leis e condição obrigatória na vida de cada um sob o pretexto de direito à educação. É na escola que as forças se conjugam para a produção do indivíduo útil e dócil. (PREVE, 2006, p. 319)

A escola é o espaço privilegiado onde todos devem receber a educação, e conforme previsto em lei, esta se torna uma obrigatoriedade pela qual cada um deve passar. No entanto, o direito à educação se depara com um cotidiano pautado nas obrigatoriedades e imposições próprias do sistema educacional, que visa a construção de um indivíduo dócil e útil, deixando de lado a possibilidade de uma

educação libertadora (FREIRE, 1981), conforme sua realidade em prol da formação de um cidadão crítico frente à sociedade. Por esse motivo, o desenvolvimento desta pesquisa acontece como uma força que propulsiona os:

Encontros. Encantos. Imagens. Encontros com pessoas, palavras, imagens, ideias que nos encantam e nos movem, aumentam nossa potência de vida, potência-movimento para poder flui/fugir da paralisia dos pensamentos prontos e das atividades-repetição (burocráticas e administrativas) [...]. (SCARELI & FERNANDES, 2016, p.07)

Pensando nos encontros e encantos que poderiam ser possibilitados com uma prática que fugisse da anestesia imposta pelo sistema, de modo que, esta refletisse movimentos produtores de significados, no contexto das aulas de Língua Portuguesa nas séries finais do Ensino Fundamental da E. E. Padre Anchieta em Pilar do Sul – SP inicia-se esta pesquisa.

A mesma acontece com uma conexão entre a poética de Emmanuel Marinho e a estética do acontecimento que “é a arte de exigir da vida algo mais forte do que ela nos proporciona” (LINS, 2012, p. 18). Este movimento de exigir outras possibilidades da vida e das ações cotidianas de uma escola se torna algo concreto a partir do momento que há o diálogo destas com pensamentos que incitem tais práticas. Essa conversa acontece com Paulo Freire (1981; 1996) e sua Pedagogia que promove em nós educadores uma nova postura ante as ações cotidianas.

Para refletir sobre o cotidiano escolar, meio ambiente e seus múltiplos acontecimentos Nilda Alves (1998; 2000), Marcos Reigota (1994; 1999; 2010), Leandro Belinaso Guimarães (2008; 2010; 2015), Félix Guattari (1990), Gilles Deleuze (1997), Deleuze e Guattari (1997), Silvio Gallo (2002; 2003) e Daniel Lins (2009; 2012) proporcionaram um diálogo de modo que as reflexões promovidas com seus textos permitiram maneiras outras de entender esses temas. Com a poesia de Emmanuel Marinho, Manoel de Barros e Clarice Lispector com seu texto *Água Viva*, um mergulho no universo poético foi proporcionado.

Partindo do diálogo com esses autores, algumas movimentações e intervenções com leituras dramáticas, músicas e peças teatrais foram desenvolvidas. Junto a elas, como forma de extrair significados e forças em um espaço de criação coletiva no cotidiano escolar, a realização de oficinas de criação e escrita poética foram desenvolvidas, pois com elas é possível:

Problematizar pensamentos no interstício do ver e do falar, no limite do encontro e da separação; pensamentos fazendo problema ao tomar imagens e palavras na disjunção do ver e do falar. [...] Provocar devires-educação na/pela criação, abrindo brechas para uma educação-invenção esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontros, girando ventos em pensamentos. (ROMAGUERA & WUNDER, 2016, p. 126)

Este estudo empírico tem enfoque qualitativo e se deu pelo método pesquisa-ensino, pois este “refere-se a um princípio epistemológico condutor dos procedimentos em observação, qual seja, o conhecimento sobre o ensino se produz a partir de situações de ensino” (SOARES; ALMEIDA, 2012, p. 121). Este método, tem se tornado eficiente no desenvolvimento de pesquisas em ambientes escolares, nos quais se procura observar e poder identificar na ação educativa, o papel comunicativo e produtor de conhecimento. Para essa identificação é preciso:

Contextualizar, pois, a educação escolarizada passa por: abrir o leque das linguagens oral e escrita; acolher os múltiplos textos por elas configurados, como os televisuais, musicais, dramáticos, fotográficos, cinematográficos, corporais; escutar as singularidades das expressões no conjunto das multifacetadas vozes. O que implica admitir a educação escolarizada como um processo de comunicação específico, cuja especificidade reside em um trabalho intencional com o conhecimento, e que supõe a substituição do processo didático massificante por uma metodologia comunicacional de ensino (PENTEADO, 1997, p. 89).

Diante da minha prática cotidiana nas aulas de Língua Portuguesa, nas quais as inúmeras possibilidades com a linguagem oral e escrita ficavam restritas aos conteúdos dos livros didáticos e apostilas tornando o processo ensino-aprendizagem “massificante”, houve a substituição do processo educacional que oprime, por uma didática com vistas à comunicação, interação e socialização do estudante, foco desta pesquisa. Poder contar com a multiplicidade de artefatos tanto tecnológicos, estéticos e poéticos foi a força propulsora para melhorar a prática cotidiana, de modo que esta se tornasse produtora de significados e pensamentos outros. Para tais acontecimentos, tendo como embasamento o currículo, algumas brechas para aulas diferenciadas foram proporcionadas, inserindo a poética como norteadora das ações.

O desenvolvimento deste estudo está distribuído em seis capítulos. O primeiro, intitulado como Introdução, tem a função de fazer uma apresentação sobre os temas que permeiam esta dissertação.

Já o segundo capítulo intitulado como *Por uma poética da Educação: contribuições políticas e estéticas* com o objetivo de apresentar uma narrativa sobre os acontecimentos proporcionados em diversas leituras das disciplinas cursadas e com elas traçar uma trajetória do que fora o diálogo com os autores e suas contribuições.

No terceiro capítulo, cujo título já traz explícito o que tratará: *Poeticagens no cotidiano de uma sala de aula: uma experiência poético-político-estética* faz um relato das experiências e o modo como se deu o desenrolar das práticas em sala de aula, e quais foram as reverberações proporcionadas por elas, com alguns exemplos das produções que foram realizadas durante as aulas.

O quarto capítulo, *Entre retalhos e recortes, a poética alinhava a construção de significados no cotidiano escolar* são apresentadas além das produções dos estudantes com as práticas de oficinas em sala de aula, algumas análises das mesmas, e para estas, tem-se o embasamento teórico de Romaguera e Wunder (2016).

No quinto capítulo *Reverberações poéticas no cotidiano escolar que perpassaram a sala de aula* descrevo e analiso uma amostragem dos acontecimentos que resultaram desta pesquisa. Os mesmos se deram além da sala de aula: na sala dos professores da escola Padre Anchieta, no Sesc-Sorocaba e com a publicação de um livro de poemas dos estudantes.

Por fim, o sexto capítulo traz *Algumas Considerações*, que assim denomino, sem adjetivar final, no qual faço uma reflexão acerca desta pesquisa e seus resultados e penso que a mesma ainda não se aprisiona a finais concretos. Antes, deseja compartilhar uma experiência em aproximação com a dimensão estética.

2 POR UMA POÉTICA DA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES POLÍTICAS E ESTÉTICAS

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.
(Paulo Freire, 1996, p. 85)

Este momento da narrativa tem o intuito de fazer um panorama dos caminhos percorridos por esta professora-pesquisadora, de maneira a proporcionar reflexões acerca dos seminários, palestras, congressos e as reverberações destes, na *práxis* do cotidiano escolar e as suas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Para isto, será feita uma breve explanação das fruições que permitiram o conhecimento e o desenvolvimento de um pensamento voltado para uma educação sem conformismos.

Caminhos
Cada novo rumo
Gera expectativas
Frustrações
Fruições
Medos
Vontades
De vencê-lo
Acima de tudo e de todos.
Esta é a força
que determina toda caminhada:
No final, a vitória.

No caos dos trilhos nunca antes trilhados, o caminho, aos poucos, foi proporcionando aprendizados. As leituras realizadas no percurso das disciplinas promoveram conexões de pensamentos formando uma teia, na qual, temas diversos uniam-se uns aos outros dando sentido a conceitos, o que impulsionava ainda mais a viagem rumo ao conhecimento. Este que, por sua vez, é tão buscado e almejado pelos seres humanos foi adquirindo espaço no meu cotidiano, de uma maneira a suscitar reflexões acerca de tudo que diz respeito à Educação.

Mas, o que realmente vem a ser o conhecimento? Para esta pergunta, muitas vezes o significado que é atribuído a ela, diz respeito às pessoas mais idosas. De acordo com o senso comum, é tudo aquilo que elas vão adquirindo ao longo de suas

vidas. O conhecimento é adquirido com o tempo. No entanto, para o campo científico, a resposta a esta pergunta está relacionada ao campo Epistemológico. Falar sobre esse tema é o mesmo que se referir ao estudo da origem, da estrutura, dos métodos e da validade do conhecimento, pois este vocábulo é originado do grego *episteme*, que significa conhecimento/ ciência + *logos* que é o discurso/teoria. De acordo com Cunha (1994), epistemologia é o “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados da ciência já constituídos, e que visa determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo” (CUNHA, 1994, p. 308).

De acordo com essa definição, é possível dizer que toda pessoa se desenvolve a partir de uma forma de conhecimento, e este, por sua vez, acontece naturalmente e vai tomando o seu lugar e adquirindo confiabilidade, pois se trata de um conhecimento seguro, que tem fundamentação na ciência, que é resultado de um esforço intelectual, de estudo, de embasamentos e não somente do senso comum, que para a ciência é desprezível. Diante disso, epistemologia:

[...] fornece o instrumental necessário para centrar a ciência e a própria filosofia como objetos de estudo, garantindo indagações pertinentes aos seus princípios básicos ou fundamentos, estruturas epistemológicas internas e externas, condições de validade etc., ao mesmo tempo em que nos propicia a crítica e a recorrência desses elementos articulados à realidade sócio-histórica do objeto estudado, suas relações e interrelações. É no espaço epistemológico que ficam claras, não somente as diretrizes que orientarão o desvelamento do objeto de estudo, mas também o alinhar do *como* e do *porquê* fazê-lo, bem como buscando uma compreensão científica mais abrangente das influências que este sofre e exerce, situando-o, desta maneira, numa dada perspectiva paradigmática, se necessário. (LIMA, 2003, p. 02)

Com o surgimento da ciência, as respostas para os muitos porquês começam a ser encontradas; passa-se então a pensar que ela resolveria todos os problemas do mundo e dos homens. No início, a ciência foi tomada como a solução para tudo que pudesse acontecer. No entanto, com o passar do tempo e mesmo com todo o avanço ocorrido, a ciência não conseguiu resolver todos os problemas da humanidade, pois muitos deles, ainda precisam de soluções. Dessa forma, entende-se que a ciência é caracterizada como:

[...] o registro do conhecimento humano que se amplia e se refaz, se corrige e possibilita novas e distintas leituras de um mundo que precisa ser redescoberto e repensado a cada encontro e a cada achado científico que, por sua vez, deve ser estudado e entendido à luz de suas teias relacionais intrínseca e extrinsecamente dada a amplitude de “totalidade” que o próprio

termo ciência traz implícito em si. A ciência é, portanto, o elemento mobilizador do homem que sabe que seu conhecimento é relativo e que há muito por desbravar. Dito de outra forma, a ciência mobiliza o homem no desenvolvimento do conhecimento e mobiliza-se com o homem através da história, considerando e reconsiderando seus encaminhamentos à luz de uma reflexão consciente e sistemática como objeto processual e dinâmico e por isso mesmo sujeito a possíveis transformações. (LIMA, 2003, p. 02)

Por ser a ciência movida pelos acontecimentos da história, ela está passível de transformações, as mesmas a que o homem está sujeito em sua trajetória pela busca do conhecimento, por isso, ela traz responsabilidades e também riscos, portanto, é preciso estar ciente de que “a produção do conhecimento, como práxis, deve beneficiar os homens em suas relações sociais e materiais”. (LIMA, 2003, p. 07).

Ante a essa produção de conhecimento como *práxis* que beneficia as relações sociais entre os homens, ao adentrar para o cenário educacional, temos como suporte teórico, a Pedagogia de Paulo Freire. Sua teoria é permeada por provocações que suscitam discussões sobre um olhar humanizador voltado para a Educação e as relações entre educador/educando. Paulo Freire propõe a cada um, a construção de um pensamento crítico sobre a realidade educacional, e com isso a possibilidade de questionamentos acerca da Educação nos dias atuais.

Paulo Freire
Educador com olhar humanizador
Sua Pedagogia nos deixou um legado:
As relações entre educador/educando
Precisam ser repensadas.
Uma reflexão crítica sobre a prática
Necessita de urgência;
Com um olhar diferenciado
O Outro passa a ser notado.

Nós, que estamos inseridos na Educação, a partir das provocações de Paulo Freire notamos que mudanças são necessárias, tanto na maneira de pensar, quanto de agir, pois todos somos convidados a refletir sobre seus saberes relacionados à prática, visto que, vivemos em um sistema que muitas vezes não nos permite tais ações. Mas para Freire (1996) é preciso “alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo,

devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente” (FREIRE, 1996, p. 24).

Refletir a prática educativo-crítica é algo que deve acontecer desde o início da formação docente, para que, quando o educador adentrar ao cotidiano de uma escola esteja preparado para por em prática uma ação educativa que visa à reflexão crítica do educando. Nesse sentido, Gallo (2003) faz questionamentos pertinentes que deixam claro que a reflexão sobre a educação produzida na sociedade deve partir de todo cidadão:

[...] Mas refletir sobre a educação seria específico da filosofia? Cada educador não deve ele mesmo refletir sobre sua prática educativa? Indo além: cada educando não deve também refletir sobre a educação sob a qual padece? E mais longe ainda: não deve cada indivíduo de um grupo social refletir sobre a educação que essa sociedade produz? (GALLO, 2003, p. 65)

Esses questionamentos são provocadores e instigam os educadores a (re) pensarem suas práticas no cotidiano escolar, pois “a educação não é um fenômeno isolado, ela não pode ser vista fora das condições sociais e históricas” (NISKIER, 2001, p. 23). Pensando nisso, entende-se que o foco da educação muda de acordo com a realidade e o contexto histórico, pois “(...) a realidade se tornou tão poderosa, que se impõe desde o início dos homens, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático”. (ADORNO, 2012, p.144). Partindo destas reflexões sobre a educação no contexto social e histórico é preciso, antes,

*Ler além das letras
Ver o avesso das palavras.
(MARINHO, 2014)*

O ler além das letras e ver o avesso das palavras, como diz Emmanuel Marinho, é algo que é possível de ser realizado no cotidiano da educação: enxergar além pode proporcionar um olhar mais crítico acerca da realidade e fazer com que o Outro possa ser enxergado com outro olhar, independente da idade, religião, raça, sexo, cor, ele possa se sentir gente também. Gente que tenha a oportunidade de ler e entender o mundo no qual vive, sendo cidadão crítico e atuante na sociedade na qual está inserido, pois como disse Ana Maria A. Freire em uma entrevista dada a

Márcia A. Germano e Marcos Reigota “[...] o sonho de Paulo foi, indubitavelmente, o de que todos os seres humanos, independentemente de cor, religião, raça, etnia ou sexo, possam ser gente. Gente que leia e escreva entendendo a palavra, lendo o mundo [...].”(GERMANO; REIGOTA, 2009, p. 206)

Para Paulo Freire, a educação deve ser libertadora, de modo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.25), e nesse aprender/ensinar considera-se o educando como sujeito cultural, que carrega consigo uma história de vida, e que esta tem uma significação muito grande, não podendo este, desvincular-se de suas raízes e tradições. Mas é preciso inseri-lo em um contexto no qual possa ter a possibilidade de sonhar e lutar pelos seus sonhos, ter a consciência de que a mudança depende dele e que mesmo com as dificuldades possa entender que é possível.

Educação libertadora
Ensinar e aprender
Só ensina quem aprende
Libertar para pensar
Pensar para agir
Agir em prol
de uma sociedade
mais humana.

Partindo da reflexão das suas práticas no cotidiano escolar, os educadores são os principais representantes para que de fato ocorram as mudanças, especialmente no processo de formação de cidadãos críticos, pois “[...] fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 43-44)

Refletir para melhorar a prática do amanhã e participar ativamente em conjunto, para a construção do novo são características do professor que milita em prol de uma educação melhor. Reflexões sobre essa militância e engajamento do educador são feitas por Gallo (2003) que diz ser a prática vivida em conjunto a derivação da construção do conhecimento de forma coletiva:

[...] não seria necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo*. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for,

porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. (GALLO, 2003, p.73)

É com a prática do professor militante, com o pensamento voltado para o coletivo, visando melhorar o fazer de amanhã, que ele contribuirá para o desenvolvimento de jovens críticos, que se apoderem do saber para poderem transformar a si mesmos e também à sociedade, com suas atitudes e pensamentos críticos, em prol de uma sociedade mais justa e menos desumana.

No entanto, todo o movimento de mudança exige muita coragem e determinação na sua realização, “mudar é difícil, mas não é impossível”, (GERMANO; REIGOTA, 2009, p. 206). Para esse processo acontecer, cada educador deve refletir primeiramente seu modo de pensar e agir diante das questões nas quais se deparam no cotidiano escolar e no convívio com jovens que podem ter o direito de sonhar e acreditar na concretização de seus sonhos:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1981, p. 92 grifo do autor)

Contudo, para aplicar esta prática humanizadora, não silenciosa nem nutrida de falsas palavras, como diz Freire, nos deparamos com um sistema que quer que permaneçamos com o mesmo pensamento de antes, que estejamos voltados para uma Educação bancária, na qual “[...] implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos [...] e “[...] o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos [...]” (FREIRE, 1981, p. 80-82) e esse tipo de educação não possibilita ao indivíduo qualquer possibilidade de transformação. Mas, é possível dizer que, mesmo diante das dificuldades na concretização de uma prática problematizadora e ao mesmo tempo transformadora, cujo foco está centrado nos educandos no sentido de “[...] desenvolver o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais com uma realidade estática, mas com uma realidade em transformação, em processo”. (FREIRE, 1981, p. 82)

Problematizar a educação é possível ao educador, pois só assim, cumprirá o seu papel de transformar, superar as contradições entre educador-educando, de forma que o aprender seja algo que aconteça ao mesmo tempo, tanto para educador, quanto para educando. A importância de recriar a educação está pautada na possibilidade de sair desse

*Grande curral
De homens e máquinas
Vasto pasto
De gado perdido
Marcado a ferro
Corrosivo
Vivo sem saber.
(MARINHO, 1986, p. 43)*

Para Paulo Freire resta o compromisso dos educadores para com os educandos, com uma pedagogia de respeito, amor, amizade numa relação de doação, dando liberdade para os aprendizes se descobrirem como autores de transformação e mudança de si mesmos e do mundo.

Seu legado hoje, para nós educadores, é o de manter esse pensamento vivo, e que com uma alfabetização humanizadora estimule estudantes a fazerem parte de projetos que possam refletir criticamente sobre suas vidas. Freire nos mostra que uma pedagogia questionadora pode propiciar uma educação emancipatória, diferente da bancária, na qual de acordo com Glass, “os professores são reduzidos a sistemas robotizados de fornecimento de currículo lendo instruções de um roteiro para estudantes que são, eles mesmos, reduzidos a máquinas que repetem a orientação recebida”. (GLASS, 2013, p. 833)

O reconhecimento do ser humano como produtor de história e cultura liberta porque ao mesmo tempo a história e a cultura marcam o homem e isso revela o seu espaço para a liberdade e compreensão do mundo que o cerca, pois é:

Por meio do nosso trabalho, por meio de nossa atividade em nossas vidas cotidianas, produzimos nossa subsistência e também os sentidos de que são imbuídos nossas atividades. O ambiente concreto de nossos corpos materiais e o mundo natural circundante condicionam nossa produtividade; similarmente, a história e a cultura da comunidade, na qual fomos jogados e na qual chegamos à consciência, condicionam os sentidos com os quais compreendemos nosso mundo e a nós mesmos. (GLASS, 2013, p. 835)

Paulo Freire esclarece que deve-se contestar as condições de vida desumanizadoras e opressoras e a opressão é um ato desumanizador, que impede os seres humanos de se conceberem conscientes de sua liberdade. Toda opressão inspira injustiça, moldando o modo de pensar e de agir daqueles que pensam e sonham em um dia ter uma sociedade mais democrática e justa, sem esquecer que esses indivíduos a partir do momento que têm consciência de seu papel no mundo, de percebê-lo e compreendê-lo, têm a capacidade de transformá-lo.

A opressão faz do indivíduo um ser marginalizado e impedido da sua liberdade à reversão desta situação se dá a partir do momento que se oferece a este ser oprimido, uma pedagogia libertadora que proporcione a ele uma consciência crítica, que transforme a si e ao mundo, com o intuito de propiciar um despertar deste indivíduo como sujeito autêntico e crítico, transformador de sua realidade por meio do que aprendeu. Freire nos deixou o seu legado humanizador de modo a transformar, com amor e dedicação, a nossa realidade e a de muitas pessoas. Cabe a nós, educadores, aceitarmos este legado e o colocarmos em prática no nosso cotidiano, como forma de amenizar as opressões tão evidentes e frequentes em nossa sociedade, porquanto:

O conhecimento crítico desconstrói a historicidade de ser e saber, revela os limites e possibilidades em cada situação, desnaturaliza ideologias dominantes que invadem a experiência e ilumina do eu as dinâmicas formativas constituintes do eu. Este conhecimento emerge dos profundos lugares do ser e, à primeira vista, é incipiente em nossos corpos, apresentando-se como intuição, como sentimentos aguardando por expressão [...] (GLASS, 2013, p. 839).

Quando é dada a oportunidade para o indivíduo construir a sua história e se tornar um cidadão crítico e capaz de fazer uma leitura mais aprofundada do mundo no qual ele vive, possibilita-se também, oportunidades de transformação não somente individual, mas também, de forma coletiva. Certo inquietamento e desconforto é o que provoca a teoria freireana em cada um que se vê diante dela.

Sair da anestesia e da “mesmice” que o sistema educacional nos impõe é fundamental, pois os comportamentos no tempo presente, as sensações, as situações e as vivências colaboram para a transmissão de conhecimento entre educador/educando e educando/educador. Com essas trocas ocorre o aprendizado e só se ensina realmente, quando se pode aprender. Para que ocorra esta partilha de saberes, o envolvimento de todos com o processo educacional faz-se pertinente

e deve-se também estar sempre atentos às sensibilidades provocadas pelas mais diversas manifestações culturais: do teatro, da dança, da música, das ciências, da literatura.

Estas diversidades podem instigar no outro a possibilidade de pensamento, o estudar, pesquisar e o discutir, dando a ele a oportunidade de encarar o mundo que o cerca e seus questionamentos com outro olhar, repleto de significados que o despertam para ser um cidadão crítico e atuante na sociedade na qual está inserido, pois a maneira de existir, de ouvir, ver e de sentir nos caracteriza como seres culturais, participantes e atuantes em uma determinada cultura, que contribui para a produção de subjetividade, seja de maneira individual ou coletivamente. Para tanto, deve-se refletir acerca dos dispositivos produtores de subjetividade, de maneira que esta aconteça:

Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte, etc. – trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI, 1990, p. 15)

A nós educadores, para entendermos os dispositivos produtores de subjetividades, resta silenciar-nos e refletir sobre cada um deles em nossa prática pedagógica, “porém, frente ao barulho, ao mundo como controvérsia, repleto de informações a serem destrinchadas, quem sabe a busca de um outro ritmo mais delicado, mais silencioso” (GUIMARÃES, 2015, p.60). E a busca pelo silêncio é um exercício que exige certa disposição e reflexão, o que permite começar a enxergar as situações de ensino-aprendizagem com outro olhar, que nos permita outra forma de atuar e de ver o mundo. Nós, educadores, precisamos desse silêncio, desse tempo de reflexão, dessa transformação, pois só assim, entenderemos que o silêncio do outro está presente o tempo todo, e que este “seria um silencioso movimento de escuta, nas práticas pedagógicas que potencializamos, daqueles/as que vêm das margens, ou seja, dos anônimos” (GUIMARÃES, 2015, p. 62). É somente escutando o outro, que damos a oportunidade dele refletir e expressar seu modo de pensar, pois com a produção de subjetividades e com as indagações, que ocorre a descentralização do poder.

Esse novo olhar e outra forma de pensar acontecem quando nos atentamos à perspectiva ecologista de educação que possibilita outras vias teórico-metodológicas e críticas que, para além da produção de conhecimento científico oferecem modos de resistência social. Uma vez que entendamos que meio ambiente é onde estamos, o que vemos – a singularidade do lugar e do momento em que vivemos, é possível, em qualquer área, ampliar essa visão.

Não importa mais o local onde você esteja, o que importa é onde e como você está conectado com a cultura. Segundo Reigota, a cultura é “como um processo ágil de deglutição cotidiana de inúmeras referências” (1999, p. 27), e estudar cultura, é mergulhar em ideias, experiências e sentimentos relativos às infinitas formas de expressão de vida.

Entendendo isso, diálogos e modos de compreender a sociedade são possibilitados, assim como o entendimento do ser humano com suas semelhanças e divergências, em uma:

[...] perspectiva ético-política que atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais, etc [...] (GUATTARI, 1990, p. 15)

Para construir uma “pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais”, rompendo com os limites impostos pela sociedade, dando novos significados à vida, deve-se abranger também o entendimento do meio ambiente enquanto prática pedagógica. Mas faz-se indispensável “estar atentos para não pensarmos que cada indivíduo, solitariamente através de sua consciência, seja capaz de construir sua própria ideia de natureza. Tais ideias são definidas cultural e historicamente”. (GUIMARÃES, 2008, p.88)

Para isso acontecer, não são necessários grandes recursos. Basta adaptarmos em nossas práticas pedagógicas os produtos culturais como a internet, o cinema, o teatro, e de modo especial, a poesia. Logo, as “novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro [...]” (GUATTARI, 1990, p.55), possibilitam mudanças nas maneiras de pensar de modo que a construção de subjetividades aconteça. Estas acontecem individualmente em algumas vezes, e em outras, de forma coletiva, com influência não-humana e com as máquinas sociais (GUATTARI, 1990).

No entanto, a partir do momento que deixamos de lado a mesmice cotidiana e nos abrimos para o novo, começamos a enxergar além do que estávamos condicionados a ver, e também a perceber e pensar a sociedade com outros olhares e reflexões.

O novo, as mudanças e a produção de subjetividades são proporcionadas ao longo da nossa jornada, com as contribuições de autores que com a força de sua escrita adentra o nosso ser e transforma a maneira de vermos e agirmos cotidianamente.

Clarice Lispector e Emmanuel Marinho atingiram-me com suas forças poéticas, a ponto de, contagiarem o meu modo de pensar e escrever, e suas obras com a potência criadora na escrita de ambos foram subsídios fundamentais para o meu desenvolvimento como escritora.

2.1 Contribuições poéticas: de Clarice Lispector a Emmanuel Marinho, a força das palavras bailarinas

*[...] E antes de mais nada
te escrevo dura escritura.
Quero como poder
pegar com a mão a palavra.
A palavra é objeto?
E aos instantes eu lhes tiro o sumo de fruta.
Tenho de me destituir
para alcançar cerne e semente de vida.
O instante é semente viva.
(LISPECTOR, 1998, p. 12)²*

As palavras. Ah, as palavras, quanto encanto elas produzem e quão graciosas são quando bailam nas folhas de papel e fazem seus leitores se deliciarem nos seus ritmos avassaladores e produtores de significados, sonhos, magia, sedução.

Juntas, as palavras têm esse poder de serem bailarinas conduzidas pelo ritmo da escrita e da poesia. É o que acontece com o poema de Emmanuel Marinho que se transformou ao ser unido com a imagem.

² As citações de Clarice Lispector, do livro *Água Viva* (1998), mesmo este sendo escrito em prosa, neste texto, recebeu o formato de poema, por se tratar de uma escrita permeada pela poética, merece tal tratamento.

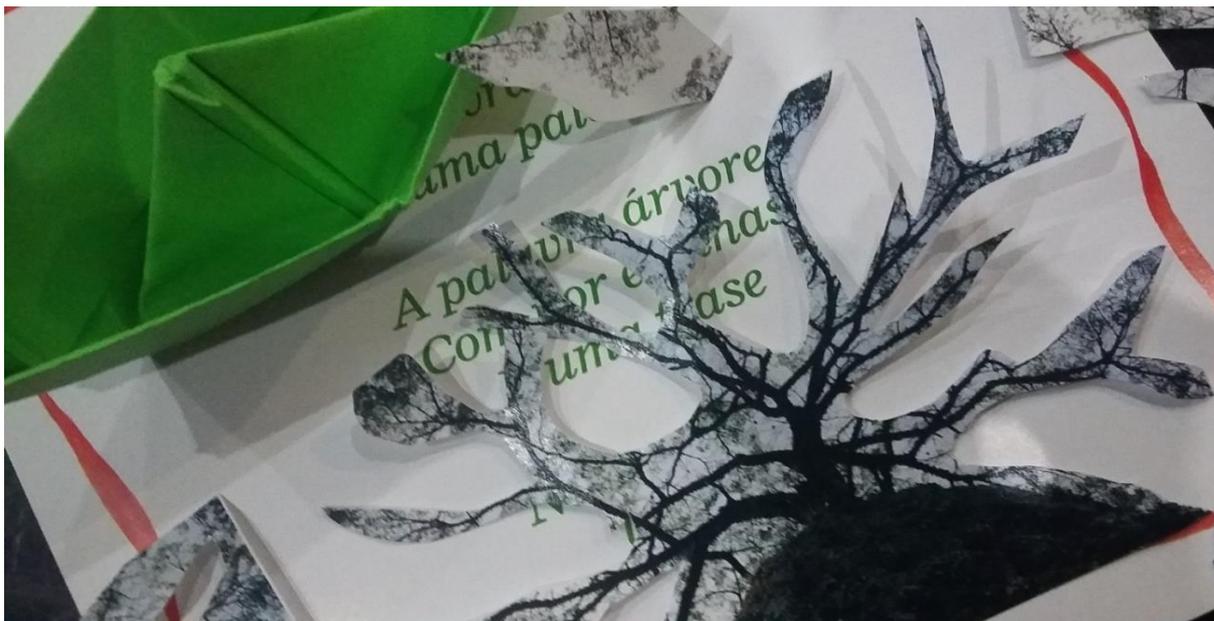


Foto 2: Criação no Banquete Poético realizado no Grupo Ritmos – UNISO. Fonte: Arquivo pessoal.

*A palavra árvore
É uma palavra
A palavra árvore
Com folhas e folhagens
É uma frase
Nela cantando uma ave
É poesia na paisagem.
(MARINHO, 2015)*

Emmanuel Marinho, ao definir a palavra árvore diz que, sozinha é apenas uma palavra, mas se colocarmos um pássaro cantando nela, a poesia adentra na paisagem. O mesmo se dá quando juntamos poesia e imagens, as possibilidades criadoras vão aflorando de uma maneira muito espontânea, de modo que, as criações tomam forma, e a poesia se transforma. As inspirações são embaladas pelo ritmo da poesia e da imaginação. É o que revelam as imagens que compõem esse trecho da escrita, pois elas são parte das criações que foram inspiradas pela poesia de Emmanuel Marinho e imagens aleatórias, na Oficina de Escrita Inventiva, que aconteceu em Setembro de 2017, no Grupo de estudos “Grupo Ritmos: Estética no Cotidiano Escolar”³ da Universidade de Sorocaba - Uniso. Assim como na oficina, as criações foram permeadas por poemas do poeta.

³ O “Grupo Ritmos: Estética no Cotidiano Escolar” faz parte da Pós-Graduação em Educação e é coordenado pela Prof. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera.



Foto 3: Criação no Banquete Poético realizado no Grupo Ritmos – UNISO. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao definir a poesia contida na palavra árvore, Marinho também deixa evidente a importância das palavras para o escritor. Saber usá-la é uma obra de arte que vai além da caneta e do papel, pois escrever permite uma viagem aos significados e significantes que existem por trás de cada enunciado.

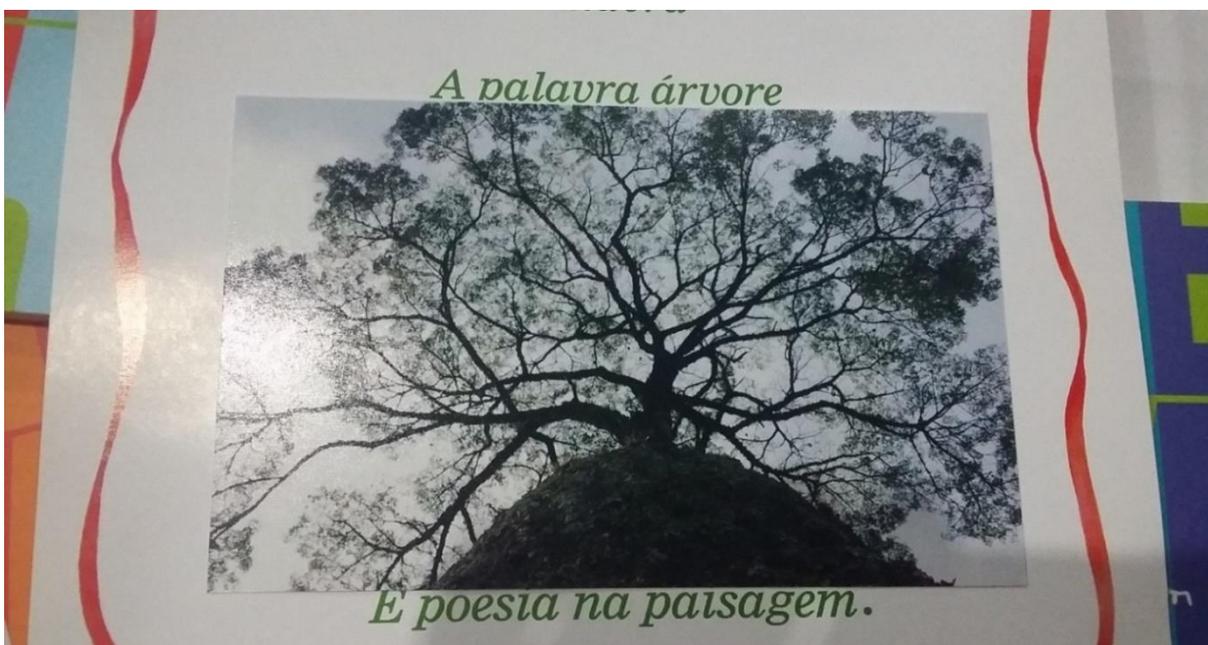


Foto 4: Criação no Banquete Poético realizado no Grupo Ritmos – UNISO. Fonte: Arquivo pessoal.

Mesmo diante dessas possibilidades significativas, qual atitude tomar diante de uma página em branco? Como dispor as palavras na sintonia necessária para

que elas possam executar a sua dança? Manoel de Barros, em seu poema *O Livro sobre nada*, brinca com o poder que as palavras e a poesia exercem em sua vida:

*[...] Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.
 Tem mais presença em mim o que me falta. [...]
 Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.
 O meu amanhecer vai ser de noite.
 Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.
 O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo.
 Meu avesso é mais visível do que um poste.
 Sábio é o que adivinha. [...]
 As palavras me escondem sem cuidado.
 Aonde eu não estou as palavras me acham.
 Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.
 Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.
 A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.
 Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.
 Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria. [...]*
 (BARROS, 1996, p. 67-71)

Manoel de Barros usa a palavra em sua vida, de maneira muito particular, de modo que os desejos mais escondidos sejam externados em um aventurar-se na disposição das palavras em uma folha em branco. Para Mário Quintana, “Uma página em branco é a virgindade mais desamparada que existe. Só por isso é que abusam tanto dela, que fazem tudo dela...” (2013, p. 55) e com isso evidencia o quão importante é o ato de escrever, sendo que a busca pelas palavras ideais deve ser o que impulsiona, dá vida e revela o mundo em si.

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema *A palavra mágica*, tenta encontrar o melhor significado para a palavra:

*Certa palavra dorme na sombra
 De um livro raro.
 Como desencantá-la?
 É a senha da vida
 A senha do mundo.
 Vou procurá-la.*

Vou procurá-la a vida inteira
No mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
Não desanimo,
Procuro sempre
Procuro sempre, e minha procura
Ficará sendo
Minha palavra.
 (ANDRADE, 2015, p. 854)

O poeta vive em busca de um significado para a palavra mágica e nos impulsiona a crer que ela realmente o é, pois descreve o mundo, ao invés de concebê-lo. Por ela estar guardada em um livro raro, depreende-se que ela possui a sua preciosidade linguística e poética, e para que ela realize o efeito esperado, é necessário encontrá-la para dar liberdade, vida e significados diversos que a ela compete. Sobre isso diz Clarice Lispector: “[...] E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, [...]. Para te dizer o seu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já” (LISPECTOR, 1998, p.11).

O usar as palavras tendo em vista o sentido que elas proporcionam, como algo que adentra o corpo e propicia o entendimento, só é encontrado na essência de seus instantes, assim como disse Lispector. Dessa forma, é importante salientar que “[...] se escrevo, outros dizem através de mim – muitas vozes, algum silêncio, pregos, cacos e lenços [...]” (MACEDO, 2012, p.170). Com a escrita, essas inúmeras vozes presas ecoam por meio do que as palavras gritam em cada página impressa.

Ainda sobre o ato da escrita, a mesma autora diz:

[...] engraçado como me torno frágil diante da escrita, como retorno a uma espécie de bastidor do “eu” e, podendo optar, não tento ser – pois prefiro, ao invés de pretender ser o ponto a partir do qual tudo irradia, entrar no jorro em que a escrita me leva. (MACEDO, 2012, p. 170)

“Entrar no jorro em que a escrita me leva” é deixar-se conduzir por suas inebriantes ondas e nelas adentrar ao que de mais profundo e desconhecido é o mundo da escrita. Um mundo que só consegue acessar, aquele que se permite mergulhar em seus profundos significados, deles retirar a sua essência e transpor para as páginas em branco.

As escritas de Clarice Lispector e Emmanuel Marinho serviram de referência para mim e por isso fui conduzida por elas, que afetaram o desenvolvimento de tudo o que fora escrito nesta dissertação. Ambos foram referências fundamentais para o meu desabrochar de escritora, e por esse motivo mereceram um capítulo de reflexão sobre suas escritas, no qual, seus textos, com uma proximidade visível no que diz respeito à maneira de escrever embalaram os meus pensamentos e minha escrita.

2.2 A escrita-bailarina: uma dança de vai e vem nas linhas do devir

Escrever, eis um exercício que perpassa por todas as linhas da fragilidade do eu, e conduz a uma viagem que começa no mais profundo do ser e irradia os limites das páginas em branco em um esforço único de devir, pois:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. (DELEUZE, 1997, p. 11)

Extravasar na escrita é algo que vai além de um simples preencher as páginas em branco; é um perpassar a vida e dela retirar a essência e transpor em palavras, num ato criador, assim como explicita Daniel Lins (2009):

[...] criar o que ainda não foi criado, manuseando pensamentos desconhecidos no encaço de uma outra possibilidade para a escrita. Escrever é um ruidoso caso de força, um movimento irreconciliável que acontece por fora do horizonte mapeado pela literatura historiada, na direção de um devir outro da escrita. Escrever é criar. É atravessar a sensível teia do tempo, enredando-se nas bordas do acontecimento, desviando da sombra da herança em favor de uma singularidade, de um escrever que não se concilia com a identidade, tampouco com a arborescência, com o que remete a uma raiz ou a uma estrutura que verticaliza tudo. Na outra margem, entendemos que escrever é colocar-se em movimento, soltar a mão, apartar-se do uno, das idiossincrasias [...] (LINS, 2009, p. 03)

Esse exercício de usar a palavra de maneira intensa provoca reverberações capazes de dizer o indizível, romper silêncios ou produzir outros mais; ou ainda, provocar barulhos ensurdecadores. A intensidade provocativa do uso das palavras que não sabemos de onde vem, é a que nos sacode, faz com que percamos o rumo

e de certa forma nos toma por inteiro revelando um mundo novo, único e raro, a escrita é um constante devir.

Escrever é um ato que não pode ser separado do devir: “a escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível” (DELEUZE, 1997, p. 11). Para escrever, deixa-se possuir por essa força propulsora que existe nas palavras, num ato de entrega intensa, de modo que escrever é algo que não se desvincula de quem a escreve, pois:

[...] Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. (FOUCAULT, 2009, p. 268)

O sujeito não parar de desaparecer quando escreve, indica que a escrita sempre reflete o mais profundo do interior daquele que projetou as palavras em uma página em branco, dando vida e liberdade a elas, que até então eram guardadas nos recônditos de sua intimidade e solidão, e ao transcrevê-las ele as perde e ao mesmo tempo as encontra numa melodia poética e dançante, “nessa de poder, com alguma dose de solidão, aos poucos no exercício de me perder, escrever tornou-se algo fundamental pra mim: algo acontece/dá-se às superfícies [...], somente na ocasião em que escrevo”. (MACEDO, 2012, p.170)

Escrever é:
 Adentrar nas profundezas
 Da solidão
 E do silêncio;
 Num exercício de encontro
 Do eu e da força.
 É perder-se nas palavras
 Encontrar-se consigo mesmo
 E com os significados
 Que emergem
 Com cada palavra.

Esse ato de encontrar no silêncio e na solidão inspiração para dispor de forma harmoniosa as palavras, é algo que leva o escritor ao mais profundo dos seus sentimentos e deles emergem tudo que o “eu solitário” sente necessidade de

exteriorizar, de transpor para o papel e de fazê-lo dançar com as palavras. Sobre tal exercício acrobático, Lispector afirma que:

*A harmonia secreta da desarmonia:
quero não o que está feito,
mas o que tortuosamente ainda se faz.
Minhas desequilibradas palavras
são o luxo de meu silêncio.
Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas –
escrevo por profundamente querer falar.
Embora escrever só esteja me dando
a grande medida do silêncio.
(LISPECTOR, 1998, p. 12)*

Em complemento ao que diz Lispector, Costa (2011) se refere ao ato de escrever como algo que nasce não sabemos de onde e nem porque, mas que, por nascer desse desconhecido, nos abala as estruturas fazendo com que ao perder o prumo, possamos sair da inércia de outrora e nos encontrar nas palavras que se tornam vivas nas páginas escritas:

Justamente esse dizer concentrado, que emerge não sabemos de onde, mas que nos espanta com o seu brotar, é o que nos faz perder o prumo, sacudindo-nos e retirando-nos de nosso hábito, fazendo-nos suspeitar de que ele tem sua proveniência numa habitação a partir da qual isso que é a linguagem vem à tona e torna-se palavra viva, que já sempre antes é compacta e reveladora de mundo. (COSTA, 2011, p. 06)

Ao refletir sobre esse poder avassalador que as palavras exercem em cada um que se dispõe a dar vida a elas, parafraseio Cecília Meireles (2011), em *Antologia Poética*, “Eu escrevo porque o instante existe”. Podendo perceber a existência desse instante que proporciona a escrita, o que vem à tona com as palavras, de maneira encantadora revela muito do mundo, como se elas tivessem simplesmente ali e à inteira disposição do seu detentor, o escritor. Diante dessa disposição das palavras, eis que elas surgem e preenchem a folha em branco da imaginação:

POEMA QUE NASCEU NA INFÂNCIA

*Quando eu era criança
Já era poeta:
Brincava com as palavras,
E fazia poesia
com as folhas caídas das árvores
Cantava junto com os pássaros
E contemplava as maravilhas da vida;
Os sabores também.
O tempo passou e a poesia cessou.
Que triste, a criança sumiu
E as inocências poéticas também.
Mas hoje vivendo
muito distante daquele tempo
Em que eu colhia poesia
da goiabeira e da mangueira
E fazia música
com o barulho da chuva
E contemplava o pôr do sol
Com um entusiasmo
Que só os poetas conseguem ter,
Vivo poesia
E aquele olhar de criança
Permanece ainda comigo,
Quando contemplo a vida
com o olhar do poeta.
O poeta que canta e dança
com suas palavras
Em uma folha em branco
Para que essa música
possa chegar e embalar
Muitos outros poetas que como eu,
Era poeta sem mesmo saber
o que queria dizer a palavra poeta.
(FAUSTINO, 2017, p. 09)*

Mas será que realmente é tão fácil se apossar dessas palavras, que já são encantadas por natureza, e que estão inteiramente prontas para serem apanhadas e embaladas poeticamente? Manoel de Barros em seu poema *O apanhador de desperdícios* (2003) retrata a importância da palavra e para que ele as usa:

*Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes. [...]
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz
 tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.
 (BARROS, 2003, p. 09)*

Escrever, para alguns pode ser um ato simples e fácil. Poderia ser simplesmente preencher as páginas com ideias que vão surgindo, e conduzindo-as para um ponto final e pronto. No entanto, esse escrever vai um pouco além de preencher espaços vazios, uma vez que, quem escreve dá movimento a significados capazes de representar um eu que se desfez para representar o outro, de modo que:

Escrever tem mais a ver com tornar-se outro a partir do *mim* que se desmonta – e não um outro determinado, mas o outro além-de-si que a linguagem convoca como sendo o depositário de sentidos (presenças e ausências) de uma cultura; escrever tem mais a ver com remexer, e com isso movimentar, do que assentar uma cultura, representando-a. Assim, tem a ver com se deixar perpassar – gosto de dizer “possuir”, para aludir aos demônios (figuras culturais fortes) – pelas forças culturais através da linguagem, sendo o verso / avesso das sintaxes de ordem, das gramáticas de coisas, da identidade (de povos, mensagens e sintaxes). (MACEDO, 2012, p.172)

Esse remexer de quem escreve está relacionado com a luta que este trava com as palavras, pois estas já são por si só, completas, e só precisam ser conduzidas, harmoniosamente, com todo seu encanto, nas entrelinhas da melodia e que se tornam eficazes a partir da entoação dada por quem escreve, percorrendo toda a obra em si, de modo que “quando o fim se aproxima, já não restam imagens

da recordação; só restam palavras [...]” (BORGES, 1999, p. 24). Ao restar somente palavras ao invés de recordações, é possível inferir que as palavras já são parte do real,

*Sim, quero a palavra última
que também é tão primeira
que já se confunde
com a parte intangível do real.
(LISPECTOR, 1998, p. 03)*

Diante desse intangível do real que perpassa a palavra, pressupõe-se que escrever propicia uma melodiosa harmonia em cada palavra que vai surgindo nas páginas em branco, de forma que a escrita possa bailar, delicadamente nos seus significados, representando o mundo tal qual é.

2.3 Clarice Lispector e a escrita-bailarina em *Água viva*

Para melhor entender e conceituar a escrita-bailarina, termo atribuído por Lins, (2004) recorreremos mais uma vez à obra *Água Viva* de Clarice Lispector na qual esse tipo de escrita acontece como no ritmo de uma dança, no embalo das palavras no folhear de cada uma de suas páginas:

*Escrevo-te toda inteira
e sinto um sabor em ser
e o sabor-a-ti é abstrato
como o instante.
[...] Não se compreende-se música:
ouve-se.
Ouve-me então com teu corpo inteiro.
Quando vieres a me ler
perguntarás por que não me restrinjo
à pintura e às minhas exposições,
já que escrevo tosco e sem ordem.
É que agora sinto
necessidade de palavras –
e é novo pra mim o que escrevo
porque a minha verdadeira palavra
foi até agora intocada.
(LISPECTOR, 1998, p.10-11)*

Para iniciar esta discussão acerca da escrita-bailarina na obra *Água Viva* de Clarice Lispector, faz-se necessário então, depreender o que realmente vem a ser esse tipo de escrita. Para tal, Daniel Lins (2004) desenvolve uma análise em seu texto *Clarice Lispector: a escrita bailarina*. Sobre a escrita de Clarice, ele declara que,

A escrita de Clarice Lispector tende a embaralhar a fronteira entre a palavra e música – música como corpo – que a acompanha como se palavra e música não fossem senão uma só carne, *continuum* sonoro e coreográfico. Trata-se, pois, de uma escrita como interpretação musical compreendida em termos de coreografia e afecções, uma escrita que possui a capacidade de decifrar o corpo do instrumentista - diríamos quase, do escritor - como um corpo bailarino. (LINS, 2004, p. 45)

Compreende-se então, que Clarice escreve de uma maneira, tal qual, a música: toca o corpo e a alma. Em suas palavras há musicalidade e em uma escrita, que está sempre por vir, ocorre sem aprisionamentos, o entrelaçamento entre melodia e corpo, podendo considerar:

O corpo como pensamento melódico, o corpo como saúde, isto é, como literatura sem o aprisionamento de uma língua que a asfixia na nulidade de uma escritura que se substitui, como um câncer, ao fogo da escrita. A escrita sempre por vir. (LINS, 2009, p. 08).

Este por vir da escrita encontra-se na capacidade de produção de sentidos e manifesta-se na sonoridade contida nas palavras desde o momento em que estas ainda pertencem ao escritor; em seguida, são transcritas como se música e palavras não tivessem distinções entre si, “num pensamento rítmico, que passa necessariamente por uma escrita dançarina que gera o acontecimento *Est-Ético* como dobra das dobras, como movimento” (LINS, 2012, p.18).

Clarice, com sua escrita única e singular, na qual as palavras se tornam bailarinas nas páginas de *Água Viva*, escreve como se estivesse em um:

[...] eterno devir, utilizando as palavras para tentar encontrar as entrelinhas, a palavra colhendo o que não é palavra e, a partir daí, se escreve. Como uma flecha em direção ao seu alvo, sendo o importante a sombra da flecha, pois as palavras são insuficientes para delinear a experiência interior, que só pode ser abordada na vitalidade do próprio ato, na pulsação do seu presente. (BELANDO, 2013, p. 157)

Ao refletir sobre essa escrita dançante e que por meio desta dança provoca acontecimento *Est-Ético*, como na reflexão de Lins (2012), temos que primeiramente inferir o que estas palavras nos dizem; o que realmente podemos considerar acontecimento e ainda mais, o acontecimento *Est-Ético*. Para isso, se faz pertinente a seguinte explicação sobre o que vem a ser acontecimento:

A palavra “acontecimento” provém da palavra latina *eventus*, a qual, por seu lado, deriva de *evenire*, que significa “vir de”, “chegar”. Outras derivações do vocábulo podem ser “eventual”, “eventualidade”. No contexto da teoria das probabilidades, “acontecimento” designa a realização de uma certa possibilidade a partir de um determinado conjunto de condições. Se, em presença de um conjunto de condições, o acontecimento se produz de maneira *inevitável*, denomina-se *fidedigno*. Se, face a estas mesmas condições, o acontecimento não pode ocorrer, denomina-se *impossível*. O acontecimento que pode ou não ocorrer chama-se *casual*. Os acontecimentos “*casuais únicos*” apenas podem caracterizar-se *quantitativamente*. (CARVALHO, 2006, p. 14, grifos do autor)

Para Deleuze; Guattari (1997), o acontecimento,

Não mais é o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento que é um entre-tempo: o entre tempo não é eterno, mas também não é tempo, é devir. O entre-tempo, o acontecimento, é sempre um tempo morto, lá onde nada se passa, uma espera infinita que já passou infinitamente, espera e reserva. Este tempo morto não sucede ao que acontece, coexiste com o instante ou o tempo do acidente, mas com a imensidade do tempo vazio, em que o vemos ainda por vir e já chegado, na estranha indiferença de uma intuição intelectual. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 187-188)

Entende-se então, partindo destes significados para acontecimento que, ele não diz ou se explica, apenas se vive. Ele é algo inesperado, ocorre sem ao menos percebermos, é considerado como extraordinário, que tem a potência de permitir experiências, vivências e conhecimentos inusitados, provocando o rompimento para um pensamento novo; um devir.

Considera-se ainda, que um acontecimento não é aquilo sobre o qual experimentamos, mas justamente esse outro que faz experiência em nós, porque é algo que nos acontece e não nos deixa iguais. É algo que nos toca, transpassa, desperta, modifica. Entende-se então, o acontecimento como uma relação de forças que modifica, dependendo das condições em que ele se produz. Para entendermos o acontecimento,

Começamos sempre na ordem da palavra, mas não na da linguagem, em que tudo deve ser dado simultaneamente, em um golpe único. Há sempre alguém que começa a falar, aquele que fala é o manifestante, aquilo que fala é o designado; o que se diz são as significações. O acontecimento não é nada disto: ele não fala mais do que dele se fala ou do que se o diz. E, no entanto, ele pertence de tal forma à linguagem, habita-a tanto que não existe fora das proposições que o exprimem. Mas ele não se confunde com elas, o expresso não se confunde com a expressão. (DELEUZE, 1997, p.187).

Então, o acontecimento não é algo que se dá por acaso. Ele é único e ilimitado, o que possibilita a sua exclusividade. Mas, como entender o acontecimento *Est-Ético*? Para Lins:

De fato, a junção dessas duas forças, ao invés de representar um “casamento”, uma história de “casal”, entra no campo ondulado de passagens, encontros, contaminações, núpcias, em permanente processo de desafio à tendência amorfa da existência, da vida cloroformizada pelo cotidiano: pelo mesmo, sem repetição nem *diferenças que diferem*. Est-Ética, ou estética como acontecimento, é a arte de exigir da vida algo mais forte do que ela nos proporciona. Potente, inventora, a vida, às vezes, pede socorro! (LINS, 2012, p. 18),

Diante desses esclarecimentos é perceptível o quanto a escrita de Clarice Lispector é permeada por uma estética do acontecimento, visto que, ao percorrer as páginas de seu livro, nos deparamos com uma escrita que se difere, pois “o que Clarice revela em *Água Viva*, [...] é o jorro de uma energia que não se sabe nascida da escrita ou da música, da escrita como música: núcleo de uma vontade de potência que transforma a estética do movimento em pura intensidade [...]” (LINS, 2004, p. 45),

Essa diferença em Clarice é o que incita provocações, reflexões e promove certo desconforto devido sua potência em causar estranhamentos com seu jeito de usar as palavras, pois ao escrever, a autora “busca o segredo em conteúdos, mesmo insignificantes, entreabertos, entrepercebidos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 86).

Essa busca insignificante de Clarice é produzida em *Água Viva*, que partindo de uma linguagem única dá vida às palavras, de modo que estas revelem por si só, um mundo no qual o escritor tenha a liberdade de escapar das imposições da vida em sociedade, e exteriorizar seus pensamentos, assim como fica evidente neste trecho, no qual Clarice diz:

*[...] estou num estado
muito novo e verdadeiro,
curioso de si mesmo,
tão atraente e pessoal
a ponto de não poder
pintá-lo ou escrevê-lo.*
(LISPECTOR, 1998, p.13)

Isso deixa evidente a complexidade em expressar a intensidade desse momento de transcendência do autor sobre si mesmo e que é retratado em sua obra. Ao pensar nessa escrita-bailarina em *Água Viva*, pensa-se também em uma autora “que faz de sua escrita partitura, palavra, pintura, dança, coreografia. Ele é coreógrafo de seu corpo, como obra, como escrita-bailarina” (LINS, 2004, p. 45), e com essa escrita que também é pintura, dança, coreografia, Clarice deixa o seu eu transparecer explicitamente em cada página, de maneira que ao imaginar esse autor, que ao mesmo tempo pode ser tantas outras coisas, imagina-se o autor que deixa-se conduzir nas linhas da escrita como alguém que aprende e obtém respostas com cada palavra e com cada instante:

*Quero escrever-te como quem aprende.
Fotografo cada instante.
Aprofundo as palavras como se pintasse,
mais do que um objeto, a sua sombra.
Não quero perguntar por que,
pode-se perguntar sempre por que
e sempre continuar sem resposta:
será que consigo me entregar ao
expectante silêncio que se segue
a uma pergunta sem resposta?
Embora adivinhe que em algum lugar ou
em algum tempo existe
a grande resposta para mim.*
(LISPECTOR, 1998, p.15)

Essa busca incessante por respostas que ela acredita encontrar em algum lugar e em algum tempo, perpassa a obra no todo, conduzindo sua escrita num movimento que atravessa as entrelinhas e se constrói no objeto de desejo do escritor, por meio do qual ele quebra barreira e reverbera pensamentos. “Ora

quando a escrita devém música em movimento, os dedos tornam-se, por sua vez, dançarinos: dançar para atravessar a agonia do mutismo” (LINS, 2004, p. 45).

A escrita de Clarice devém música; ela transcreve a sua essência sem precisar se prender a modelos já estabelecidos, já que devir é isso, não se deixar levar pela imitação, nem se conformar com imposições pré-estabelecidas, “devir não se opõe a uma forma, não quer atingir a forma definitiva, nunca se conclui numa forma; nunca atinge, nunca concretiza a forma para qual tende” (KRAHE; MATOS, 2010, p. 05). Para Deleuze, o devir:

[...] é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança ou de co-presença de uma partícula quando entra nessa zona. (DELEUZE, 1997, p. 64)

A escrita de Clarice não fica presa a moldes, ou muito menos imita outros escritores. Ela escreve o novo partindo das formas que possui e do sujeito que ela é extraindo das partículas mais profundas, sentidos que mergulham nas linhas tênues de seu texto e encontram liberdade de voo para irem além das significâncias impostas em uma folha de papel e adentrarem como música, que com sua sonoridade faz bailar e extravasam criatividade, num devir impregnado de perigos, tais quais estão contidos na estrutura de seu texto.

*Tenho medo então de mim que sei pintar o horror,
eu, bicho de cavernas ecoantes que sou,
e sufoco porque sou palavra
e também o seu eco.*
(LISPECTOR, 1998, p.16).

Esse medo descrito por Clarice por ser a palavra atuante e por ser o bicho das cavernas que ecoa revela, assim como diz Lins, as “Linhas de fuga, a escrita de Clarice torna-se um lugar de uma errância de sentido” (LINS, 2004, p.46). Mas como imprimir errância aos sentidos? Clarice em seu emaranhado de sentimentos e pensamentos canta lentamente suas dádivas na escrita, como um renascer do caos, a palavra encontra refúgio na mais obscura gruta. Para Clarice, as grutas são:

*O meu mergulho na terra,
escuras mas nimbadas de claridade,
e eu, sangue da natureza –
grutas extravagantes e perigosas
[...]. As grutas são o meu inferno.
(LISPECTOR, 1998, p. 15).*

Esse mergulhar na terra exprime o quão instável é esse terreno no qual a autora está situada e isso permite uma escrita que não tem destino certo, nem paradas obrigatórias, muito menos com fronteiras que lhe impeçam a passagem:

Com efeito, Clarice propõe uma escrita situada em um terreno movediço necessário aos encontros nômades, aos amores nômades, a escrita nômade concebida como ritmo e música. Uma escrita, pois, líquida, sem porto seguro, sem árvores nem raízes; uma escrita que é carne e sensação. (LINS, 2004, p. 47)

Uma escrita que é arrancada das profundezas, assim como raízes que se alastram e depois precisam ser extraídas. Assim é a escrita para Clarice,

*Como se arrancasse das profundezas da terra
as nodosas raízes de árvore descomunal,
é assim que te escrevo,
e essas raízes como se fossem
poderosos tentáculos
como volumosos corpos nus
de fortes mulheres envolvidas em serpentes
e em carnis desejos de realização,
e tudo isso é uma prece de missa negra,
e um pedido rastejante de amém [...]
(LISPECTOR, 1998, p.20)*

O escrever, no sentido em que Clarice expressa, é algo enraizado na carne e nos desejos mais secretos do escritor. Desta maneira, a escrita está enredada numa perspectiva de entrega às palavras e aos seus significados quando dispostos em uma página; ele lança-se no infinito contido em cada linha e deixa-se conduzir por ele rumo ao incerto, ao impossível,

*[...] Palavras – movo-me
com cuidado entre elas
que podem se tornar ameaçadoras [...]*
(LISPECTOR, 1998, p.23)

O mover-se entre essas palavras ameaçadoras é o próprio mover-se nas sensações que Clarice busca em seu íntimo para dispor em suas páginas a escrita que faz acontecer.

O desafio está em entender como se dá esse movimento de vai e vem em busca de sentidos e significados na obra da autora. Esse instigar a totalidade do eu, que permeia o contexto de *Água viva*, é de certa forma, inacabado, esmagador e rompe as barreiras do impossível, de modo a dar liberdade à escrita-dançante, em sintonia com novas possibilidades ante à vida e suas improbabilidades, pois “a escrita de Clarice, como a dança, é arte de deslocamento, atalho, desvio: uma geografia da carne em movimento” (LINS, 2004, p. 53). Esse deslocar da autora é percebido como o caminho de sua liberdade para escrever e se expressar ante o mundo:

*Luto por conquistar
mais profundamente a minha liberdade
de sensações e pensamentos,
sem nenhum sentido utilitário:
sou sozinha, eu e minha liberdade.*
(LISPECTOR, 1998, p. 23)

Essa luta visita todas as páginas de *Água Viva* e faz com que seus leitores lutem junto com ela pela conquista da liberdade das sensações.

O eu interiorizado nesta obra, é lançado para fora de si e vem à tona, fazendo-se visível para o outro eu que pretende atingir. A ambição presente nesse contexto está contida no insurgir do outro, numa escrita que é dotada de sentidos e de movimento. Diante disso, pode-se dizer que,

A escrita de Clarice é, por outro lado, o resultado de um choque a partir do qual o Outro pode emergir. Nesse choque, o Outro parece circular e se moldar ao Mesmo, enquanto que o Mesmo se deforma para reaparecer desviado, estrangeiro. É próprio do Diverso retornar pelo avesso do avesso ancorado em cascas de dobras libertárias. [...] (LINS, 2004, p.49)

O avesso do qual fala Lins, pode ser bem entendido como o buscar incessante da liberdade, construído na desconstrução: é preciso desconstruir para refazer-se, em um processo inventivo que conduz ao invisível, ao incerto. Clarice deixa isso bem evidente quando diz que:

*O que te escrevo não vem de manso,
subindo aos poucos
até um auge para depois
ir morrendo de manso.
Não: o que te escrevo
é de fogo como olhos em brasa.
(LISPECTOR, 1998, p.31)*

A escrita de Clarice não é algo que chega de mansinho e se faz; ela acontece como algo abrasador, que queima, vira cinzas e se refaz nas páginas em branco de seu texto; ela é construída nos caminhos e descaminhos em que as palavras percorrem mesmo não se importando a autora em desviar, transgredir e transpor barreiras para que a sua escrita seja concretizada. Ao fazer isso, ela não se preocupa em nenhum momento com a repercussão que tal ato pode provocar nos leitores, pois talvez eles não a compreendam,

*Esta palavra para ti é promíscua?
Gostaria que não fosse,
eu não sou promíscua.
[...] Escrevo ao correr das palavras.
(LISPECTOR, 1998, p. 34-35)*

E esse correr das palavras do qual Clarice fala, é o eterno devir de sua escrita, o bailar das palavras corrompendo as páginas puras e as suas entrelinhas, à busca do mais profundo pensamento, é o que dá vida, assim como o coração pulsando:

*Bem, atrás do pensamento
tenho um fundo musical.
Mas ainda mais atrás
há o coração batendo.
Assim o mais profundo pensamento
é um coração batendo.
(LISPECTOR, 1998, p. 46).*

O transgredir na escrita, é fruto de sensações que transformaram-se nas ideias para serem movimentadas por meio das palavras. O pensamento de Clarice está muito ligado à melodia, à dança, à musicalidade. Esse movimento todo que permeia o pensar perpassa por “[...] um espaço vazio, linhas de fuga plenas que provocam o desvio de uma esperada linearidade narrativa, instaurando a dissolução, a libertinagem gramatical. Um livro sem começo. Reticências, solturas [...]” (LINS, 2004, p. 50).

Clarice Lispector usa toda a liberdade e intensidade que possui e as transfere para seu texto, sendo ela mesma: “Eu me entrego em palavras” (LISPECTOR, 1998, p. 49), o pensamento, o dançar, a música, a bailarina; e ela é livre de qualquer apego gramatical, com uma linguagem que fala por si só e com palavras infindáveis de significados,

*Finco a palavra no vazio descampado:
é uma palavra como fino bloco monolítico
que projeta sombra.
E é trombeta que anuncia.
(LISPECTOR, 1998, p.48)*

Ao pensar nesse imenso vazio descampado no qual as palavras são lançadas, acredita-se que ele vai além das simples páginas em branco; abrange uma totalidade muito maior: as infinitas maneiras de existência. E ao ter à disposição esse vazio que pode ser preenchido com os novos modos de vida e de significâncias, que são propagados no anúncio das palavras quando são escritas, criam-se certas resistências às imposições fixadas e vigentes em cada época, dando asas ao voo e à dança das palavras, na escrita que é dançarina e resultado da criação poética:

*O que te escrevo não tem começo:
é uma continuação.
Das palavras deste canto,
canto que é meu e teu,
evola-se um halo que transcende as frases
[...] Agora vou te escrever ao correr da mão:
não mexo no que ela escrever.
Esse é um modo de não haver defasagem
entre o instante e eu:
ajo no âmago do próprio instante [...]
(LISPECTOR, 1998, p. 48- 53).*

Com essa escrita que vem do mais profundo da alma, e que surge no instante exato para criar vida dançante nas páginas em branco de uma folha de papel, Clarice dá continuidade a uma inspiração poética que não tem começo, nem fim; ela traz à tona os sentimentos mais escondidos, esvazia-se deles como forma de “criar um texto nem pleno nem vazio que seria a impressão, a marca [...]” (LINS, 2004, 51). Esse esvaziar da autora preenche a sua escrita de alma e de sentimento, uma escrita por vir, num devir que se faz a cada palavra jorrada de sua criação, com plenitude de sentidos que desviam das linhas tênues e se deslocam de maneira a atingir o inesperado, de maneira intensa, assim como ela própria: “Gosto de intensidades” (LISPECTOR, 1998, p. 60).

Ser intensa, deixar a palavra dominá-la, se entregar aos encantos e desvarios contidos na junção dos sons que impregnam a alma de todo artesão da palavra, o autor. Essa é Clarice, que ao observar o inobservável conclui que tem um emprego: por meio de suas palavras, cuidar do mundo. Apenas pelo simples fato de cuidar, pois isso não é um emprego que lhe garanta sustento, “também não se trata de emprego, pois dinheiro não ganho por isto”. (LISPECTOR, 1998, p. 61)

Esse encontro de intensidades e ao mesmo tempo cuidado pelo mundo é consequência da magia das palavras. A autora usa a escrita como força inspiradora e isso é feito sem o mínimo esforço, o que a deixaria triste, porque escrever para ela, não é sacrifício, e sim prazer:

*Se eu tivesse que me esforçar
Para te escrever ia ficar tão triste.
Às vezes não aguento
A força da inspiração.*
(LISPECTOR, 1998, p. 63-64)

A escrita de Clarice como força inspiradora devém do deixar-se mudar constante e estar sempre nômade, o que a leva a “[...] uma escrita que é puro devir, uma escrita por vir. O novo é sempre o que virá” (LINS, 2004, p. 51). Isso é o que rege a escrita que dança: o que está para acontecer, ou o que acabou de acontecer.

Clarice usa esse artifício, pois ao mesmo tempo que ela diz ter medo, o mesmo já passou. É uma perfeita desarmonia em que ela mesma se encontra e se entende. É o seu eu trabalhando insistentemente até mesmo enquanto dorme, pois é nesse instante que habita tudo que é de misterioso. Entre dores e alegrias aos

poucos os passos da dança é escrito, provocando uma desordem emocional, entre batimentos e descompassos cardíacos, a vida escapa ao medo e adere às possibilidades. É uma escrita-sentir repleta de emoções e afetos:

Assim, as palavras de Clarice - *a palavra de quem não pode* -, as imagens, linhas e *ausência de obra* são uma topologia em atividade. Ouvidas com pequenas orelhas, vistas com pequenos olhos, a escrita-sentir é imagem, ou para falar como Freud, é afeto. Desviadora de imagens, na sua escrita bailarina, Clarice outorga a seu texto um movimento que viaja provocando o eterno deslocamento dos personagens e exigindo que eles se reencontrem e também se deixem. Ao desviar o texto como imagem escrita, imagem perfumada, imagem que sente a vida-morte, a autora provoca a síncope, o movimento oblíquo. (LINS, 2004, p. 53)

Escrever provocando uma viagem que impulsiona um eterno deslocamento dos seus personagens faz de Clarice uma artista que transfigura a realidade em prol de um movimento único, vertiginoso de sensações e descobertas. Essa artista da melodia usa as palavras num coro perfeito que ressoa equilíbrio entre o que pensa e o que sente:

*[...] Nesta densa selva de palavras que envolvem
Espessamente o que sinto e penso e vivo
E transforma tudo
o que sou em alguma coisa
Que no entanto fica inteiramente fora de mim.
Fico me assistindo pensar.
O que me pergunto é:
quem em mim é que está fora até de pensar?
Escrevo-te tudo isto pois é
um desafio que sou obrigada
Com humildade a aceitar.
Sou assombrada pelos meus fantasmas,
Pelo que é mítico e fantástico –
a vida é sobrenatural. [...]
(LISPECTOR, 1998, p. 69)*

Essa humildade presente na fala da autora, na qual é o sentimento que ela nutre por escrever e por doar-se em ritmos que dizem por ela mesma. Nesse doar, os fantasmas criam vida amedrontando a beleza estranha e inalcançável da vida, de certa forma, isso a frustra, porém não a desanima de concluir sua partitura de escrita fragmentada de história que vai e vem nas suas páginas. Para alcançar a dança de

sua escrita, Clarice se expõe, corre riscos, pois a “escrita-pensamento, escrita-dançante busca atribuir uma verdade do corpo á palavra” (LINS, 2004, p. 58). Verdades estas que foram ficando pelo caminho durante esse percurso do corpo. No entanto, a busca por elas é incansável, com a liberdade da palavra que diz coisas sem nexos, com o intuito único de alcançar o inalcançável.

*Sim, o que te escrevo não é de ninguém.
E essa liberdade de ninguém
é muito perigosa.
É como o infinito que tem cor de ar.
(LISPECTOR, 1998, p. 83)*

Sim, o que Clarice escreve é dela, dela mesma. Palavras que têm sintonias, ritmos e que deslizam pelos palcos desabitados de uma página. Isso é o infinito que tem cor, cheiro e gosto de ar. Essa é Clarice, repleta de sons e magia, com sua escrita-bailarina:

*Mas vou ter que parar
porque estou tão e tão cansada
Que só morrer me tiraria
deste cansaço.
Vou embora.
(LISPECTOR, 1998, p. 84)*

2.4 Emmanuel Marinho: a escrita-bailarina na poesia de Mato Grosso do Sul

*Prefiro as linhas tortas, como Deus.
(BARROS, 1996, p. 39)*

Assim como a escrita de Clarice é permeada pela musicalidade que faz com que as palavras bailem tanto nas páginas de seus livros quanto na imaginação de seus leitores, com sua escrita dançante, o poeta Emmanuel Marinho, também pode ter seus poemas, textos teatrais e música inseridos nesse contexto de escrita, pois por meio deles, de sua escrita torta de vai e vem em assuntos que discutem os mais diversos assuntos de maneira muito provocativa e poética.

Dessa forma, o poeta fala dos sonhos de muita gente, da realidade de sua terra e de muitas outras que almejam com dias de liberdades e de paz. Usando as

palavras num bailar constante, com uma articulação entre palavra que se torna poesia, ele faz uso de sua escrita para a busca de um melhor caminho a ser trilhado pelas suas palavras, mesmo que:

Guerra, sofrimento, miséria e exploração cada vez mais caracterizam nosso mundo globalizado. São tantas as razões para buscar refúgio num reino “fora”, em algum lugar separado da disciplina e do controle do Império emergente ou mesmo com certos princípios e valores transcendentais ou transcendentais que possam orientar nossa ação política [...]. (HARDT; NEGRI, 2016, p.07)

Ante a essa necessidade de buscar um lugar “fora” desse controle, um poeta diz:

*Poesia não compra sapatos,
mas como andar sem poesia?*
(MARINHO, 2001).



Foto 5: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Ele, que com sua escrita repleta de significados e sentimentos busca interagir, criticar e chamar atenção para a guerra, o sofrimento, a miséria e para exploração, que chegam juntos com a globalização, chama-se Emmanuel Marinho, poeta sul-mato-grossense, que tem seus textos permeados pela cultura e identidade de sua

região, em especial, da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, onde nasceu e reside até os dias de hoje. Um exemplo de seus textos, em que de maneira simples sonha com heróis que sejam diferentes, que lutem com armaduras de paz e esperança é:

[...] *Mas eu queria mesmo
Era um heroi sem armas
Átomos, parafusos ou penas
E que viesse vestido apenas
De leite, pão e manteiga
E aparecesse a todas as criancinhas
No café da manhã
E avisasse que essa história de Tarzã
Já matou muito bicho
E muito índio por aqui.*
(MARINHO, 1986, p. 10)

Além de poeta é ator, diretor teatral, músico e agente cultural. Sua trajetória como escritor tem início nos anos de 1980, quando publica *Ópera*, nos anos seguintes publica outras duas obras: *Cantos de terra* (1982), *Jardim das Violetas* (1983). Suas próximas publicações são *Margem de Papel* (1994), *Satírico* (1995), *Caixa de Poemas* (1997) e *Caixa das Delícias* (2003). Na música, Marinho gravou os CDs *Teré* (2002) e *Encantares* (2014). Além dessas publicações, atua como ator e produtor teatral, sendo os mais recentes espetáculos: *Solo para Palavras* e *Sanfona de Brinquedo, Tudo Porã por Aqui* e *Ultimato: O poema Secreto de S.J.* (SOUZA, 2007)

Suas obras são uma mistura de teatro, música e poesia:

O artista Emmanuel Marinho - *mix* de poeta, diretor teatral, ator, músico e agitador cultural - mantém forte relação com a cultura de MS, especialmente na região de Dourados, cidade próxima à fronteira “onde o Brasil foi Paraguai”. (SOUZA, 2007, p. 57)

Nelas, ele canta com a poesia, o seu povo, sua terra, sonhos de liberdade e de paz, amores, desilusões e críticas sociais de modo a entreter, alegrar fazer com que seus leitores viajem por sua escrita repleta de sensibilidade, pois o próprio Marinho fala sobre sua escrita: “uma das minhas identidades (identidades?) poética está na crítica social e na denúncia contra as injustiças, um canto a favor da paz”

(MARINHO, 2012, p. 01). O seu escrever assim como considerado por ele, é canto que ecoa além de seus pensamentos e chega a seus leitores de maneira que encanta e faz pulsar no mais profundo dos silêncios. Ele, assim como diz Clarice Lispector:

*[...] é uma máquina de escrever
fazendo ecoar as teclas secas
na úmida e escura madrugada [...]*
(1998, p.86)

Diante dessa escrita que canta e encanta, Marinho demonstra uma particularidade em suas produções: suas obras são publicadas de maneira muito peculiar, na qual o poeta foge “dos padrões” encontrados no mercado editorial. O poeta dá preferência a materiais reciclados, com formatos bem diferentes dos de um livro comumente encontrado nas livrarias.

Um exemplo disso encontra-se na *Caixa de poemas* (2001), em que dispõe seus poemas em uma caixa, sem ordem de páginas, o que possibilita aos seus leitores a liberdade de construir e desconstruir sua leitura, partindo do poema que mais lhe chama a atenção, pois não tem o primeiro nem o último poema (SOUZA, 2007). Sobre o autor e um de seus textos, *Genocídio*, que foi publicado na *Caixa de Poemas*, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2002) relata:

(...) compondo o perfil de uma literatura regional, o poeta-performer, douradense, Emmanuel Marinho, vem realizando significativa produção artística que privilegia expressões da realidade e do cotidiano da região. Num dos textos de Emmanuel, mais amplamente conhecido e explorado, “Genocídio”, propõe-se uma vigorosa denúncia da condição de expropriação e espoliação a que tem sido submetido o índio e sua cultura em toda a região sul do estado – “Genocídio”, poema-apólogo do quase extermínio da população indígena local. (SANTOS, 2002, p. 245)

Outro exemplo disso está na *Caixa das Delícias*, intitulado pelo poeta como “um livro para todas as idades”. Nele, o leitor se depara com um mundo de possibilidades: uma flauta, um barco, um livro, um quebra-cabeças, papéis em branco e manual de instruções. Todos eles são uma forma de:

*Convite para a poesia
 Ou outras palavras que
 Te escolham
 Têm papeis
 Esperando por elas
 Alguns deles são de
 Criar barcos, flores, pássaros, sonhos
 E até rio
 Outros, só de tocar [...]
 (MARINHO, 2003)*

Com esse convite para criar e imaginar a poesia, o autor possibilita ao leitor construir e desconstruir seu próprio texto, em uma viagem aos sabores indizíveis da poética, na qual ele pode utilizar de todos os materiais disponíveis na caixa, como em um gesto de:

*Repartir a arte
 Como quem
 Reparte o pão.
 (MARINHO, 2003)*

O repartir a arte para Emmanuel propicia a nós leitores saborear de magia e encantamento. Viajar pela imaginação e brincar com a poesia é algo que suas criações permitem. Essas inúmeras possibilidades que o autor atribui aos seus textos são para simplesmente proporcionar a seus leitores um encontro de descobertas imprevisíveis, pois seus versos cantam as delícias de quem encontra nas palavras significâncias e inspirações que o acompanham desde sempre:

*Dentro de mim morava uma criança
 Que fazia farra e ria
 Brincava de roda com o eu coração
 Cantava cirandas
 E fazia versos nos quintais [...]
 (MARINHO, 2003)*

Criança que escreve versos nos quintais apropriando-se dos encantamentos que a vida lhe concedia todos os dias. O céu, as estrelas, as árvores reverberam sentimentos nas páginas de Marinho como um brotar de sonhos que nutria a criança de ontem, que um dia “leu, leu, leu, e amanheceu” (MARINHO, 2003). Amanheceu e

continuou a fazer versos nos quintais, na rua, na aldeia, na cidade. Escrever sua insatisfação ante aos poderes dominantes e corruptíveis da sociedade, “Engajado. Este é o adjetivo que define boa parte do trabalho de Marinho” (GROSBELLI, 2014, p.141). Ele ainda fala sobre o amor, o desencontro, a natureza e a vida, e são coisas que nutrem o poeta. Os versos que se escondem atrás dos pensamentos e sentimentos eclodem em cada letra, e na junção das palavras como em uma brincadeira de criança a poesia se faz, refaz e baila encantando:

*Letra por letra
A palavra
Brinca e dança
A poesia se cria
Criança.*
(MARINHO, 2003)

Brincar com as palavras em sua poesia, de modo que estas dancem nas folhas escuras de suas páginas é o movimento de criação que permeia toda uma trajetória de vida e sonhos de um poeta sul-mato-grossense. Suas obras que são marcadas por essa brincadeira criadora, trazem em si o acontecer da liberdade provocadora de sensações que se movimentam na imaginação de quem se depara com elas. A respeito disso, Saturnino (2005) enfatiza a maneira com que Marinho trabalha essas questões em seus textos e o que isso suscita em seus leitores:

O seu forte são os poemas que questionam e desvelam suas inquietudes acerca das sociedades que o rodeiam e o envolvem. Neles, criam-se imagens que se recriam por meio das palavras, das pausas, da sintaxe, das alterações de significado, que refletem sensações de sentido e implicam a desconstrução do homem para o homem e para si mesmo, revolucionado em íntimos conflitos. [...]. (SATURNINO, 2005, p. 16-17)

De maneira envolvente, ele faz uso das palavras de modo que as mesmas se tornem provocadoras e façam brotar o mesmo sentimento de criança que corria atrás das estrelas e as guardava secretamente num esconderijo onde só a poesia pudesse alcançar. Como a dança das estrelas acontece em noite enluarada e só aqueles que se deixam conduzir por essa dança consegue chegar até elas, assim se faz a poesia de Marinho: uma dança de palavras que querem tocar o intocável, chegar o mais longe com seus passos delineados pelos significados e sonoridades,

numa dança que coreografa os sentimentos descritos e impressos em cada verso de sua poesia. O coreografar dos versos é:

[...] desmesurar, despintar, desmarcar o espaço; escrever é “descrever” as formas. Dançar é praticar fisicamente a multiplicidade dos possíveis em seu deciframento cacofônico. Coreografar é dançar, é prospectar o universo! Ora, a escrita bailarina, como a dança, desvia a atenção da imagem revelada para outras imagens: a escrita-bailarina não conhece a permanência. [...] A escrita dançante é passagem e as imagens na dança são como a escrita-bailarina: criação contínua. [...] (LINS, 2004, p. 54)

Com essa escrita, o poeta consegue (des) escrever o universo multiplicando seus significados com uma construção de possíveis e impossíveis, criando reverberações nas quais “o verbo, o verso, a volta feito vômito daquela palavra (ou ícone?) indigesto que negaremos sempre”. (SALUÊ, 2017, p. 03). Esse ir e vir entre o verbo e o verso, provocando idas e vindas, reviravoltas e voltas tantas faz com que o leitor viaje em uma *Odisseia urbana*:

*e ele passou pela calçada como quem viu ninguém certo de poucas coisas
que a noite vadia dizia baixinho em seu espelho asfalto guardado a cada
impressão do dia e ia como que ao canto e desencanto de não ir farto
fasto sonhar de luzes lumeia este vazio instante suplante a dor dos sós
que plantas adormecem caladas em vasos colados lado a lado do portão
tão cedo ainda adormecia um último cão abandonado deste cio o poste o
fio que foi fiando um caminho trajeto trejeito de ser sua sombra ombro
como que solto ao vento jogo de corpo breve leve sensação de voo sobre
telhados talhados a telhas de vidro casas entregues ao ócio da noite três
vezes noite e a próxima esquina se quebra num horizonte de carros gatos [...]*
(MARINHO, 2017)

O encanto do sonhar que reflete nas luzes faz brilhar na escuridão o pulso vibrante das sensações escondidas no íntimo de cada palavra provocando um desviar a atenção da imagem revelada para outras imagens, em um território no qual ela não permanece inerte ao movimento do autor, que em sua dança de palavras e de sentimentos em cada verso proporciona o encontro com o inevitável, pois a poesia tem um espaço capaz de discutir qualquer assunto, no qual “as palavras, como mariposas, orbitam os sentidos, os tocam e recuam, voltam e fogem” (LIMA, 2013, p. 32). Emmanuel Marinho faz uso dessas palavras mariposas, e com sua escrita impactante chega a nós leitores, de uma maneira tal que não permite que

permaneçamos inertes ao que acontece ao nosso redor, num movimentar das palavras no:

*Espaço
Livre
Como
Ar de
Borboletas.*
(MARINHO, 2003)

Poesia que alcança os espaços livres e que voam como as borboletas, colorindo e fascinando é característica da poética emmanuelina. Suas palavras alçam voo para alcançar os espaços mais imprevisíveis, de modo que, a brincadeira dançante nas páginas de suas obras, revela esse ir e vir da imaginação com o movimento que o texto ganha, ao fazer a disposição em um voo das borboletas, no espaço livre, liberdade poética, assim como as palavras soltas na folha de papel, o voo das palavras e das borboletas.

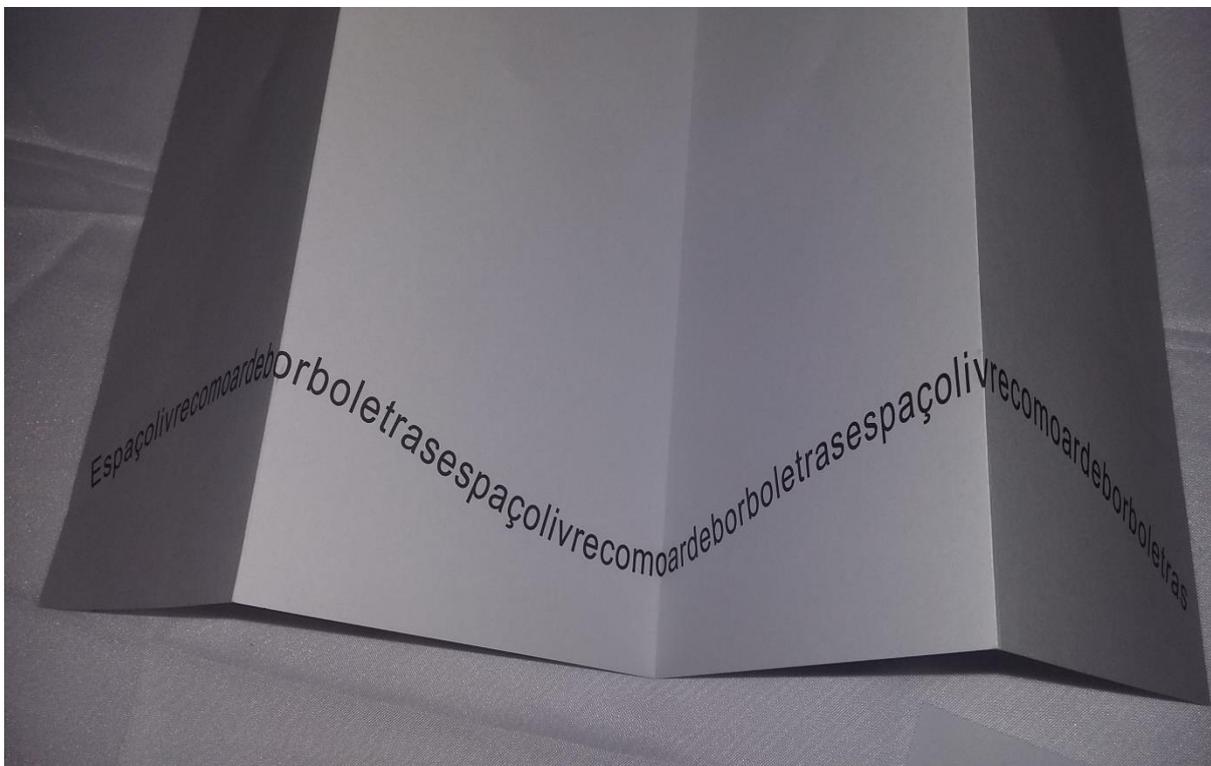


Foto 6: Criação no Banquete Poético realizado no Grupo Ritmos – UNISO. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem revela a poesia em um sobe e desce no espaço em branco, comparando-a com a liberdade das asas das borboletas, que voam com toda a elegância colorindo os espaços por onde passam.

Os versos de Emmanuel Marinho são constituídos por meio de uma escrita repleta de barulhos impactantes e ensurdecadores e isso faz com que, ao lermos ou ouvirmos a sua poesia sejamos atingidos mesmo que indiretamente, pois, a escrita deste poeta, assim como diz Romaguera pode ser comparada com uma “escrita que hesita, gagueja, rasura-se e se propõe a aceitar a palavra-pulsão, escrita-jorro que desenha pensamentos e se desenha e se avermelha e se diz e se des-diz e se, e, e,... escrita que opta pela cor [...]” (ROMAGUERA, 2011, p.129). Emmanuel dá vida colorida aos versos, pintando as páginas com palavras das cores do arco-íris:

*Quando arco-íris
Pintava o céu com suas cores
Fazia histórias
Contava a lenda de um lugar muito bonito
Muito bonito mesmo
E dizia que chegaria lá
Um dia sem que eu percebesse
Essa criança abriu uma janela nos meus olhos
E começou a ler o mundo [...]*
(MARINHO, 2003)

Ler o mundo e fazer com que outras pessoas possam o ler também através do arco-íris pintado com suas palavras é o que encontramos na poética de Emmanuel Marinho. Com ela, o real é perpassado, provocando sensações diversas sobre as coisas que acontecem e que muitas vezes passam despercebidas, com isso é provocado nos leitores uma sensibilização para que eles possam perceber e até sentir o que as outras pessoas que estão ao seu redor vivem e sentem, com suas singularidades e diferenças.

O brincar e o dançar das palavras, criando poesia é o que faz o poeta, que com a sua literatura regional, perpassa as fronteiras que foram impostas nas relações entre as pessoas, entre os limites que foram estabelecidos pela sociedade, para que estes sejam questionados e (re) pensados de maneira poética, pois “ao escrever apenas o rumor das palavras, sem dar-lhes significado, o poeta as aproxima de coisas, de objetos que ser quase tocados” (ROMAGUERA, 2011,

p.138). Diante disso fica claro que ao escrever, o poeta não atribui significados a nada, porém, consegue fazer uma conexão muito grande entre as coisas. É o que Emmanuel Marinho faz quando usa seus versos para descrever o ato criador:

*Através dele a gente se inventa
E cria a nossa música
A nossa música é única
Inventar tem sabores indizíveis
Outras coisas são de descobrir
Criar propicia
Formigamento nos sentidos
Inventar é delícias
Uma palavra
Traz outras escondidas
Duas ou mais
Contam nova história
Assim como as cores
Pensar desacostuma.
(MARINHO, 2003)*

O pensamento que desacostuma o poeta é constância em sua escrita. O inventamento das delícias a que ele se propõe, formiga em nós leitores sensações inquietantes e ao mesmo tempo traz à tona vibrações que movimentam em ritmos que fazem ressoar o improvável. São reverberações, desconstruções e fruições de um pensamento, que se fazem presentes no percurso poético que Emmanuel Marinho traça. Suas linhas tortas se desviam nas curvas e nas e retas do devir. Um poeta que escreve com uma força que vem das suas fraquezas e dificuldades. O artista precisa transver o mundo para dar nova forma a ele:

*A força do artista vem de suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
Formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas deformam.
(BARROS, 1996, p. 75)*

Deformar o mundo para lhe dar uma nova forma. Eis o trabalho de todo artista: dar vida nova àquilo que já tem. É isso que o poeta Emmanuel faz ao escrever seus versos, pois ele dá vida à sua imaginação de forma que esta possa ser vivida por todos que se dedicarem a aventurar-se em suas palavras e nelas navegarem rumo ao desconhecido. Esse mergulhar em sensações é conduzido pelo embalo sonoro presente em sua poesia, nas entrelinhas do que ainda está por ser escrito:

*Tudo acaba
Mas o que te escrevo continua.
O que é bom, muito bom.
O melhor ainda não foi escrito.
O melhor está nas entrelinhas.
(LISPECTOR, 1998, p.95)*

Realmente, Clarice disse o que de fato nos embebedada nas escritas é o que está escondido e que cabe a cada leitor encontrar. Em Emmanuel Marinho, com sua escrita repleta de desvios e significados a serem descobertos, desvendados, sentidos e vividos, o que está nas entrelinhas nos impulsiona a vivermos a dança ao som provocativo de cada palavra, que juntas, bailam coreografando ritmos reveladores de mistérios, magia e encantamento.

*Entrelinhas
Devir
O que está por vir.
Entresonhos.
Entrepensamentos.
Entredança.
Entrevidas!
Entre a palavra,
O verso,
O ritmo,
A dança.
A poesia
De cada dia!*

Perceber em seus versos, o movimento da escrita poética de Emmanuel Marinho é um convite para quem se atreve a trilhar os caminhos ritmados de suas

palavras. Esse é um desafio que o poeta nos propõe e que perpassa sua obra: encontrar o ritmo que pulsa nas veias de cada verso e com ele, dançar suavemente cada passo no descompasso poético da sua escrita que baila e provoca sentimentos outros. Outros sons, outras imagens, outras imaginações, devaneios infinitos. Dançar ao som mágico das palavras que sussurram aos ouvidos de quem as deixa falar.

*Supere as regras
Inventar tem tons
Invente pelo prazer de inventar
Recorte o imprevisível
Arrisque riscos cores palavras
Tudo faz muito mais sentido com o nada
Poesia em dobras
É de desenhar [...]
(MARINHO, 2003)*

Ser conduzido por essa escrita dançante de Emmanuel Marinho é deixar-se levar pela poesia para os lugares mais escondidos e reveladores da essência poética.

2.5 Crônica de uma tarde com chuva. Sol. Prosa e Poesia⁴

Era um dia que poderia ser considerado normal, como qualquer outro. O céu com um azul resplandecente abrigava um esplendoroso sol que trazia o brilho e o calor típico de uma cidade de Mato Grosso do Sul. No entanto, lembranças proseadas em ritmo de poesia trouxeram para uma tarde calorosa de janeiro algo que a diferenciava de todas as outras: o encontro com o poeta que encanta ao som de sua poesia e de seu acordeom.

Aos poucos, a cidade de Dourados vai se aproximando, e a procura pela Rua Mato Grosso é permeada pela ansiedade de uma educadora-pesquisadora. Andar por ruas onde árvores centenárias esbanjam formosura nos leva a imaginar as inúmeras histórias que ali, embaixo de seus galhos e folhas, foram vividas. A

⁴Este texto é resultado do exercício da “professora-conversadora” no encontro com o poeta Emmanuel Marinho, em sua residência em Dourados/MS, no dia 05 de janeiro de 2018, às 15h (horário de Mato Grosso do Sul).

sensação de que aquele remexer em um vai e vem, soprando um ar por ora quente, denota um diálogo incessante como num cochichar entre amigas que estão felizes por simplesmente comporem um cenário poético para muitos artistas e apaixonados.

É impressionante como um lugar destes aflora sentimentos tantos. Uma nostalgia invade os tempos que já ficaram para trás. Uma saudade perpassa por um tempo em que as ruas eram compostas não somente de asfalto e transitada por carros acelerados com tanta pressa, que não se permitem sequer observar a beleza da paisagem dada de presente para todos que ali passam. Eu, como boa observadora que sou, já me imaginei subindo por aqueles galhos para alcançar o mais alto de todos e nele poder avistar a cidade por um ângulo que só as crianças mais curiosas conseguiam alcançar; dava para imaginar também, uma corda amarrada a outro galho, formando um balanço em que a criança embalava os sonhos vindouros. Ah, como é bom recordar tanta coisa vivida e poder partilhar com outra pessoa, que também viveu coisas bem semelhantes às suas.

Pausa para uma foto.



Foto 7 – Emmanuel Marinho e Rosana M. Faustino. Fonte: arquivo pessoal.

Com esse sentimento de saudades, em meio a uma daquelas chuvas de verão, a prosa e a poesia tomam um rumo, que conduz o poeta ao tempo onde tudo começou. Ao som da chuva, junto ao barulho dos carros e motos que transitavam pela rua, um sentimento de nostalgia permeia o ar:

Lembro-me como se fosse hoje...
A minha Dourados sem essa agitação!
Há sessenta e um anos, desde que nasci,
Eu a conheço e a amo como minha casa.
Ela não tinha quase nada do que se tem hoje:
Asfalto, água encanada, luz elétrica...
Ah! Mas ela tinha seus encantos que me fascinavam:
Aqui, da varanda de casa, eu contemplava
Na Avenida Marcelino Pires, o vai e vem
Das boiadas que eram conduzidas por peões tropeiros
Deixando para trás apenas rastro e poeira.
Eu me sentia como se estivesse em uma grande fazenda,
Rodeada por terra, árvores, pássaros, bois e peões.
E esse era o meu encantamento de criança.
Era uma delícia! A vida para mim era uma eterna brincadeira.
Meus pais sempre valorizaram a educação e os estudos, acima de tudo,
Talvez porque papai, que era retirante nordestino,
Não ter tido condições de estudar, ele priorizava isso aos seus filhos
Ele queria que todos tivessem “instrução”.
Minha mãe, apesar de não ter se formado em nenhuma faculdade,
Apenas no “Normal Médio” da época,
Ela teve a oportunidade de lecionar,
Apesar de não ter sido essa, a sua profissão.
Mamãe era amante das artes, por isso na minha casa,
Mesmo sendo nós, de família simples, pois não éramos ricos,
Sempre tivemos uma biblioteca
E nela tinha violão, piano, acordeom e muitos livros.
E mamãe sempre nos incentivava a adentrar no mundo
Da música e da Literatura.

Mas eu tinha uma avó...
E posso dizer que ela foi a minha maior inspiração!
Ela foi fundamental para mim.
Vovó era leitora, na verdade, era devoradora de livros.
Ela lia mais de um livro por semana
E gostava de declamar poesias, que por sinal declamava muito bem!
Uma das coisas que me despertou, e que vovó me inspirou
Aconteceu nas brincadeiras que ela fazia conosco.
Os desafios cantados e as trovas inventadas, nunca me esquecerei!
Por viver em uma família como esta, eu não poderia ser diferente:
Sempre gostei das artes também.
Da música, do teatro, do circo-teatro que vinha a Dourados...
Ah! Me lembro do tempo que
Eu fazia um “cirquinho” no fundo do nosso quintal, com nove ou oito anos.
Montava peças baseadas nos contos de fadas e outras eu as inventava
Eu fazia livrinhos, escrevia poemas...
Pena que eu perdi todos.
Apenas um poema daquela época eu guardei e não me esquecerei jamais:
*“Não anda como homem
Não nada como os peixinhos,
Alegra muito as crianças
De voar ele não cansa
E quando chega a noite,
Leva minhoquinhas para seus filhinhos
Vocês sabem quem é?
São os lindos passarinhos”!*
Fiz muitos outros durante a minha infância e adolescência,
Mas não os tenho mais hoje. Rasguei, destruí...
Acho que foi consequência da fase rebelde que todos nós passamos.
Mesmo assim, eu não parei de escrever poesia.
Aos dezessete anos, fui morar em São Paulo.
Lá fazia o terceiro colegial e cursinho pré-vestibular
Para ingressar no curso de Medicina.
Foi nesse período que comecei a fazer teatro.

Participava de dois grupos. Eu era o único do cursinho que fazia teatro.
Em 1977 eu comecei a fazer a Faculdade de Comunicação e Artes.
E eu era o único que fazia teatro. Fiz um ano apenas.
Aí passei para Psicologia...

A chuva cessa, e sentamos em um banco de madeira, embaixo de um pergolado. A conversa prossegue embalada pelas lembranças.

Essa fase da minha vida, em que entrei para a Psicologia, me insere totalmente ao mundo do teatro e da poesia. Um dia em uma das saídas com o grupo de amigos da faculdade, fomos a um café-teatro, no bairro do Jardins/SP. Lembro-me bem, que falaram que tinha um poeta e fui chamado para declamar poesias. Declamei uma, e me pediram mais, e fui declamando as que eu tinha escrito. Todos aplaudiram e a dona do lugar me convidou para trabalhar declamando poesias nas noites do café-teatro.

Durante três anos trabalhei declamando minhas poesias e partindo daí comecei a fazer folhetos poéticos, tipo *fanzines*, os quais eram vendidos nas noites em que trabalhava. E após esses anos, uma coisa foi levando a outra, e publiquei meu primeiro livro, *Ópera 3*. Me formei em Psicologia. Sou apaixonado pela psicanálise, mas a minha verdadeira paixão é a Educação. Sou completamente apaixonado por ela. Posso considerar-me como um “psicanalista cultural”, porque eu uso a cultura como ferramenta de elaboração de pensamentos.

E então, eu nunca mais parei de fazer e falar poesia.

E a psicologia eu uso na educação: coloco-me como um educador, pois estou em contato também com eles, ao ministrar oficinas de contação de histórias, de leitura e linguagem, memória e identidade.

A poesia me conduziu por novos caminhos, e permanecer no mesmo lugar já não mais me pertencia. Viajei quase que pelo Brasil inteiro, ministrando oficinas pela Biblioteca Nacional, no ano de 1998.

Embrenhar pelo mundo da poética é deixar-se conduzir por caminhos nos quais a palavra exterioriza os sentimentos, e a imaginação se encarrega de encaminhá-los pelas linhas tortas da poesia. Foram nessas linhas que me perdi, e também me encontrei e me encontro até os dias de hoje. Andarilhei no sentido que as palavras me conduziram:

Morei dez anos em São Paulo; dois em Campo Grande - MS;
Depois fui para o Rio de Janeiro a convite da Bia Lessa e do Tônico Pereira
Lá, trabalhei com a Bia por algum tempo, atuando.
Nesse período resolvi fazer uma pós-graduação,
Que para mim foi muito importante,
Foi um marco divisor de águas na minha vida,
Pois levei minha poesia para o teatro.
Com essa junção, montei meu primeiro espetáculo: *Margens de papel*.
Ele foi o pontapé inicial para a minha carreira solo.
Comecei a trabalhar com meus próprios textos no teatro.
Depois deste, veio *Satíricos*, *Tudo Porã por aqui*,
E enfim, vários espetáculos, todos levando a poesia e o corpo para o teatro.
Particpei de vários festivais de teatro; e por meio deles,
Fui convidado para ir a Portugal e a vários outros países:
Argentina, Chile, Guatemala, Bolívia, Paraguai, São José da Costa Rica.
Sempre levando uma temática crítica/sociopolítica.
E por isso acredito que a minha poesia sempre
Fez mais sucesso lá fora, que aqui.
Voltando a Dourados, anos depois por motivos familiares,
Por aqui fiquei algum tempo
E mesmo retornando ao Rio, que era um lugar que também gostava
Viajava muito e meu retorno sempre era para Dourados.
E há quase vinte anos estou de volta a minha terra.
Desde então, tenho desenvolvido meu trabalho,
Fazendo minhas poesias, *shows*, espetáculos
E sempre inventando...
Apesar das dificuldades enfrentadas, da falta de reconhecimento
Mantenho o meu entusiasmo de sempre.

A poesia é a coisa mais importante da minha vida. É uma coisa que sinto muito prazer, posso dizer que é inominável. Eu chego a sentir um “orgasmo” quando escrevo uma poesia que considero linda, perfeita, que reflete no som, no espaço, que brinca com as palavras.

Eu acredito que exista uma inspiração, tem dom, coisas que não são palpáveis: não existe uma faculdade de poetas. Existe faculdade pra tudo: de artes plásticas, de música, mas de poesia não tem. A inspiração poética vem de dentro do corpo, da alma, do dia, da hora... Nem sempre uma poesia nasce pronta. Às vezes ela demora meses, anos e até décadas para ser finalizada. É um trabalho de lapidação das palavras para o encontro da perfeição para o poeta:

“Em transe

A terra

Treme

Treme

Treme

Le Trump, Le Temer, Le Pen e Putin.

Aleppo Sangrando no mapa

O papa orando pros curumins

Fizeram inúmeros muros no mundo

Pra separar as flores das flores

Que moram no nosso jardim.

Quanto silêncio em Pequim.

Vou tatuar amor na pele do planeta

Com tinta de Nankin

Pra nunca mais sair

Pra nunca mais sair”!⁵

Era um dia que poderia ser considerado normal, como qualquer outro.

O céu, ah, o céu!

Estava mais azul que nunca.

E o sol, quente e imponente como sempre, no céu de Mato Grosso do Sul.

Era um dia que poderia ser considerado normal, como qualquer outro.

Mas não foi.

E nem poderia ter sido.

Foi único.

⁵ Poema inédito, recitado durante a nossa conversa. O poeta autorizou a escrita do mesmo, neste texto.

Poético.

Foi Prosa!

E foi Poesia entre poeta e educadora-pesquisadora!

2.6 Pesquisas acadêmicas realizadas sobre as obras de Emmanuel Marinho

Trazer o poeta para essa discussão juntamente com nomes tão reconhecidos academicamente por suas obras como são Clarice Lispector e Manoel de Barros, nos quais inúmeras pesquisas já foram e ainda são realizadas em torno de suas escritas e enumerá-las aqui, não os tornariam mais importantes do que já são.

No entanto, Emmanuel Marinho, mesmo tendo despontado no cenário literário de Mato Grosso do Sul por volta dos anos de 1980, e sendo tão atuante nos dias de hoje, sua vasta produção ainda não é tão reconhecida para pesquisas acadêmicas. Vale enfatizar, portanto, o que já fora realizado partindo de suas obras. Tendo sua poesia como tema para pesquisas, dissertações de Mestrado já foram defendidas.

De acordo com um levantamento sobre as produções acerca do poeta, destacam-se então, a Dissertação de Mestrado de Alzira Facco Saturnino, pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, cujo título *Isotopias em Genocídio* de Emmanuel Marinho, já evidencia o tema a ser discutido.

Nesta pesquisa, a autora faz um estudo por meio dos fundamentos semióticos da teoria greimasiana sobre o poema *Genocídio*, pois “a leitura semiótica do poema deve ser entendida como a que procura evidenciar os sentidos dos enunciados e, num todo, do texto, pelo desmembramento dos elementos que os compõem” (SATURNINO, 2005, p. 11). Realiza então uma leitura mais aprofundada de maneira narrativa-discursiva, fazendo uma reflexão acerca do descaso instaurado na sociedade no que se refere à questão indígena.

A autora apresenta em seu estudo o percurso do sentido e como se dá essa construção na perspectiva semiótica, de modo a entender as verdades inerentes que estão presentes no poema *Genocídio*. Para isso ela parte da proposição de que nele, o estado social do indígena em contrapartida ao não-indígena; nele também é feita uma denúncia social, quanto à realidade de miséria em que se encontra o indígena, tanto na sociedade local, quanto na nacional.

Em complementação a essa análise realizada no poema, a autora ainda apresenta um breve estudo sobre o histórico social e cultural dos indígenas que habitam a cidade de Dourados e o Estado de Mato Grosso do Sul.

Em outra dissertação, de Jorgina Espíndola Ortega de Lima, apresentada à Faculdade de Letras da UFGD, tem como título *A construção da imagem do índio na poética de Emmanuel Marinho: voz de veludo e dedo na ferida*, na qual a autora discute e faz uma análise da figura do índio e como ela se constrói em seus poemas.

Neste estudo, Jorgina utiliza-se da teoria semiótica greimasiana e realiza uma leitura analítica dos poemas de Emmanuel Marinho, procurando identificar as questões que permeiam as relações e inter-relações culturais no espaço indígena e também os aspectos que determinam resistência e subalternidade entre os povos não-indígenas, partindo da análise das estruturas narrativo-discursivas.

O encontro com essas produções são significativos e relevantes para a minha pesquisa, pois valorizam um autor pouco conhecido e também pouco estudado no meio acadêmico, e estes trabalhos ressaltam a importância e a beleza de suas obras.



Meus país tem Marias, Pedros, José e
Raimundos
Tem todo mundo e Raul Seixas
Tem peixes dourados, piraputangas e pacus.
Meu país tem centro-oeste, sudeste
Norte, nordeste e tem sul.

Foto 8: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

3 “POETICAGENS” NO COTIDIANO DE UMA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA

*Poesia não compra sapatos
Mas como andar sem poesia?*
(MARINHO, 2001)

Ao iniciar esta escrita com um poema de Emmanuel Marinho, no qual ele se refere à poesia e a sua importância na vida de todas as pessoas sinto-me contagiada por essa poética que permeia todos os lugares: ela está presente nas ruas, na natureza, nas pessoas, nos olhares, nos sentimentos e em tudo que existe a nossa volta. Diante dessa vastidão de possibilidades me pergunto: por que não inseri-la nas salas de aula também? Realmente, é difícil sobreviver da poesia, mas é impossível viver sem ela nos instigando e nos permitindo novos olhares e novos diálogos com o mundo e seus questionamentos cotidianos.

Partindo desta indagação “como andar sem poesia”? que faz o poeta sulmato-grossense sinto-me motivada a trilhar o caminho da poesia na tentativa de nela mergulhar e “retirar excessos de sentidos, como que a descascar, limpar, escovar significados” (ROMAGUERA, 2011, p. 135). De acordo com a autora, o retirar excessos de sentidos, nos permite um total aprofundamento, uma descoberta de uma poética contida e escondida em cada coisa, palavra, ato, pessoa. Por esse motivo, faço uso da palavra “poeticagens”, inventada por mim, e inserida ao meu cotidiano escolar, para diferenciar o modo de usar a poesia em sala de aula junto aos estudantes.

3.1 O Cotidiano Escolar

A escola é uma instituição considerada como o lugar que acolhe a todos, independente da classe social, religião ou etnia a que pertençam os sujeitos inseridos neste ambiente. Ela é constituída por representantes que compõem o quadro educacional: gestores (diretores, coordenadores), professores, inspetores, equipe de limpeza, pais e alunos. E ainda é regida por leis que determinam seu funcionamento e direcionam suas ações pedagógicas.

Esse conjunto de pessoas e de normas, levando em consideração as mais diversas situações que acontecem no dia a dia, a maneira como é organizado o

ambiente escolar e seu cotidiano, juntamente às situações corriqueiras a que ele está sujeito, definirão os modos de como essa instituição funcionará. Dessa maneira,

A vida diária é um desafio às percepções das pessoas, e todas elas, de um modo ou de outro, acabam experimentando alguma forma de mistura dos sentidos. Podemos traduzir uma imagem num som, um som num perfume, ou um perfume num sabor. Pois os sentidos se correspondem entre si. Aliás, a correspondência entre os sentidos e as fortes sensações que dela resultam são tão complexas quanto as relações do cotidiano. Para decifrá-las, descobrir sua essência, interpretar os ruídos e o aparente silêncio é preciso lançar mão de uma boa dose de nossa imaginação. (SOUZA, 2000, p. 35)

Usar a imaginação no cotidiano de uma escola faz-se importante, sendo que é neste ambiente que nos deparamos com diversos fatores, dentre eles, sociais, culturais e econômicos. Eles são determinantes na vida de qualquer indivíduo e estão juntamente inseridos no cotidiano escolar, na vida e na história de cada criança que participa do processo educativo. Esses sujeitos, suas relações afetivas, sociais e emocionais, juntamente com aqueles que compõem o dia a dia de uma escola formam uma rede, na qual tudo acontece ao mesmo tempo e em tempo real: desenvolvimento do currículo, avaliações, aprendizagem e relações sociais.

É nesse contexto diversificado que acontece o cotidiano de uma escola. Mas afinal, como pode ser definido cotidiano? Spink (2008) também faz essa pergunta:

O que é o cotidiano? Será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? Argumentamos que todos vivem no seu cotidiano sejam eles presidentes, prefeitos, reis e rainhas, chefes, escriturários, moradores de rua ou qualquer um de nós. Podemos, no jogo dos sentidos, valorizar o cotidiano de alguém como sendo importante no sentido institucional; mas esta é uma questão diferente. Ao contrário, propomos que todos nós, independentemente de onde estamos e quem somos, acordamos pela manhã e entramos no dia que temos pela frente; dia este que nada mais é que um fluxo de fragmentos corriqueiros e de acontecimentos (...). (SPINK, 2008, p. 70)

Diante desses questionamentos, pode-se dizer que a escola e tudo o que nela acontece são fatores relevantes que a definem como espaço de junção de forças para que sejam cumpridas metas, de acordo com currículos estipulados e também

por leis que determinam a sua obrigatoriedade para a formação do cidadão e cumprimento da cidadania.

Em outra reflexão, Spink M; Spink P. (2017), esclarecem que o cotidiano é:

[...] o cotidiano é, ao mesmo tempo, um dia e todos os dias. Engloba, assim, tanto o instantâneo como o duradouro, o transformador e o repetitivo. Na busca de uma resposta inicial, podemos entender cotidiano como aquilo que está dentro da gama normal de possibilidades. Rotinas são partes das possibilidades, porém, ao contrário do que alguns continuam pensando, o cotidiano não é sinônimo de rotina. (SPINK M; SPINK P, 2017, p. 594)

Portanto entende-se que, o cotidiano não está relacionado com aquilo que acontece em um dia, ou em situações isoladas, mas sim com as coisas que duram ou não, que transformam ou até mesmo se repetem no dia a dia. Sendo assim, realizar pesquisas no/com o cotidiano de modo a absorver os mínimos detalhes que ele nos fornece de modo a “pesquisar o cotidiano como lugar de vida, de competência e de ação” (SPINK M; SPINK P, 2017, p. 593), visto que, o espaço escolar é tido como “espaço privilegiado de produção curricular para além do previsto nas propostas oficiais e, sobretudo, como importante espaço de formação” (OLIVEIRA, 2008, p. 46). No entanto, para que esse processo de formação aconteça, faz-se importante ressaltar que este não é um processo de simples execução, pois:

São vários percursos, climas, encontros para se entender como a escola se torna, na nossa sociedade, espaço privilegiado da educação consentida pelas leis e condição obrigatória na vida de cada um sob o pretexto de *direito à educação*. É na escola que as forças se conjugam para a produção do indivíduo útil e dócil. A escola, sua história, seus *comos* e *porquês* é, no entanto, apenas uma das peças do tabuleiro que está sobre uma mesa e esta sobre um assoalho e... (PREVE, 2006, p. 320)

Para entender como as peças se encaixam no tabuleiro, é preciso perceber que este ambiente é permeado pelas diferenças, e o fazer cotidiano se torna a peça principal deste jogo chamado educação. E partindo deste ponto, a prática que acontece no dia a dia de uma escola está relacionada com a realidade social, política, econômica e também cultural de seus estudantes, o que acarreta trabalhar o currículo somado às mais complexas diferenças, fazendo com que este se torne significativo e reverberar resultados. Para isso,

[...] devemos trabalhar as diferenças socioculturais no currículo escolar buscando o princípio organizador e o princípio articulador no movimento da sala de aula, da escola, do cotidiano escolar e suas relações com ações sociopolíticas e culturais mais amplas. (CARVALHO, 2008, p. 108)

Diante disso, entende-se que a articulação do currículo com as diferenças cotidianas implica em um processo de organização da escola em toda a sua extensão, de modo a proporcionar um trabalho que englobe ações capazes de atingir toda a comunidade escolar. Concordando com Alves (2001, p. 04), “entendo, que neste momento de tantas dificuldades e de descrições tão sombrias sobre seu cotidiano, as escolas e seus sujeitos precisam ser vistos em sua potência histórica e sua beleza, que só a arte sabe nos apresentar”. Essa reflexão vem complementar a discussão acerca da necessidade de trabalhar o currículo de maneira que ele possa abranger a comunidade escolar e todos que a compõe, tendo em vista o que estes trazem consigo em sua história de vida particular e social. Sobre isso, Amorim enfatiza que é preciso que “tenhamos, intensificadamente, currículos como espaços de encontros das diferenças, de desdobramentos em um comum-múltiplo, divergente, desfigurante”. (AMORIM, 2005, p. 123)

Escola
Vidas,
Histórias,
Sentimentos.
Lugar de encontro
Do conhecimento
Do saber
Das diferenças.
Viver com/no cotidiano escolar
E com/nos acontecimentos diários
É mergulhar em histórias,
E com elas aprender e ensinar.

Logo, o desdobrar-se do currículo na escola se depara com as diversas surpresas que o cotidiano traz. Todos os dias novidades e imprevistos o acometem fazendo com que novas maneiras de pensá-lo sejam postas em prática de modo a solucionar os problemas, em especial, os relacionados à aprendizagem. No entanto, pensar o cotidiano como um espaço privilegiado no qual os estudantes possam compartilhar saberes e fazeres exige um olhar diferenciado daqueles envolvidos no

processo de ensino/aprendizagem. De acordo com Alves; Garcia (2002), para esse novo olhar se efetivar no cotidiano de uma escola, deve-se:

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a ler o corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá. (ALVES; GARCIA, 2002, p. 261)

Ao sermos tocados pelas sutilezas cotidianas, nesse espaço e tempo permeado pelas diferenças, nós educadores, passamos por um processo de modelagem dos nossos modos de agir e pensar, fazendo com que possamos (re)inventar, pois “virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade (...)” (SPINK, 2008, p. 71) de reverberações de aprendizados e acontecimentos com todos os envolvidos neste ambiente e para que isso se concretize efetivamente, de modo a não perder as possibilidades e aproveitá-las ao máximo, o ensino de literatura, que é considerada como representante cultural das mais diversas sociedades, entra em cena e atua como um dos atores principais do ensino-aprendizagem. Portanto,

Estudar literatura é essencial ao processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de uma disciplina sustentada por um triângulo interdisciplinar composto da combinação assimétrica de estudos da língua, estudos culturais e estudos sociais. (...) a educação literária pode ter um papel central na expansão crítica de uma consciência sociopolítica nos futuros cidadãos de qualquer sociedade. (LEAHY-DIOS, 2004, p. 20)

Pode-se entender com essa reflexão, que o estudo da literatura no cotidiano escolar pode ser compreendido como um modo de cultura em que a sociedade é representada artisticamente pela palavra e ela tem um papel importante para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Diante disso, é possível dizer que a literatura por se utilizar da linguagem é considerada como uma instituição social que “ao mesmo tempo em que lida com o sensorial, o emocional e o racional de indivíduos e de grupos sociais, a literatura atua na comunicação de ideias, sentimentos, emoções e pensamentos”. (LEAHY-DIOS, 2004, p. 22)

Muitas vezes a literatura é utilizada em atividades que são realizadas com um único objetivo: o da aprendizagem, e em especial ao cumprimento de metas estipuladas. E devido a isso, o papel que cabe a ela, o de “comunicar ideias e pensamentos” fica restrito a apenas algumas brechas que o educador é obrigado a criar para que aconteça o diálogo entre texto literário e estudantes.

Mas, ao tentar inserir a literatura no cotidiano escolar de modo que esta cumpra seu papel social, pensa-se a princípio que isso é impossível de ser realizado, pois existem inúmeros fatores que estão presentes no dia a dia que, de certa forma, afogam qualquer desejo de ir além das possibilidades impostas pelo sistema educacional, dentre eles, estão: o currículo, indisciplina, avaliações, metas, índices, etc. Mas o que fazer ante essas imposições que de certa forma engessam as práticas educativas não nos permitindo ir além? Alda Romaguera (2011) diz que é preciso ver com olhar outro a palavra educação, dando outros significados, retirando os excessos dos sentidos, como:

uma composição de singularidades de imagens e palavras com a educação. uma aposta na busca de sentidos que se querem experimentações da arte, na arte, na criação de infinitos mundos, que se fazem múltiplos pelas possibilidades de singularizar. desejo de explodir palavras. desejo de embriague pelas palavras e imagens, de trançar letras, de abrir vazios, girando furiosamente. sustentação colérica que convida a dançar na linha - ténue corda bamba a des-equilibrar - , sob o vento – forte... (ROMAGUERA, 2011, p. 138)

Esse apostar na busca de “sentidos que se querem experimentações” que me instigou a pensar e olhar a educação com outros olhos. Experimentar, eis o que me move para que a educação, ou melhor, as aulas de Língua Portuguesa passem a ser acontecimentos na vida dos meus estudantes de forma a tornarem-se uma “contribuição para o processo gerativo de conscientização crítica da literatura como expressão artística e social. Todo educador deveria se perguntar se a escola reconhece e usa tal conhecimento”. (LEAHY-DIOS, 2004, p. 24)

Esse questionamento move a mim e a minha busca em provocar os jovens por meio de uma poética.

3.2 Aula-acontecimento: por uma educação menor no cotidiano escolar

Ao pensar na aula de Língua Portuguesa como acontecimento, é preciso antes, entender o que realmente significa tal proposta. Para que isso se concretize, o professor desempenha um papel importante: o de ser militante, vivenciando as ocasiões e as aproveitando, como possibilidades de se produzir o novo. Para Silvio Gallo (2002):

O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente. Essa é a chave da ação militante. Sempre uma construção coletiva. (GALLO, 2002, p. 171):

Diante disso fica evidente que o trabalho do professor militante não se restringe a um ato isolado, mas sim, à luta de maneira coletiva, que não se limita apenas a sua sala de aula, mas está relacionado com o seu cotidiano escolar, que inclui além dos seus estudantes, colegas de trabalho; além de estar presente nas suas relações na sociedade em que vive. Porém, como manter-se militante no cotidiano escolar mesmo diante de um sistema que não permite tais ações?

A resposta a tal pergunta é esclarecida a partir dos conceitos de “educação maior” e “educação menor”. Os mesmos foram atribuídos por Gallo (2002) partindo do conceito de “literatura menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977), que para eles esse tipo de literatura era considerada como uma prática de resistência na qual utilizavam-na como forma de subversão. Segundo Deleuze; Guattari "Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior". (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25)

Silvio Gallo pensa este conceito para a educação, de maneira que para ele, “a educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (GALLO, 2002, p. 173). Sendo assim, esse tipo de educação é aquele que é instituído como padrão pelos currículos nacionais, de maneira que devem ser obrigatoriamente cumpridos como o único modelo a ser seguido.

Por outro lado, a educação menor tende a transgredir tais obrigаторiedades, pois ela:

[...] é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2002, p. 173)

Sendo a educação menor um ato de militância perante a imposição de políticas educacionais possibilita pensar novas maneiras de trabalhar na sala de aula, com ações que possam envolver todo contexto escolar, trabalhando o projeto pedagógico de modo que todas as possibilidades cotidianas sejam criadas e realizadas, independente das imposições políticas de uma educação maior que inibem o agir criativo no cotidiano escolar.

Resistir às regras, militar por uma educação em que os desafios possam provocar reverberações de criações. É nas possibilidades criativas que a educação se refaz e cria forças de acontecer. Com Romaguera, afirmo que:

Entre-tempos, entre-momentos... No compasso educacional, entre tantos pré-enchimentos, cavar a imensidão do vazio no tempo, como provocação, preferindo não, resistindo pela criação no espaço do entre . . . Cavar no entre um espaço-emporalidade do acontecimento, vida indefinida que resiste, desafia e suporta o nada que provoca uma educação da criação e pela criação [...] (ROMAGUERA, 2010, p. 44)

É nesse pulsar pela criação que rompe os vazios temporais de uma sala de aula, que procuro um espaço de rompimento com uma educação maior, de modo a provocar pensamentos outros, ações e reações que escapem às singularidades impostas no cotidiano das aulas de Língua Portuguesa.

3.3 Travessias: De Mato Grosso do Sul a Pilar do Sul

O desejo de fazer com que os sentidos das coisas, em especial, da poética na educação e no cotidiano escolar, acontecessem como uma experiência única, individual e intransferível para mim, e para cada estudante envolvido no processo, instigou-me no inquietamento e questionamento constante, provocando o rompimento de fronteiras para chegar até este momento. Sair do Mato Grosso do Sul e aventurar-me por terras desconhecidas, foi o início do percurso, que se tornou inesquecível e transformador.

*[...] e quando vem mais um dia
O céu tem um ar de saudades
Do que se foi
Ou do que apenas se esconde
Nas entranhas [...]
Mas eu creio só no que vejo
Creio bem mais que sinto.
(MARINHO, 1986, p. 49)*



Foto 9: Travessia da Pedra em Pocinhos do Rio Verde – MG. Fonte: arquivo pessoal.

Travessias deixam marcas, cicatrizes. Inebriar-me nesse novo mundo, que tanto estranhamento provocou, porém, tanta novidade propiciou:

O novo, a princípio,
sempre amedronta
Provoca sentimentos tantos
Conhecimentos outros
Terra nova,
Clima
Pessoas
Palavras
Tudo novo,
Tudo estranho
Tudo possível
Tudo passível de
Acontecimentos...

Sair de Nova Andradina-MS e rumar a caminho de Pilar do Sul-SP, este foi o destino da travessia.

3.3.1 Peculiaridades Pilarenses

Cidade pequena, típica de interior, Pilar do Sul que é conhecida como cidade “Nascente das Águas”, tem a sua localização na região metropolitana de Sorocaba, e não muito distante da capital São Paulo, o que permite acesso fácil e rápido a um grande centro e tudo o que ele possibilita. Mesmo com essa proximidade dos grandes centros, Pilar do Sul possui características culturais, uma vez que, pode-se considerar a cultura “como expressão de ideias, experiências e sentimentos [...]” (REIGOTA, 1999, p. 53).

Sendo assim, o que determina os fatores culturais são as peculiaridades do lugar e dos seus moradores que preservam suas tradições que são passadas para seus sucessores e a todos que visitam ou escolhem a cidade como lugar para morar e trabalhar, como no meu caso. Desta forma,

As relações sociais, em que predominam os sentimentos de amor, amizade e cumplicidade, favorecem o aprofundamento ou a rejeição de ideias, sentimentos e experiências alheias da(s) outra(s) ou do(s) outro(s). Esses se manifestam através de hábitos cotidianos nos quais se incluem não só a cultura de cada um mas também os produtos culturais que

refletem a identidade étnica, religiosa, política, estética, social e sexual das pessoas com as quais se convive. (REIGOTA, 1999, p. 37)

É por meio das relações entre as pessoas, sendo que, cada um é um ser único, dotado de características particulares, religiosas, com seus ideais políticos divergentes, com valores culturais muitas vezes divergentes uns dos outros, que se forma uma sociedade. E essas diferenças foram o motivo do meu estranhamento inicial. Sobre esta nova cultura com a qual me deparei, posso dizer que,

Pilar do Sul
 Nascente das águas
 Clima ameno
 Em grande parte do ano
 Cidade acolhedora
 De gente simples e amigável
 Guarda uma tradição
 Que passa de geração em geração
 Da cidade ao sertão,
 Os costumes são preservados.
 E quem aqui chega
 Por eles são contagiados.

Sobre a cidade e suas características particulares, seus costumes e tradições, uma estudante do 9º ano do Ensino Fundamental diz:

Tradição da família
 Sou de Pilar do Sul
 Cidade de gente alegre
 A minha tradição
 Sempre vai me acompanhar

Na minha família
 Todos gostam de viola
 Procuro sempre tocar
 Para todos agradar

Procuro sempre levar a tradição
 E os costumes em meu coração
 Chico Mineiro é meu tataravô
 Ele amava paçoca e seu sabor

Levo a tradição da família
Pra ela nunca acabar⁶.

Outro estudante expõe seus sentimentos de apropriação do lugar onde mora:

Na minha terra
Na minha terra
Há muitas festas
Onde eu posso festejar.
Elas só acabam
Quando o galo começa a cantar.
Viver aqui é uma satisfação
O que me dá alegria
É viver no meu sertão.

A possibilidade de trocas e diálogos culturais com essa cidade e sua população tornaram-se elementos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. A princípio, pouco sabia o que encontraria pela minha frente. Mas, no decorrer dos dias, fui me apropriando de tudo o que este lugar podia me oferecer, desde a culinária, às questões socioeconômicas, como num “experimentar sensações, [...] abrindo os poros para as percepções mais integrais, de corpo inteiro”. (ROMAGUERA, 2011, p. 137)

Além dessas trocas, a convivência na escola propiciou muitos aprendizados. Conhecer a história local é uma forma de adquirir intimidade com o meio no qual estamos inseridos, e a de Pilar do Sul começa a existir a partir do momento que tropeiros, caçadores e mineradores desbravaram suas terras à procura de metais preciosos, isso por volta do ano 1850. Famílias mineiras que na cidade chegaram, utilizavam as pedras para pilar a carne e também para secar couros de animais. O nome Pilar do Sul justifica-se em duas versões:

A primeira vem associada aos forasteiros que vinham todo ano para o sertão em busca de lazer, caçando animais selvagens abundantes na época, ficando abrigados em um rancho tosco, construído em uma ribanceira, onde havia uma pedra em formato de um pilão, do qual se valiam para socar as carnes, surgindo a expressão “pilar” (...) Outra vertente é atribuída à devoção de diversas pessoas vindas de regiões da distante Minas Gerais, onde se cultuava a devoção da Santa Espanhola, Nossa

⁶ Os poemas que estão na letra Arial e na cor Azul Escuro são todos de produção dos estudantes e estão destacados desta forma para diferenciá-los dos demais encontrados ao longo do texto.

Senhora do Pilar, e que aqui aportaram trazendo seus costumes e tradições (...). (VALIO, 2005, p. 69)

Com a aquisição de uma sesmaria na região, o tenente Antonio de Almeida Leite monta uma fazenda agrícola e traz os escravos para nela trabalharem:

Quase do nada, em 1865 o Tenente Antonio de Almeida Leite, que foi um celibatário, deu início ao povoado, adquirindo uma sesmaria com o propósito de organizar uma fazenda agrícola. Trouxe consigo muitos escravos para trabalharem no desdobramento do sertão, pois as matas existiam em abundância e para desbravá-las teria que ter mãos fortes para poderem empunhar facão e a foice para a derrubada de árvores e depois a capina para deixar o terreno limpo e receber as sementes para o início do plantio. (VALIO, 2005, p.69)

Após desbravar a mata com a mão de obra escrava que trouxera, o Tenente Antonio, “com recursos precários da época, deu início a uma pequena plantação e mandou construir em 1868 uma capela em honra ao Senhor Bom Jesus do Bonfim” (VALIO, 2005, p. 69). Com a inauguração desta igreja inicia-se a paróquia autorizada pelo bispo da região e a mesma perpetua até os dias atuais.

Em 12 de maio do ano de 1891, por meio de um decreto, finalmente a cidade consegue o *status* de município. Porém, devido às inúmeras dificuldades na agricultura, com estradas precárias, o seu desenvolvimento fracassou, ocasionando na regressão de município para distrito, perdendo sua autonomia política. Somente em 1936, no dia 05 de novembro, que Pilar reconquista sua autonomia e volta a ser município.

Hoje, a economia deste lugar é quase totalmente voltada para a agropecuária, que fica responsável por 70% dela. A cidade possui um clima subtropical serrano e um grande potencial turístico, devido as suas belezas e riquezas naturais bem preservadas, como reservas da Mata Atlântica e muitos rios que nascem nessa região. Por esse motivo, é chamada de cidade Nascente das Águas.

Todos esses fatores históricos que contribuíram para a formação desta cidade, juntamente as suas belezas e tradições, me conquistaram. Mas, além destes, outro fato importante e tão pouco discutido por sua população, me chamou a atenção: a existência de um quilombo.

Ignorado e desconhecido por muitos, o Quilombo da Fazenda Pilar, de Pilar do Sul-SP, luta em prol da reconquista de suas terras e pela sobrevivência de suas tradições. A vinda dos escravos, juntamente com o Tenente Almeida, se deu devido

ao trabalho agrícola. Com a aquisição destas terras, o intuito do tenente era o seu desenvolvimento com a produção agrícola e pecuária. Com o passar do tempo, ele foi ficando mais velho, perdeu a esposa e também o ânimo em manter a fazenda, o que o obrigou a vender parte dela. Outra parte doou para que fosse construída uma capela e futuramente a cidade. No entanto, “em 1870, o tenente Almeida veio a falecer e doou, por testamento, suas terras aos seus escravos negros (...)”. (FÉLIX, 2005, p. 15). O intuito do tenente era deixar os seus escravos de posse de terras para que eles gozassem de liberdade e criassem seus filhos e netos com dignidade.

Como nem tudo são flores e os escravos ludibriados por alguns “superiores” da época (coronéis e capitães) que, aproveitando-se da ingenuidade de alguns escravos, combinados com a esperteza de outros, conseguem a compra destas terras a troco de valores irrisórios: “de posse da fazenda do Pilar, dividiram-na em lotes e venderam a estranhos, que aqui vinham em busca de terras para a instalação de lavoura e pecuária, embora o testamento proibisse a venda (...)” (FÉLIX, 2005, p. 15). Hoje, os descendentes desses escravos reivindicam seus direitos sobre essas terras, sendo os mesmos amparados por Lei Federal.

Ao fazer esse panorama histórico da cidade na qual resido atualmente, de certa forma, remeto-me aos estudantes que permeiam o meu cotidiano escolar, pois conforme Nilda Alves relata, “na lembrança do cotidiano escolar e da criação desse espaço pelo uso, há frequentemente, o estabelecimento de relações entre a escola e o bairro no qual se localiza [...]” (ALVES, 1998, p. 134). Isso foi o que me motivou, pois o encontro com o novo proporcionou muita surpresa e certos questionamentos acerca dos aspectos culturais deparados na nova terra e no cotidiano da escola. Por isso, “a importância dos pesquisadores se conectarem com os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos (...)” (SPINK, 2008, p. 71) se torna peça importante no ambiente no qual a pesquisa acontecerá, de modo que, este favoreça o desenrolar da mesma.

O motivo que me trouxe até Pilar do Sul foi a educação e o ingresso como professora de Língua Portuguesa em um escola pública estadual. Tal escola é a mesma na qual trabalho nos dias atuais.

Tudo foi novidade: desde o clima, que por sinal, é muito mais frio que o do Mato Grosso do Sul, a nova cidade e suas peculiaridades, até mesmo os novos estudantes, o ambiente escolar e todos os que o compõe. Para suportar tanta novidade, foi preciso “extrair do caos as forças, compô-las num bloco de sensações

que perdure, que exista por si, que tenha a força de nos afetar continuamente, renovadamente” (MARQUES, 2011, p. 49).

Sendo afetada diariamente pela cultura pilarense, foi possível perceber algo muito forte e particular do lugar: o falar de Pilar. Mesmo sabendo que a Língua Portuguesa falada em todo território brasileiro sofre alterações de acordo com os costumes próprios de cada região e da realidade sociocultural local, o “jeitinho” pilarense de falar foi novidade, e ao mesmo tempo, algo cativante, pois:

Mistura também o caipira de sotaque arrastado e gostoso de ouvir, o mineiro já maneiroso conservando suas raízes de desconfiãdo e firmeza nos negócios, o negro com as características vindas da mãe Pátria, África, com suas crendices e sua religiosidade; o japonês, pensativo e cauteloso, um tanto precavido quando se envolve em negócios (...) (VALIO, 2005, p. 49).

Diante do que diz o autor, partindo de tanta combinação de povos vindos de lugares bem diferentes, a cultura deste lugar não poderia ser mais mista do que é. Essa mesclagem cultural reflete também na maneira de falar das pessoas que vivem nesta cidade.

Pilarzinho
 A nossa Pilar é assim
 Com costumes
 E tradições
 Que a tornam
 Especial.
 Seu povo, sua cultura.
 E seu modo de falar:
 Chuva
 Chuviscandinho
 Chuvéninho, ou
 Garoandinho?
 É de cativar.
 Pois é Dona,
 Não estou entendendo
 nada disso!
 Não, estou namorandinho!
 Chééé
 Que bonitinho
 É tudo muito combinadinho
 Com um diminutivo

Que torna tudo
engraçadinho
Esse é o jeito Pilarense de ser.

O poema retrata um pouco do dialeto desta região, e no que diz respeito à fala, muitas palavras são usadas no diminutivo, com sotaque bem característico do lugar, outras, porém foram novidade, pois nunca tinha ouvido tal palavra ou expressão. Um exemplo disso aconteceu em sala de aula, ao ouvir os jovens me chamando de “dona”, ao invés de “professora”. Não entendia o porquê de chamarem assim. Mas, em conversa com alguns colegas, tive a curiosidade de perguntar e eles esclareceram que esse era o modo como chamavam não somente os professores, mas todos os funcionários da escola: inspetores, coordenadores, diretores. As questões regionais na fala foi algo que ocasionou, de certo modo, até complicações quanto ao entendimento sobre o que era dito por algumas pessoas.

Para melhor elucidar o assunto, Reigota, relata que:

Esses pequenos detalhes da vida cotidiana globalizada refletem encontros e desencontros, ideias, sentimentos e experiências pouco conhecidas de um estilo de vida contemporânea cujos significados são fugidios e questionadores, desafiando qualquer análise que tenha como base apenas parâmetros “cientificamente corretos”. (REIGOTA, 1999, p. 49)

De acordo com o autor, os encontros e desencontros foram muitos, mas todos propiciaram a troca de experiências. Além do “dona”, outras tantas variações causaram estranhamento. Vale ressaltar que a Língua Portuguesa sofre variações, e algumas delas são muito específicas de cada região. Isso ocorre graças à imensidão geográfica do território brasileiro, que passa por mudanças de acordo com a sua localização e também, o que muito contribui para a perpetuação dessas variações, é a cultura de cada lugar, de modo que, “através da cultura, pode-se desconstruir preconceitos e estigmas, representações falsas e consolidadas, reverter posições e sistemas [...]” (REIGOTA, 1999, p. 45)

Detalhar os acontecimentos se torna relevante a partir do momento que esses fatores são determinantes para “desconstruir preconceitos”, pois quando passamos a fazer parte e nos tornamos membros de uma cultura, mesmo que esta seja diferente da que costumávamos partilhar, “nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos” (SPINK, 2008, p. 71) começamos a

dividir pensamentos, vivências e sentimentos de pertença ao lugar e a tudo que diz respeito a ele.

Esse sentimento de pertença foi expressado no texto de uma estudante pilarense, do 9º ano do Ensino Fundamental:

Aqui em Pilar...
Aqui em Pilar
Cidade pequena
Com mais ou menos 28000 habitantes
Moram pessoas diferenciadas.

Muitas delas são simpáticas
E outras mal humoradas.

Muitas moram no sertão
Poucas estão empregadas
Mas a maioria com trabalho digno
Para conquistarem o que quiserem.
(MATTA, 2017, p.33)

Este lugar, como bem poeticamente retratado no texto acima, é habitado por pessoas simples e simpáticas, que lutam todos os dias pela sobrevivência e que apesar de todas as dificuldades são acolhedoras e preservam muitos dos costumes dos mais antigos, desde tradições na alimentação com a produção e consumo da paçoca de carne, da sopa de milho, do bolinho de frango, como também nas festas religiosas, que fazem parte do calendário festivo da cidade.

Ante a todos esses detalhes e peculiaridades sobre Pilar do Sul, está a escola estadual na qual trabalho como professora de Língua Portuguesa, desde o ano de 2013. Trata-se da maior escola da cidade, pois recebe em torno de 1.100 estudantes distribuídos nos três turnos de aula; as salas de aula são bem lotadas, com a média de trinta a quarenta alunos em cada uma. A mesma está localizada em um bairro afastado do centro, e além de atender a essa população, recebe também, jovens que vêm dos bairros rurais.

3.4 A Poética em sala de aula

Partindo das inúmeras inquietações decorrentes da prática cotidiana nas minhas aulas de Língua Portuguesa, nas quais sempre me deparei com um ambiente em que a literatura, a poética/estética e a escrita permeiam constantemente o dia a dia escolar, que me senti instigada em verificar até que ponto essa relação literatura/poética provoca pensamentos, atitudes, ações e transformações ao longo da jornada estudantil, tanto no cotidiano escolar, quanto fora dele. A ocorrência de tais transformações só é possível se a escola incentivar seus estudantes a serem capazes de fazer uma leitura abrangente, crítica e inventiva acerca de assuntos que fazem parte da realidade onde cada um está inserido, pois:

O reconhecimento do que acontece neste escondido jogo de fabricação, realizado no cotidiano escolar, nos obriga a discutir e negociar com os múltiplos conhecimentos que resultam das várias redes que nele se entrelaçam, especialmente quanto à sala de aula, onde múltiplos sujeitos trazem fios de outras redes, se encontrando, desencontrando e reencontrando no inventar a cada dia o fascinante processo de ensinar e aprender [...] (ALVES; GARCIA, 2000, p. 14):

Reconhecer as diversas possibilidades que se escondem no dia a dia de uma escola e de uma sala de aula é fundamental para que o processo de ensinar e aprender sejam realizados, e de dessa forma, poder-se-á esperar que os textos literários e sua poética façam sentido na vida dos estudantes e, assim, a escola estará efetivamente provocando-os e ensinando-os a usarem a leitura e a escrita como prática libertadora na educação, conforme Paulo Freire “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1999, p. 28).

Para a realização desta prática educadora que visa à transformação crítica do educando e partindo da leitura dos textos poéticos de Emmanuel Marinho, o mesmo foi escolhido para permear as minhas aulas. O anseio por inserir este autor no desenvolvimento desta pesquisa partiu da minha necessidade de tornar a sua poética e sua obra conhecida por meus estudantes, além de promover entre eles e o autor, uma conversa provocativa, pois sua poética é permeada por assuntos

cotidianos como política, meio ambiente, a questão indígena, do preconceito, do racismo, e muitos outros que são pertinentes para discussões em salas de aula. Seus textos foram escolhidos para serem elementos norteadores de discussões e de provocações entre os estudantes nas minhas aulas de Língua Portuguesa. Souza (2000) defende a ideia de utilizar as revelações cotidianas em materiais de pesquisa:

Por mais rotineiro que pareça, o cotidiano é sempre renovador. E dependendo da apuração de nossos sentidos pode se mostrar revelador. As imagens por ele reveladas podem se transformar em rico material para análise e discussão, mas antes é preciso que essas imagens - com seus movimentos contraditórios, suas luzes e suas cores - se tornem objeto de fruição. (SOUZA, 2000, p. 36)

Diante da realidade e das contradições nas quais o jovem estudante está inserido, torna-se relevante reinventar as possibilidades de acesso aos textos literários e também as inúmeras maneiras de ler e interpretar cada um deles. Por isso, a leitura, “se ensinada, aprendida e praticada de maneira crítica, pode constituir uma janela para o mundo, uma luz no túnel, um passaporte para a racionalidade, uma navegação geradora de descobertas” (SILVA, 2005, p. 50).

Pensando nesta relação da leitura como uma prática crítica que visa à abertura de novas portas e janelas para o mundo, que houve a inserção da poética de Emmanuel Marinho na sala de aula, já que “tudo isso – informações, ideias, valores, mitos, explicações, músicas e imagens – deveria ser reunido e complementado” (PENA-VEJA; ALMEIDA, PETRAGLIA, 2003, p. 133). E foi isso que aconteceu. Uma junção e complementação de tudo: poética e cotidiano escolar, um desafio a ser vencido.

A pesquisa empírica foi desenvolvida no segundo semestre de 2016, entre os meses de agosto a novembro, sendo que, as atividades aconteceram quinzenalmente. Para a execução das atividades que seriam realizadas ao longo do semestre, o 9º ano do Ensino Fundamental foi escolhido, pois das seis turmas com as quais trabalhava, essa era a única série no período matutino, sendo que as outras eram distribuídas no período noturno, o que dificultava a realização da pesquisa devido ao menor número de aulas de Língua Portuguesa.

O processo de escolha de uma única turma foi necessário, pois realizar as atividades com todas as salas se tornaria um processo muito extenso e de difícil conclusão, uma vez que, cada turma é composta por uma média de 36 estudantes.

O critério de seleção dessa sala se deu após uma análise realizada a partir do contexto de cada uma delas, e esta turma é composta por estudantes bem agitados, alguns se destacam pelo tumulto que proporcionam durante as aulas; outros com necessidades especiais e principalmente pelo baixo rendimento nas notas no contexto geral. Este último foi o principal motivo que me levou a desenvolver a pesquisa com eles, pois com um rendimento muito baixo, havia o descrédito de todos com relação à turma.

O trabalho com os jovens para apresentar o Poeta Emmanuel Marinho se deu no dia 12 de agosto de 2016. Este primeiro contato foi para que, a partir daquele momento, o autor não fosse mais um desconhecido para eles. A aula teve início com a apresentação de uma breve biografia e também de alguns vídeos, nos quais o poeta faz encenações de uma série de seus poemas, dentre eles, *Genocídio* (2001):

Genocídio

(crianças batem palmas nos portões)

tem pão velho ?

*não, criança
tem o pão que o diabo amassou
tem sangue de índios nas ruas
e quando é noite
a lua geme aflita
por seus filhos mortos.*

tem pão velho ?

*não, criança
temos comida farta em nossas
mesas
abençoada de toalhas de linho,
talheres
temos mulheres servis, geladeiras
automóveis, fogão
mas não temos pão.*

tem pão velho ?

*não, criança
temos asfalto, água encanada
super-mercados, edifícios
temos pátria, pinga, prisões
armas e ofícios
mas não temos pão.*

tem pão velho ?

*não, criança
tem sua fome travestida de trapos
nas calçadas
que tragam seus pezinhos
de anjo faminto e frágil
pedindo pão velho pela vida
temos luzes sem alma pelas
avenidas
temos índias suicidas
mas não temos pão.*

tem pão velho ?

*não, criança
temos mísseis, satélites
computadores, radares
temos canhões, navios, usinas
nucleares
mas não temos pão.*

tem pão velho ?

*não, criança
tem o pão que o diabo amassou
tem sangue de índios nas ruas
e quando é noite
a lua geme aflita
por seus filhos mortos.*

tem pão velho ?

E também *Índia Velha*. Ambos fazem parte da *Caixa de Poemas* (2001).

Índia velha

*Índia velha.
se lembra do cheiro verde
na fonte limpa
onde se matava a sede
água boa de beber.*

*Índia velha
se lembra
do teu tempo de criança
tinha festa e tinha dança
pra chover.*

*Índia velha
se lembra do primeiro
do segundo
do terceiro branco
que chegou
se lembra?*

*se lembra
quando tu andavas nua
olha a cor do teu vestido
encardido
quando andas pela rua.*

*se lembra!
se lembra de teus colares
teus cantares
teus amores a lua cheia*

*lençóis de flores na aldeia
se lembra?*

*Índia velha
se lembra
dos pés pisando no mato
olha a cor do teu sapato
pisando asfalto e areia.*

*Índia velha
se lembra
tantos brancos que
chegaram
tantos
que até perdestes as
contas
e as contas de teus colares
hoje andas tonta nos bares
e é tão grande a dor que
sentes
e que o amor de tua gente
foi junto ao rio
foi junto ao rio
por onde os branco s
chegaram.*

*se lembra?
se lembra?*

Na sequência, em uma roda de conversa, muitos questionamentos surgiram vindos dos adolescentes. Eles queriam saber mais sobre o poeta e em especial sobre a sua terra, Mato Grosso do Sul. A curiosidade começou a reinar e o diálogo fluiu de maneira agradável e espontânea.

Neste momento em que os jovens começaram as indagações e percepções acerca do que fora a eles apresentado, alguns apontamentos foram necessários, em especial, sobre o lugar que eles não conheciam. A principal dúvida por eles levantada relacionava-se com o pouco conhecimento a respeito da cultura sul-mato-

grossense. Queriam saber sobre tudo: costumes, comidas, animais, o modo de falar, entre outras coisas. Esta foi então, a melhor ocasião para falar-lhes algumas coisas sobre as quais não sabiam e haviam questionado. Falar sobre o Mato Grosso do Sul foi algo muito prazeroso, pois houve o compartilhamento e trocas de informações culturais.

Ao relatar um pouco sobre o Estado, a cidade da qual eu vinha e também o local onde mora o poeta, foi perceptível em cada olhar a surpresa e o contentamento pelas informações que recebiam. Foi importante ressaltar a eles que o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso não são os mesmos lugares, pois devido a uma divisão passou-se a ter dois Estados ao invés de um, e que por este motivo, é muito comum que as pessoas façam referência apenas ao Mato Grosso, e os moradores da parte Sul, obrigatoriamente corrigem e incluem Sul, quando alguém se esquece de mencioná-lo.

Além disso, algumas comparações entre os lugares foram possíveis: Pilar do Sul é uma cidade com um clima bem frio; já o Mato Grosso do Sul é muito quente e tem a tradição das rodas de tereré (bebida à base de erva mate e água gelada), que além de contribuir para a diminuição do calor, tomar tereré proporciona entretenimento e interação entre amigos. As comidas típicas de cada lugar diferenciam-se: o churrasco combinado com a mandioca no MS enquanto em Pilar, a paçoca de carne, o bolinho de frango e a sopa de milho predominam para o paladar dos seus moradores.

As trocas culturais foram bem relevantes para todos que participaram daquele momento, principalmente pelo fato de poder dividir informações tão importantes para o conhecimento de cada lugar. Ao concluir esta aula, não houve registro escrito, pois a maior importância foi dada para as conversas e para os relatos orais, nos quais a participação foi geral, todos contribuíram com alguma pergunta ou comentário.

Com a realização desta atividade foi possível ressaltar a importância da oralidade na sala de aula. A prática das atividades orais se revela como um instrumento de interação e de comunicação, além de proporcionar a inserção dos estudantes no contexto sociocultural em que estão inseridos, de modo que fique clara:

A importância que a linguagem oral tem desempenhado na construção e manutenção de diferentes expressões da cultura do país e da sua própria comunidade. Elas podem se beneficiar e se sentir mais valorizadas e percebam que aqueles que fazem parte de sua comunidade também podem

transmitir conhecimentos importantes por meio da fala, assumindo o papel de produtores de cultura (LEAL; GOIS, 2012, p. 16).

A prática da oralidade é importante para os jovens se sentirem confiantes de que podem ser transmissores de conhecimento e de cultura, ante a comunidade na qual vivem. Diante disso, a escola, em sua dimensão política e pedagógica, tem o papel de mediadora desse aprendizado e é na sala de aula que as experiências e vivências são exploradas proporcionando a inserção e discussão da prática cotidiana, de forma que possa se romper as barreiras culturais existentes entre o ambiente escolar e a sociedade na qual estes se encontram inseridos.

Os dias seguintes ainda foram permeados com muitos questionamentos e comparações, resquícios da troca de conhecimentos ocorrida na roda de conversa. No entanto, as atividades só foram retomadas após 15 dias.

No dia 26 de agosto, a segunda atividade foi realizada. Para tal acontecimento, foi levado, impresso, para toda a turma o poema *Genocídio*. Para a realização desta aula houve toda uma preparação. A princípio, alguns questionamentos a respeito do título foram fundamentais para que todos entendessem a intenção do autor com tal texto: o genocídio e a questão indígena. Foi um momento bem importante, pois alguns não sabiam o que significava tal palavra. Além desse entendimento foi possível relatar o porquê do índio e a sua relação com o genocídio:

Assassíndio
Mortes
Fome
Miséria
Crianças
Mendigos
Cidade-aldeia
Desprezo da sociedade
Triste realidade
Os índios pedem pão
Mas apenas querem
sua dignidade de volta
Pois ela foi roubada
Por aqueles que
lhes negam pão
E só dizem não...
Não!!!

Falar um pouco sobre a realidade da cidade de Dourados no Mato Grosso do Sul, também foi preciso, devido ao não conhecimento de tal lugar e a relação com o autor, Emmanuel Marinho e com o poema em questão. Para melhor elucidar a real situação dos indígenas no Mato Grosso do Sul, o seguinte trecho retirado da *Revista do CIMI*⁷ (Conselho Indigenista Missionário, 2011) foi apresentado à sala:

Quando a lei (Lei de n. 2889/56 - art. 1º Genocídio: Quem, com a intenção de destruir, no todo ou em parte, grupo nacional, étnico, racial ou religioso, como tal: a) matar membros do grupo; b) causar lesão grave à integridade física ou mental de membros do grupo; c) submeter intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial; d) adotar medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; e) efetuar a transferência forçada de crianças do grupo para outro grupo que tipificava o genocídio na legislação brasileira era aprovada em 1956, ampliavam-se no sul de (Mato Grosso) do Sul, o processo de invasão e espoliação das terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas.

Este momento foi profundamente marcado por violentas expulsões de comunidades inteiras, que, ora eram carregadas para as pequenas reservas integracionistas criadas pelo SPI; ora fugiam para outras áreas ainda não invadidas; ora faziam resistência e permaneciam em suas terras tradicionais, mesmo diante da titularização pela ignóbil política do Governo Vargas e passaram a servir de mão-de-obra aos colonos em suas próprias terras; e, ora no confronto com os não-índios eram assassinados conforme amplos relatos das comunidades. [...] estas violações, sobretudo contra os Kaiowá e Guarani, saem do âmbito destes povos e passam a se caracterizar como grave crime contra a humanidade.

Independente de onde estivessem estas famílias, sejam nas reservas ou nas fazendas, todas estavam fadadas a passar da vivência para a sobrevivência, da liberdade para o cativeiro, num silencioso e contínuo extermínio físico e cultural. Nos últimos 35 anos, as formas de resistência dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul vivem um novo patamar de enfrentamento. Estes passaram a denunciar veementemente às sociedades nacionais e internacionais o histórico processo de espoliação das terras e das vidas, e ao mesmo tempo fortaleceram sua organização interna de modo a ampliar o processo de retorno e retomada de suas terras tradicionais.

Neste contexto de violações, o próprio Estado brasileiro, por sua incapacidade de fazer cumprir sua própria Constituição e tratados internacionais dos quais é signatário e que resguardam os direitos humanos, indígenas e territoriais, se tornou o principal responsável por esta realidade de violência contra estes povos. Uma negligência funesta, institucionalizada, centenária, que continua a agravar, dia após dia, uma das realidades mais preocupantes do Mundo, no que se refere à efetivação de direitos como garantia de vida futura destes povos. (CIMI, 2011)

⁷ Revista CIMI (Conselho Indigenista Missionário) – Texto: **AS VIOLÊNCIAS CONTRA OS POVOS INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL**: e as resistências do Bem Viver por uma Terra Sem Males. Publicado em 2011 e disponível no site: http://www.cimi.org.br/pub/MS/Viol_MS_2003_2010.pdf. Acesso em: 01 ago. 2016 às 15h.

Na sequência, no trecho de uma entrevista para o IHU – Instituto Humanístico Unisinos, Marco Antonio Delfino de Almeida, que é procurador do Ministério Público Federal de Mato Grosso do Sul, relata a real situação do indígena⁸:

De acordo com o procurador do Ministério Público Federal de Mato Grosso do Sul, que atua na região e acompanha a situação das comunidades indígenas no estado desde 2008 (...) Dada a situação atual, ele adverte que "o que temos que avaliar é se, efetivamente, todo esse movimento de denegação de direitos e de mudanças na legislação está contribuindo para uma resolução ou para um agravamento da situação (...). Almeida frisa ainda que o fato de os indígenas reivindicarem outros direitos "não faz com que eles não devam ter acesso à terra".

Exploração indígena em Mato Grosso do Sul - A realidade econômica sul-mato-grossense foi calcada na mão de obra indígena. Inicialmente pelo processo da Companhia Matte Laranjeira, com a extração de mate, a qual era realizada com mão de obra indígena, mão de obra essa que, na maior parte das vezes, residia dentro das próprias fazendas, o que facilitava o processo de extração. Posteriormente, os indígenas atuaram de uma forma intensa na abertura das fazendas - chamam por esse nome muito bonito de "abertura de fazenda", quando na verdade se trata de derrubada de mata. Na década de 1960, 1970, os indígenas eram como "tratores humanos", e isso é duplamente nefasto porque eles contribuíram diretamente para descaracterização dos seus próprios territórios. (...). É interessante, nesse processo de denegação da realidade, que, dificilmente, você encontrará uma pessoa em Mato Grosso do Sul, com mais de 50 anos de idade, fazendeiro, que não tenha utilizado, em algum momento, mão de obra indígena em sua fazenda, que não tenha arregimentado as denominadas "tropas de índios" para trabalhar em algum aspecto da sua atividade produtiva. Agora, são essas mesmas pessoas que denegam a existência desses indígenas.

Violência - Todo e qualquer ato de violência é um ato de violência, independentemente de quem o pratique. Enquanto não nos colocarmos no lugar do outro, não conseguiremos fazer um mundo melhor. Então, obviamente que toda a violência contra integridade física e a violência discriminatória que as populações indígenas sofrem é nefasta, mas igualmente a violência que ataca a memória, mesmo patrimonial, quando se destroem documentos, fotos numa ocupação, é também dolorosa para as pessoas que vivenciam esse tipo de situação. Mas isso infelizmente faz parte da situação que vivemos hoje de não considerar os indígenas como integrantes da nossa sociedade. (...) Infelizmente é isso que vejo nesse processo: as agressões contra comunidades indígenas não são consideradas agressões contra um integrante da sociedade, mas contra um inimigo. (ALMEIDA, 2016)

A leitura dos textos e a reflexão sobre os problemas que acometem os indígenas do Mato Grosso do Sul foi relevante para o entendimento do poema *Genocídio*. O mesmo foi apresentado aos estudantes, juntamente com a exposição

⁸ Entrevista com Marco Antonio Delfino de Almeida para o IHU (Instituto Humanístico Unisinos), no dia 04/07/2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/557224-o-que-a-sociedade-tem-a-dizer-aos-indigenas-que-foram-explorados-durante-o-desenvolvimento-do-mato-grosso-do-sul-entrevista-especial-com-marco-antonio-delfino-de-almeida>. Acesso em: 01 ago. 2016. Acesso às 16h.

da *Caixa de Poemas* (2001) e todos os seus poemas. Este foi o momento de mostrar como é realizado o trabalho do poeta, que opta por publicar seus textos em encadernações mais “rústicas”, em especial pela utilização de materiais recicláveis e pela disposição dos poemas em uma caixa, com folhas soltas e sem números de páginas. Em seguida, os textos foram entregues para todos da sala, lidos individualmente e na sequência coletivamente.

A proposta para a aula estava pautada na poética do texto e a crítica trazida por ele. Aos pares, uma leitura dramatizada foi realizada. Este foi um momento de total participação e adesão à proposta que fora solicitada a eles. Ao apresentar a dramatização para o restante da turma, os estudantes, ao final, davam um depoimento sobre a experiência vivida ao encenar tal situação.

Ao concluir as aulas restou a certeza de que “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena” (PESSOA, 2014, p. 42). Esse verso de Fernando Pessoa é bem aplicado à Educação, pois é preciso ter alma grande e (re) inventar o cotidiano usando diversas ferramentas com um único objetivo: proporcionar a aprendizagem significativa para cada estudante, independente das dificuldades cotidianas, sendo que:

[...] ao mesmo tempo e no mesmo espaço em que as políticas públicas são implantadas, inúmeras alternativas vão sendo “fabricadas” por quem vive e sofre o cotidiano escolar, criando e fazendo aparecer lindas cores, formas e sons, sempre novos, nestes espaços/tempos que outros e outras afirmam ser sempre iguais. (ALVES; GARCIA, 2000, p. 15)

“As alternativas foram fabricadas” com o intuito de que novas cores, novos rumos e poéticas propiciassem a diferença no cotidiano e nas aulas de Língua Portuguesa. Para isso, as atividades retornaram no dia 09 de setembro, e para o desenvolvimento das mesmas, foi retomado o texto das aulas anteriores, pois duas aulas não foram suficientes para realizar tudo o que estava programado. Além dele, outro texto de Marinho (2001) *Índia Velha* foi utilizado para a intervenção.

Arelada a tudo que já tinha ocorrido em aulas anteriores, a prática deste dia, teve como objetivo principal perceber os sentidos que a realização de atividades como esta provocaria neste grupo de jovens. Sendo assim, cada estudante recebeu os textos e a proposta feita a eles, foi a de que, partindo da poética de Emmanuel Marinho, de sua contextualização, da problemática levantada nos poemas e das provocações feitas para cada um que se depara com elas, os jovens pudessem criar

suas próprias conclusões e reflexões da maneira com a qual se sentissem mais à vontade para expressar todos os sentimentos que reverberaram durante a leitura e o contato com o autor.

Para tal percepção, a produção textual foi escolhida como prática provocadora. Nenhuma tipologia textual em específico foi obrigatória. Os estudantes tiveram a liberdade de escolher aquela com a qual tivesse maior identificação: uma produção não verbal (histórias em quadrinhos, tirinhas, texto publicitário), uma notícia, poesias, letras de músicas ou qualquer outra forma de manifestação que ele sentisse vontade de representar.

Dessa forma, ao final das aulas, as produções realizadas pelos estudantes foram as mais variadas, dentre elas, os textos a seguir, expressam os pensamentos dos estudantes ao refletirem sobre as diversas pessoas que passam fome e a ignorância da sociedade que finge não ver:

*Fome!
É tão bom ter uma refeição
Arroz, feijão e um belo bifão
Aquela comida suculenta
Que todos nós merecemos*

*Mas infelizmente a realidade
Não é bem assim
Existem pessoas que sentem
Fome sem fim.*

*Sem o precioso trabalho
As pessoas não conseguem ter
Nem o pão de cada dia para comer.*

*E é por isso que eu sonho
No futuro poder ajudar
As pessoas que necessitam
Pra fome não mais passar.
(SANTOS, 2017, p.28)*



Foto 10: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Outro texto expressa o entendimento de um adolescente, que abrange os temas suicídio e drogas, que também são muito presentes na realidade dele:

Notícia urgente direto da Redação do Estudantil

Hoje a noite o 49º Batalhão de polícia registou mais um suicídio ocorrido na aldeia Pombalense. O indivíduo foi reconhecido como Orivaldo dos Anjos e tinha 34 anos. Segundo os familiares ele era usuário de drogas e há cerca de três anos estava no vício. Sua esposa, a senhora Maria dos Anjos disse que já havia percebido que o marido estava com um comportamento muito estranho e diferente do que costumava ter. Ele andava muito nervoso, sempre fechava tudo antes de dormir e verificava umas três vezes para ter certeza de que não tinha aberto. A polícia está suspeitando de que Orivaldo estivesse sendo vítima de ameaças de traficantes da região há algum tempo, porém o departamento de polícia precisa fazer investigações para ter provas concretas sobre o caso. Esse é mais um suicídio que acontece na aldeia, isso em apenas dois meses.

A criatividade atrelada à imaginação de cada estudante foi o que promoveu uma melhor interação entre o poema a eles apresentado e a produção devolvida por cada um. Em uma produção, das quais foram realizadas pelos estudantes, o questionamento para a sociedade é feito:

Sociedade ou cidadão

Oh brasileiro!
Onde você vai com tanta maldade?
Não é você o espírito de nossa sociedade?
Vamos à luta para sobreviver
Pois estamos vivendo um momento
De destruição
Nesse incrível mundão!
Mas a sociedade
É repleta de monstros
Quem são eles?
É claro que somos todos:
Eu e você!



Foto 11: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 13: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Paisagem
 E você leva a vida
 Como se fosse brincadeira
 Eu já nem sei se hoje
 É sábado
 Domingo ou quinta-feira
 Só sei que mando um beijo
 Pra você
 Que pinta uma palmeira
 De azul
 Como se quisesse mudar a cor
 De sangue e dor
 Da América do Sul.
 (MARINHO, 1986, p.21)



Foto 14: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

As sequências das aulas permeadas pela poética de Emmanuel aconteceram no dia 23 de setembro de 2016. Nestas, a provocação foi realizada com o seguinte poema de Emmanuel Marinho (2001):

*meu amigo está
desempregado
ele procura emprego
ele procura os culpados!
ele ama uma garota
que sonha ser professora
mas se assusta
quando pensa no salário.
eles querem se casar!
ele já fez curso no Sesc
no Sesi e no Senai
mas quase não saem
porque ele está
desempregado.
o irmão mais novo
serviu a pátria por um salário
mas foi reprovado
no concurso pra soldado.
ele procura emprego*

*ele procura os culpados!
o vizinho de um pouco mais de
vinte
(com um bebê de nove)
foi despedido
ele está perdido
ele está desesperado
ele procura emprego
ele procura os culpados!
de dia perambulam solitários
pelas ruas das placas e dos
classificados.
de noite
de noite eles formam um
bando
se divertem
e batalham o pão do dia
seguinte.*

Foi apresentado mais um poema de Emmanuel Marinho para apreciação dos jovens. A princípio, cada um leu silenciosamente e, em seguida, ocorreu a leitura coletiva, com a participação de todos. O intuito nesse momento foi incitá-los a percorrer o texto e encontrar em suas entrelinhas os problemas que estavam em discussão e que permeavam os versos do poeta. Tais atividades foram relevantes, pois é preciso que:

[...] se reedueque nossa capacidade de ver, ouvir, sentir as ideias e ações produzidas no espaço/tempo do cotidiano da escola e da sala de aula, com suas lógicas e no seu tempo próprio. Não se trata de projetos e propostas pedagógicas e curriculares gerais, portanto de estratégias, às quais, de acordo com a visão dos sujeitos do poder, os outros, os sujeitos do cotidiano escolar, deveriam se adaptar. Não são propostas articuladas e totalizadoras, que é o que costumam exigir dos sujeitos cotidianos as autoridades educacionais, sempre que encontram oposição a seus projetos. Trata-se, isto sim, de propostas cotidianas, modos de fazer cotidianos, artes que se colocam para além da racionalidade dominante e que jogam com as emoções e as instituições e a imaginação criadora e, sem dúvida, com uma outra racionalidade. (ALVES; GARCIA, 2000, p. 17)

Como muito bem dito pelas autoras, as propostas, os modos de fazer cotidianos, são possíveis partindo das diversas indagações que podem ser realizadas com a poética, com as quais, atribuem significados importantes à criação e à imaginação produzidas no cotidiano escolar. Partindo disso, várias indagações foram realizadas aos estudantes para que eles pudessem refletir acerca dos temas sobre os quais o poeta aborda em seu texto: Por que o texto não tem título? O desemprego é algo real nos dias atuais? Como a sociedade encara um desempregado? Quais as consequências do desemprego? Essas e outras perguntas foram respondidas nesse instante de discussões no qual é favorável para que todos possam expressar os seus pontos de vista, além de estimular o pensamento de cada jovem para a sua própria realidade.

Sendo assim, a roda de conversa aconteceu de maneira muito produtiva, e com ela foi exposta a proposta para a produção do que ocorrera nestas aulas. A devolutiva de cada estudante deveria acontecer com uma produção textual que retratasse o seu modo de pensar sobre tudo o que fora discutido em sala, e com esse exercício, promover a reflexão sobre a sociedade no qual está inserido.

As produções textuais foram realizadas e todas refletem a emoção e a criatividade de cada adolescente a respeito de uma temática tão presente em seus cotidianos. O texto a seguir é de uma estudante e mostra o seu questionamento e certo descontentamento com os problemas que são enfrentados por todos:

A verdadeira sociedade!

Muitos são os problemas que os cidadãos vivem na atualidade.

Ao questionarmos sobre eles e os seus culpados, a resposta que recebemos é sempre não!

Não tem! Não terá!

Cadê a Educação?

Não, jovem. Está em falta.

Tem professores.

Diretores.

Coordenadores.

Mediadores.

Mas verba não tem!

E empregos para os jovens, tem?

Tem nada! Empresas até tem.

Mas elas estão substituindo
 Pessoas por máquinas;
 Diminuindo gastos e aumentando o lucro,
 isso sim, com certeza.
 E se perguntar de moradia?
 Qual é a resposta? Não também?
 É, não tem!
 Casas de aluguel que custam
 “os olhos da cara” tem sim.
 Mansões, apartamentos tem de montão
 por esse “Brasilzão”,
 Mas não é pra todos não.
 É a nossa casa, nosso sonho.
 É, a falta de respeito tem!
 Pessoas ignorantes, desumanas
 e hipócritas, essas tem.
 Mas o respeito que é bom, não tem!
 Acabou.

Vários questionamentos surgiram nos textos produzidos. De forma crítica, o olhar do jovem foi direcionado para as situações que os mesmos vivem cotidianamente e que muitas vezes, devido ao fato de se acostumarem com elas, passam despercebidas por todos, inclusive por aquele que vive constantemente circunstâncias como as descritas no poema.

Nos textos a seguir, as estudantes expressaram o desconforto que encontraram nas respostas dadas às suas perguntas, em especial à maneira como veem a sociedade em que vivem:

Realidade da sociedade

Tem saúde?
 Não, tem não!
 Mas tem fila
 Tem espera
 Tem urgência
 Mas não tem saúde.

Tem educação?
 Não, senhora
 Tem desrespeito com o cidadão
 Tem preconceito
 Mas não tem educação.

Tem justiça?
Não, senhor
Mas tem injustiça
Tem inocente preso
Tem bandido solto
Mas não tem justiça.

Tem segurança?
Não tem, nem nunca teve
Só tem perigo
Tem assalto
Tem estupro
Mas não tem segurança.

Tem saúde?
Não tem não
Mas tem fila
Tem espera
Tem urgência
Mas não tem saúde não!

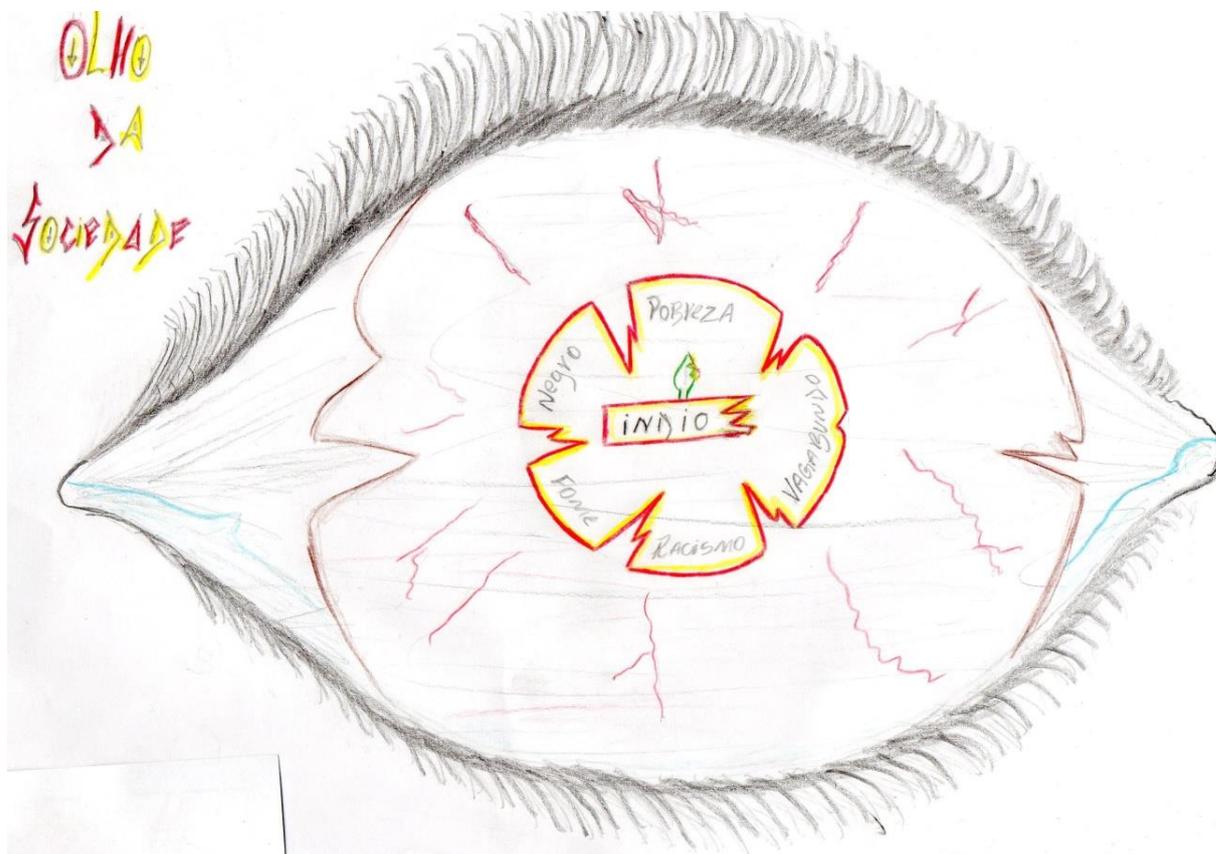


Foto 15: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Os textos expressaram a particularidade de cada estudante, com os quais puderam exteriorizar os mais diversos sentimentos. Na entrevista que segue, o estudante quis retratar a falta de felicidade da sociedade atual, em especial, entre os jovens:

Entrevista a um jovem estudante

Amigo: Caro jovem, qual o seu entendimento de felicidade?

Menino: Eu entendo que o mundo hoje não tem felicidade. Tem sim, a violência que o diabo trouxe, há sangue de mendigos nas ruas, e pessoas gemendo dia e noite, aflitas, devido aos perigos constantes.

Amigo: Por que você acredita que não tem felicidade?

Menino: Não tem felicidade, porque neste mundo onde todos têm carros para passear, tem celular, televisão, eletrodomésticos de monte, mas não são felizes.

Amigo: Cite alguns motivos que tornam as pessoas infelizes.

Menino: Elas estão rodeadas de parques sujos, rios poluídos, lojas para comprar tudo que quiserem, têm casas, a sociedade está cheia de ladrões, autoridades, juízes, delegados, mas também tem bebidas e drogas, o que ajuda as pessoas buscarem a felicidade, mas não a encontram.

Amigo: Existe uma solução para isso?

Menino: Pode ser que sim. Quando as pessoas pararem de pensar somente em si, deixarem seus interesses e começarem a ajudar uns aos outros, ai sim, com mais humanidade e amor ao próximo, pode ser que sejamos felizes.

Ao término destas intervenções, os jovens socializaram as atividades realizadas com todos da sala. Houve troca de textos entre eles, para o conhecimento das produções uns dos outros. Essa prática possibilitou a troca e a partilha das reflexões e do modo como cada um pensa. Antes de concluir a aula, em conversa com a turma, foi solicitado para que cada um fizesse o registro de imagens cotidianas que lhes chamassem a atenção, e as trouxessem para mim, pois elas seriam fundamentais para a realização da oficina que seria realizada com eles.

Os estudantes trouxeram fotos inúmeras, das mais diversas situações vividas por eles: na rua, na escola, em casa, viajando, entre outras, todas registradas em seus aparelhos celulares. Ao estar de posse dessas fotos, as revelei e as reservei para que fossem utilizadas na oficina de produção de escrita inventiva.

Professorar
 Cada dia me pergunto:
 O que é ser professora?
 Professor vive de professar:
 Professar a esperança na educação
 E em dias de melhores condições.
 Mas professorar
 é também acreditar:
 Acreditar que tenho em mãos
 A ferramenta para mudar.
 Mudar quem sabe, o mundo,
 pode ser que sim,
 Mas mudar o jeito de olhar e lidar
 com cada um
 Que faz parte do
 meu cotidiano escolar.
 Professorar é amar!
 Amar a poesia
 que está contida
 em cada olhar,
 Em cada fazer e
 em cada perguntar.
 Ser professor:
 É deixar-se conduzir
 Pela pedagogia da poética e do amor!

As aulas e atividades sequentes foram permeadas pela poesia. As mesmas aconteceram nos dias 07 e 21 de outubro. Elas se realizaram em uma sequência de quatro aulas, pois apenas duas não foram suficientes para a conclusão do que fora proposto aos estudantes. Para início de conversa, para melhor entendimento sobre o que é poesia e o que é ser poeta, foi apresentado para eles o seguinte poema de Cassiano Ricardo:

Poética
 1
Que é a Poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos os lados.
 2

*Que é o Poeta?
um homem
que trabalha
com o suor do seu rosto.
Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem.*
(RICARDO, 2013, p. 110)

Partindo da *Poética* de Cassiano Ricardo e seus questionamentos acerca da Poesia e do Poeta, foi possível iniciar um diálogo no qual algumas dúvidas pudessem ser esclarecidas. Pode-se dizer que, ao serem instigados a falar de poesia, os estudantes não se sentiram muito à vontade, pois costumavam dizer que escrever poesia não é fácil, nem legal. Essa não é fala isolada, muitos não se sentiam aptos a escrever tal gênero textual. No entanto, o convite à produção poética foi realizado:

*CONVITE
Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?
(PAES, 1994, p. 3)*

Diante do convite feito a eles e partindo das discussões sobre o que ele dizia, a conversa começou a mudar de rumo. O importante para eles foi perceber que,

escrever poesias é algo que qualquer um pode realizar e não está restrito apenas aos grandes poetas, mas sim, está ao alcance de qualquer um que faça uso da palavra que lhe cerca. Ainda lhes foi explicado que hoje, a escrita de um poema não requer tanta formalidade, os poetas têm total liberdade quanto à disposição do texto na folha de papel: se quer seu texto com rimas, com estrofes, ou ainda, se quer escrever um poema visual ou não. Isso os agradou, pois até então, para eles, a escrita de um poema não estava desvinculada desses itens.

Escrever é desfrutar da docilidade e sonoridade que as palavras nos permitem atingir; é permitir-se a abertura para o desconhecido e nele lambuzar-se e degustar do sabor inebriante da escrita.

Lambuzar-se com as palavras da mesma maneira que as abelhas fazem: vão de encontro ao doce sabor do mel em cada flor e dela retiram o sustento e doçura que precisam para sobreviver. Essa metáfora ilustra o quanto nós, seres que precisamos da docilidade das palavras para o enfrentamento das rudezas que a vida nos proporciona diariamente. A poesia nos inebria com aquilo que sustenta o nosso âmago. E ir ao encontro dela e permitir ser tocado por seus encantos é o ato de desfrutar e inebriar nessa fonte que nos farta.

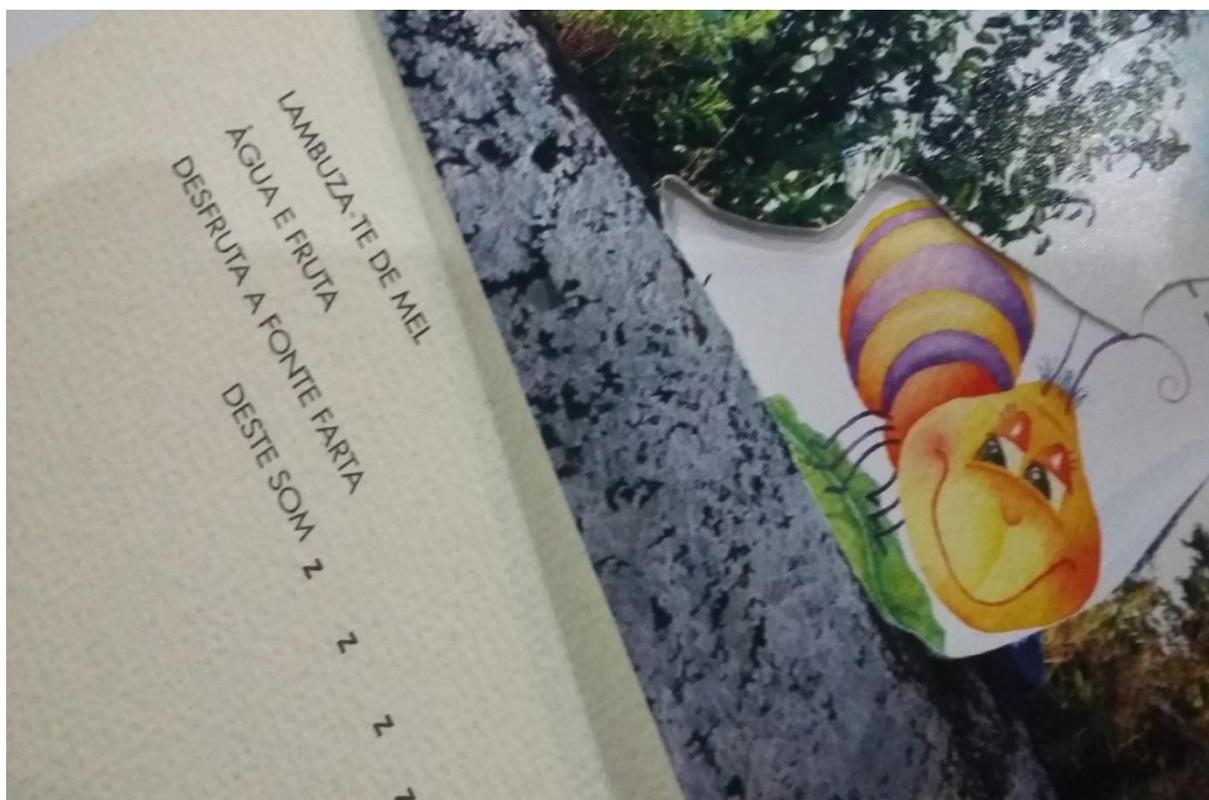


Foto 16: Criação no Banquete Poético realizado no Grupo Ritmos – UNISO. Fonte: arquivo pessoal.

Para auxiliá-los na oficina de escrita poética, alguns instrumentos foram utilizados: caixa de som, livros variados de poesia para leitura e a disposição da sala alterada, o que permitiu que se agrupassem para discutirem o que seria feito. Eles tiveram a liberdade para escrever sobre o tema que lhe agradasse, nenhum tema foi imposto a eles. Alguns ainda questionaram se podiam escrever sobre, saudade, tristeza, alegria, e inúmeras outras coisas, e foi respondido a eles que ficassem a vontade para produzirem seus poemas de acordo com o que lhe mandassem as suas imaginações.

O ambiente foi preparado: os CDs *Teré* (2001) e *Encantares* (2014) de Emmanuel Marinho foram colocados e suas músicas (poemas cantados) ficaram tocando durante a execução da atividade. A mesma ocorreu de forma tranquila e participativa, pois todos estavam atentos à sua produção poética. Alguns exemplos dessas produções estão na sequência, e o primeiro deles, é de uma estudante:

Cenas vazias

A vista daqui é tão linda
 Nem parece uma periferia
 Onde o povo luta,
 Contra a maldade e sua liberdade
 A liberdade da expressão e da equidade
 Onde a mente não processa e não tem sinceridade.

Engravatados corruptos
 Sociedade dividida por um muro
 Salário cada vez mais miúdo
 E o povo cada dia mais mudo.

O povo desempregado
 E a nossa felicidade?
 Está apenas num retrato
 Nesse retrato, minha felicidade
 Se refletia
 Porque periferia, não se resume
 num drogado na esquina
 E sim, de um povo que luta
 Todo dia.

Cadê o amor, sinceridade e compaixão?
 Onde a religião é mais importante
 Que seu próprio irmão.
 (ALMEIDA, 2017, p. 11)

A expressão dessa jovem reflete o seu modo de sobrevivência e seus anseios ao falar da periferia, o lugar onde mora. Além deste, outros sentimentos tantos foram transcritos poeticamente. Os três poemas a seguir, são de um mesmo jovem, que escreveu sobre assuntos diferentes:

Lembranças

Pelos versos que ouvi
Pelos sonhos que chorei
Pelas lágrimas passadas
Pelos bosques que andei.

Flores

Às vezes eu me pergunto:
Por que existem flores?
Se pararmos para pensar
Elas adoçam os amores.

Valores

Dinheiro sem alegria
Luxuria sem valor
Pra que viver a vida
Se não tem amor?

Amor, um sentimento tão belo
Às vezes, um tanto severo
Mas, se você persistir
Ele se tornará eterno.

Mas será que isso existe?
Um amor para a vida toda
Com um pouco de dor
Pode vir à tona, o amor.

No poema a seguir, a dor é tema de reflexão de um adolescente que expressa o quão difícil é o significado desta palavra:

A dor!

A dor pode se assemelhar
À chama do fogo
Que se alastra por todo o corpo.

Ela tem causado muita destruição
Trazendo cada dia mais aflição
Para vidas que estão
No limbo obscuro da perdição.

A dor é um sentimento que
Que ninguém quer sentir
Mas ela sempre vem
Para nos fazer refletir.

Para finalizar as aulas de produções poéticas na sala de aula, aconteceu a oficina que nomeei de *Poeticagens no cotidiano*. A mesma ocorreu nos dias 04 e 18 de novembro, pois apenas duas aulas não foram suficientes para concluí-la. Para a realização das mesmas, foram utilizadas as fotografias trazidas pelos estudantes e que foram reveladas. E como complemento para o desenrolar da atividade, alguns materiais foram incluídos, tais como: livros e textos de Emmanuel Marinho, Clarice Lispector e Manoel de Barros, além das fotos, retalhos de tecidos, agulhas, linhas, recortes de papéis, colas, tesouras, régua, canetinhas, lápis de cor e imaginação, muita imaginação.

Des-fazer a arquitetura da sala foi preciso, para que o lugar se tornasse mais adequado para o exercício que seria realizado: as carteiras foram agrupadas de acordo com o gosto dos estudantes, e de acordo com a afinidade de cada um para formar o grupo. As orientações para eles foram dadas para que usassem todos os materiais disponíveis na confecção da sua poética. Era preciso que utilizassem as fotos, os textos e os outros materiais em uma composição de escrita inventiva. Os resultados foram bem diversificados.

As fotos a seguir retratam o desenrolar da oficina: as mesas com os objetos; as mãos trabalhando e dando vida à poesia e magia poética vivida por eles e por mim, algo que as imagens não dão conta de traduzir.



Foto 17: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 18: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

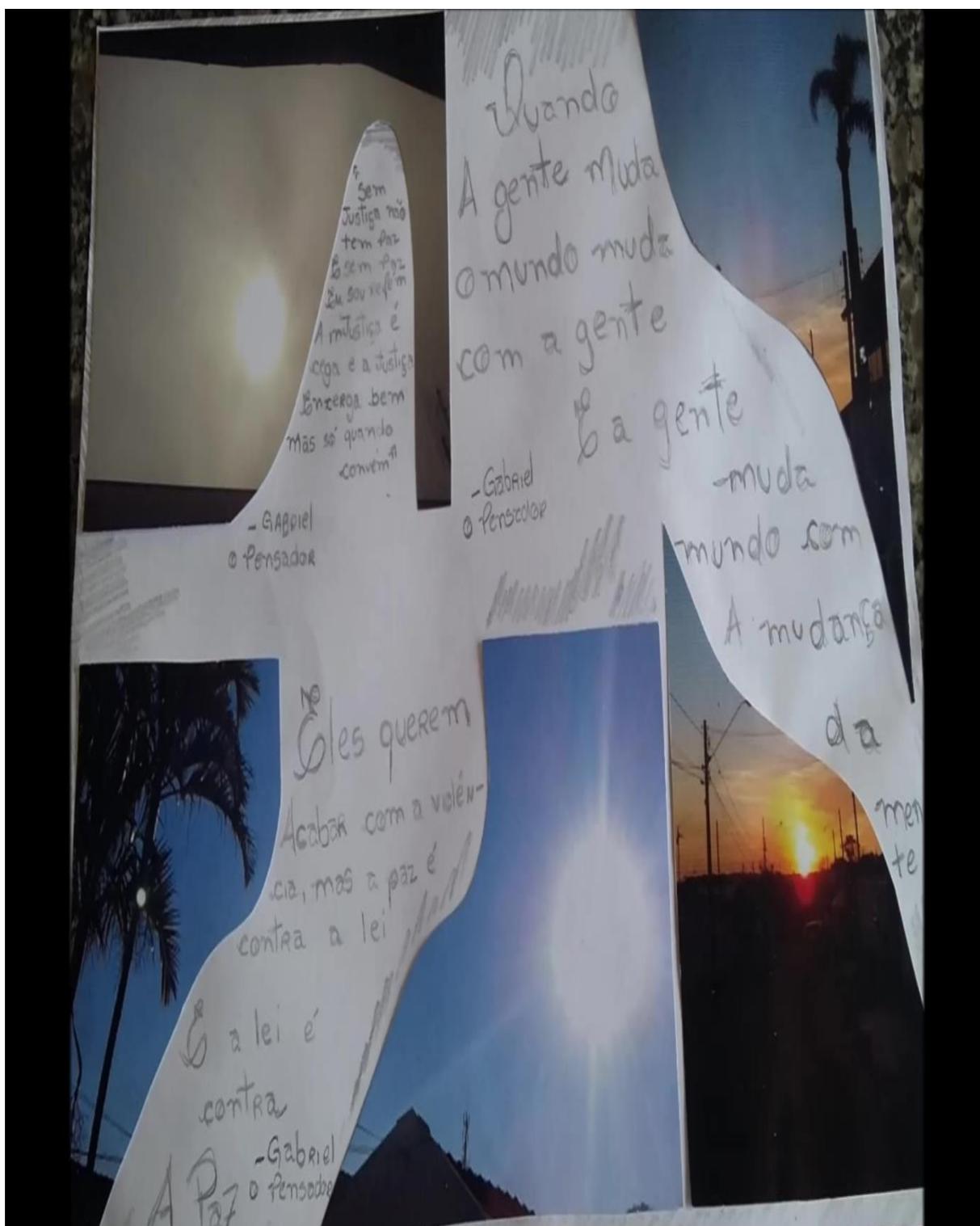


Foto 19: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 20: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Entre papeis, rabiscos e recortes, aos poucos, o brincar de escrever se tornou arte nas mãos dos jovens estudantes. Conduzidos e embalados pela poesia que permeava todo o ambiente, a invenção e a criação foram afloradas e o resultado não poderia ser outro: uma janela aberta para jovens estudantes revelando a poesia e suscitando a criatividade de cada um.



Foto 21: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

4 ENTRE RETALHOS E RECORTES, A POÉTICA ALINHAVA A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NO COTIDIANO ESCOLAR

*[...] o que eu queria era fazer brinquedos com as palavras.
Fazer coisas desúteis.
O nada mesmo.
Tudo que use o abandono por dentro e por fora.
(BARROS, p. 07)*



Foto 22: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Brincar com as palavras, assim como fazia Manoel de Barros é uma atividade que vai muito além da simples junção das letras em uma folha de papel; brincar é um exercício que possibilita interação, alegria, descontração, amizade. A brincadeira com as palavras não é diferente. Ela proporciona além de tudo isso, o aprendizado. Viajar na poética em companhia das palavras é poder experimentar um mundo desconhecido repleto de imaginação e criatividade.

O que se vive após a brincadeira, são acontecimentos. Estes, por sua vez, já não permitem que tudo seja como antes. A escrita que segue está repleta deles.

Repleta de uma vivência que não se resume apenas em algumas folhas escritas, mas sim, em experiências que proporcionaram abrir uma janela e por ela contemplar um mundo onde a poesia cria vida, interage e conversa com cada um.



A janela dos sonhos
 Abrir as cortinas
 E pela janela
 Contemplar um mundo
 Onde a magia e a imaginação
 Andam de mãos dadas.
 Nesse mundo, as coisas criam forma
 As palavras ganham vida
 Os sentimentos afloram no papel
 E o pulsar que vibra
 No coração do poeta
 É exteriorizado
 Para com outros
 Compartilhar as emoções
 e as sensações
 Que na alma latejam.
 Rosana M. Faustino

Foto 23: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Olhar pela janela de uma sala de aula é poder enxergar o mundo que existe através dela e com ele interagir poeticamente e extrair grandezas infinitas e ocultas. Esta escrita que nestas páginas é construída parte de reflexos obtidos com um olhar outro no cotidiano da minha escola. A prática de dar lugar ao novo reverberou em lindas e ricas produções nas aulas de Língua Portuguesa.

O desdobrar-se dos dias e tudo o que eles proporcionavam, suscitava ainda mais o meu desejo em entender quais potências os textos poéticos produzem quando são inseridos no contexto escolar, de modo que estes irrompam o esgotamento de possibilidades num ressoar de forças e intensidades das experiências na sala de aula. Este exercício de busca e provocação do devir-educação aconteceu como uma:

[...] intercessão com potências criativas, problematizando pensamentos, singularidades variáveis manifestas em relações de forças múltiplas, com/por uma educação que quer diferir in-ventando pelas potências da arte [...]. Provocar devires-educação na/pela criação, abrindo brechas para uma educação-invenção esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontros, girando ventos em pensamentos. (ROMAGUERA; WUNDER, 2016, p. 127)

Com as autoras, reflito e sinto-me impulsionada para desvelar as forças múltiplas que foram surgindo nos encontros entre poesia, estética e sala de aula. O trabalho com os textos de Emmanuel Marinho foi um experimento que resultou no encontro da poesia, da palavra e da poética. Eles, de maneira muito plural, refletiam experiências, pessoas, lugares, emoções, sensações e reflexões nos jovens estudantes, todos como “um convite à criação e abertura de um espaço-tempo para composições coletivas” (ROMAGUERA; WUNDER, 2016, p.127).

Entre linhas, palavras, recortes de retalhos tantos, a costura do texto se constrói. Assim como uma obra de arte, as produções criam vida nas mãos dos jovens:

A vida como uma obra de arte, como uma filosofia da arte, cujo universo é habitado por disparidades e devires artísticos, é uma construção inengendrada, incriada que, como o homem, demanda a se tornar um pensamento/acontecimento, um pensamento para engendrar o pensar. (LINS, 2012, p. 19)

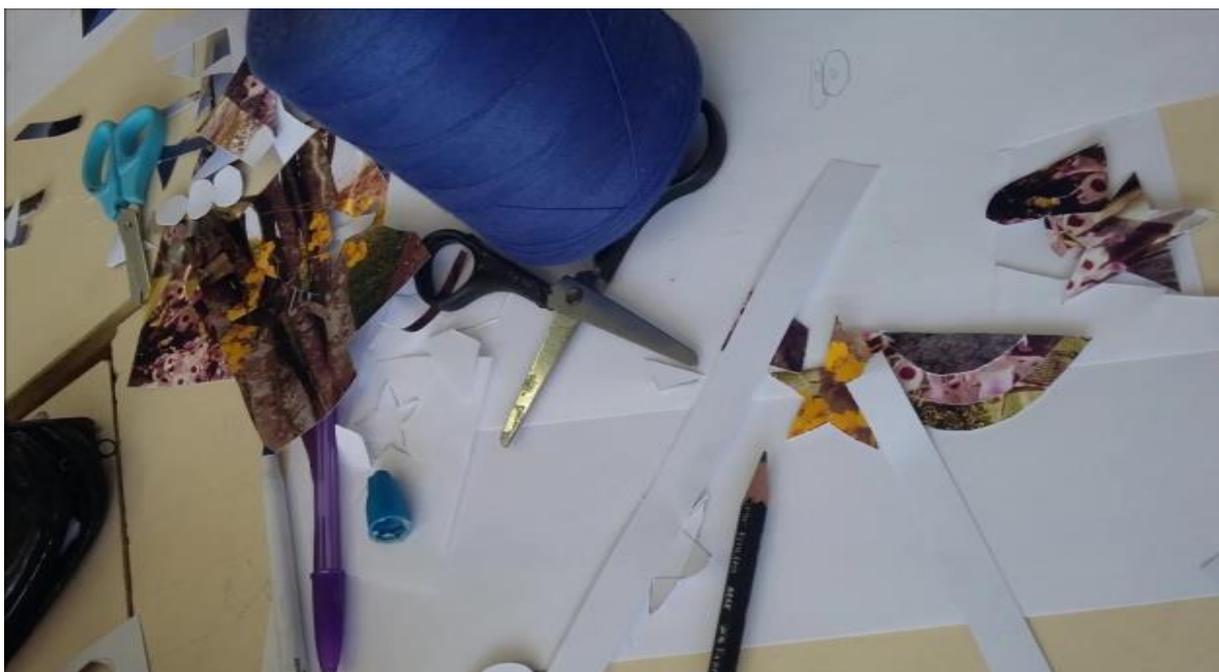


Foto 24: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

A palavra se torna objeto ao atingir com sua força e alcançar os improváveis da vida.

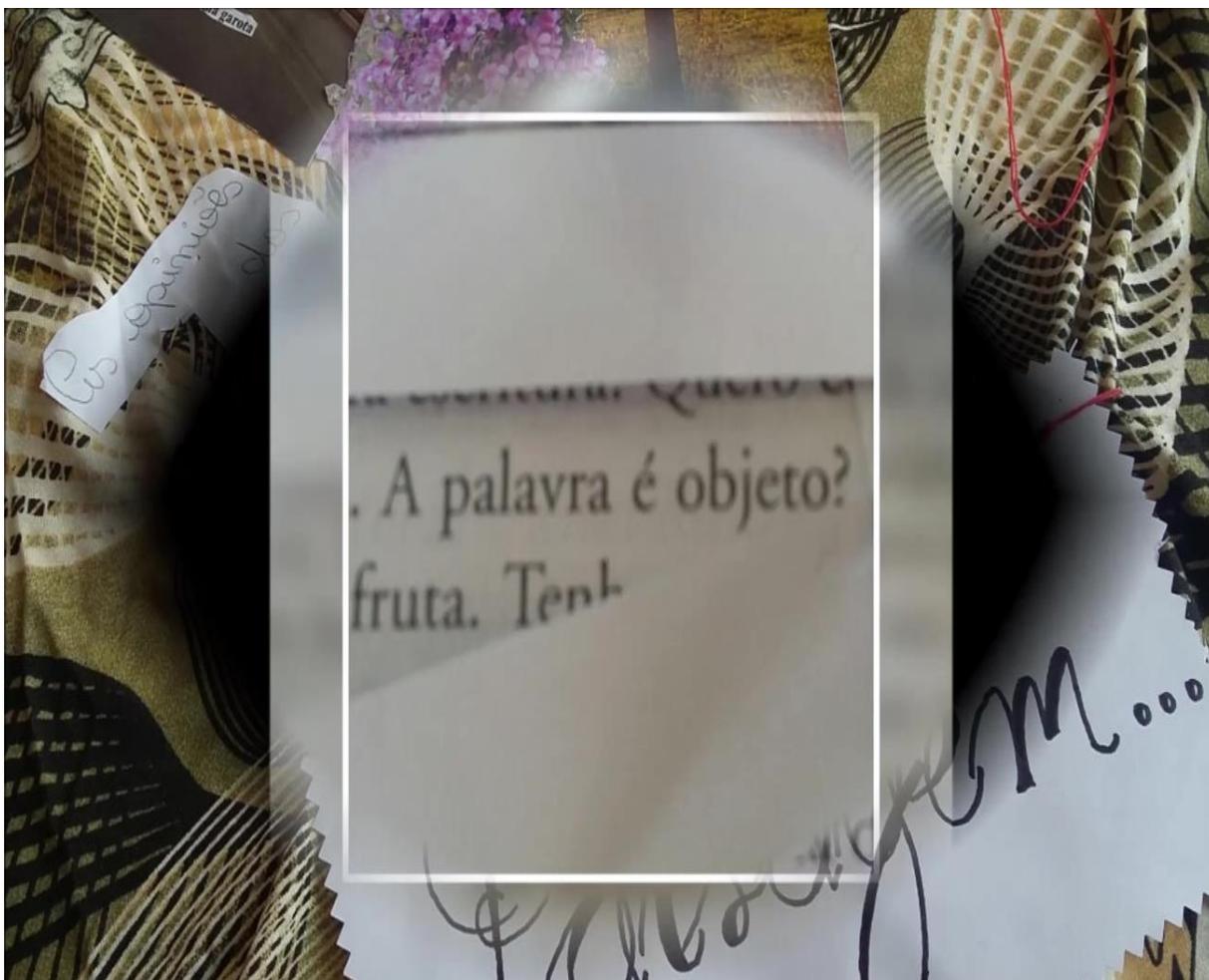


Foto 25: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Esta construção se dá na vivência, na intensidade do momento e nas multiplicidades de sentidos que podemos atribuir a cada palavra, de acordo com os sentimentos e as situações as palavras podem se tornar objetos, pessoas, ruas, cidades, vivências, histórias. Com Alda Romaguera “este procedimento, transformá-las em **palavras pulsantes**. Em seus **pulsares**, perceber matizes e nuances de **cores, sons, formas**, que abrem possibilidades para propor movimentos, danças vocabulares”. (ROMAGUERA, 2008, p. 309 grifo da autora)



Foto 26: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

As possibilidades de dar movimento, vida às palavras e torná-las pulsantes nas vidas dos estudantes e nas suas histórias. Palavra que tem o poder de modificar, de transformar, de dar asas aos sonhos e com eles viajarem e colorirem as páginas em branco.

O preconceito

O preconceito é o inquilino da morada da dor

*Na calada ele vem refém da vingança
Irmão do desespero
Rival da esperança*

*Mas aqueles que conseguem ver a igualdade,
Não apenas as diferenças
Esses são os verdadeiros guerreiros
Esses fazem a diferença no mundo.*

*Esses veem a sinceridade no olhar
A nobreza no coração
E a esperança na mente
De verem um mundo melhor.
(MARTINS, 2017, p. 16-17)*

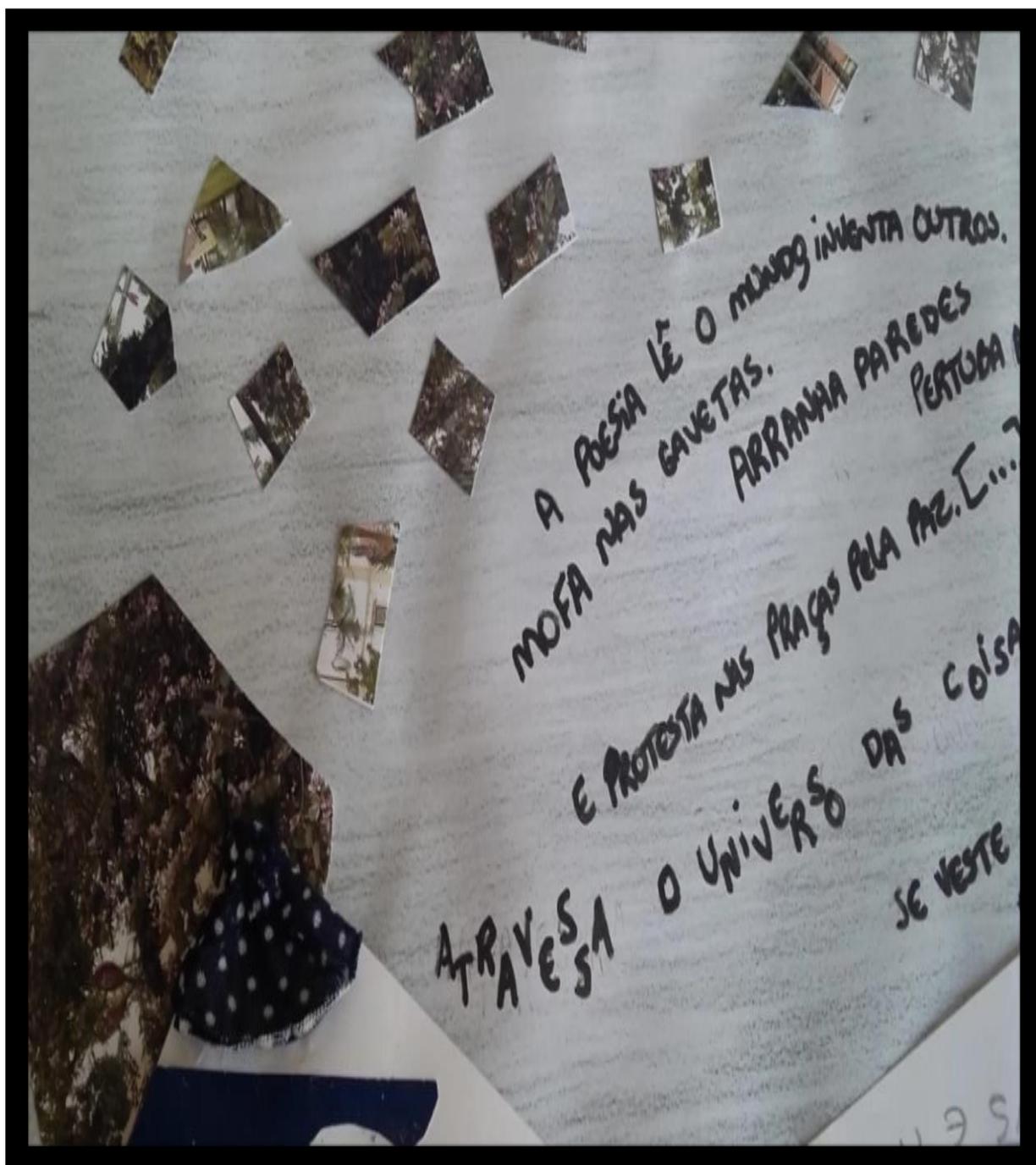


Foto 27: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

A poesia que lê o mundo é a mesma que proporciona a qualquer um, o poder de lê-lo também, e de certa forma, tentar entendê-lo e porque não dizer, inventar um

novo mundo? Essa é uma das possibilidades que temos quando nos deparamos com o poético e somos tocados por ele.

Para possibilitar o contato dos estudantes com a poesia, de maneira que esta pudesse desenvolver o seu papel transformador e que estes se envolvessem de modo a sentirem prazer naquilo que estavam desenvolvendo, foi preciso repensar o cotidiano das aulas e nelas inserir novidades que pudessem chamar a atenção dos jovens, fazendo com que estes participassem espontaneamente e sem pressões, como costumeiramente acontece na sala de aula. Repensar a prática foi preciso. Novas metodologias para proporcionar o encontro entre a poesia e os jovens foram inseridas: as oficinas de escrita. Nelas, as “composições, sobreposições e disjunções entre fragmentos de livros, poemas rasgados, ilustrações e fotografias” (ROMAGUERA; WUNDER, 2016, p. 129) permitem uma intervenção poética na sala de aula, de modo que os jovens se sintam atraídos e tocados por ela.

Neste espaço de experimentos e produção coletiva, onde é possível ir ao encontro das probabilidades criativas que imagens em união com as palavras produzem e partindo dela, extrair o que há de mais potente e determinante nessas produções escritas, como se estas fossem:

Uma escrita-experimentação que aposta na criação de palavras e imagens singulares; um entreter e entremear e entrever planos, no movimento turbilhonante que se gera nesses encontros, potências ampliadoras para outros (des) entendimentos sobre educação. (ROMAGUERA; WUNDER, p. 133)



Foto 28: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Sobre as oficinas de produções de escrita inventiva, elas possibilitam:

Contingentes e potentes encontros entre poemas e imagens num jogo de experimentação fotográfica e escrita. Fabulações entre palavras e imagens. Uma mesa, livros abertos, fotografias, uma câmera... Mãos tocam poemas, que tocam imagens, que tocam desenhos, que tocam lentes, que tocam texturas, que tocam o traço das palavras multiplicado pelo jogo fotográfico. Fotografia-texto. As foto-escritas experimentais derivam de exercícios de mixagem que se in-ventam a cada encontro, movidos pela pergunta: o que podem as palavras frente à força das imagens? (ROMAGUERA; WUNDER, 2016, p. 129-130)

A resposta a esta pergunta está presente nas produções a seguir, nas quais o poder das palavras em união à força das imagens resultou em:

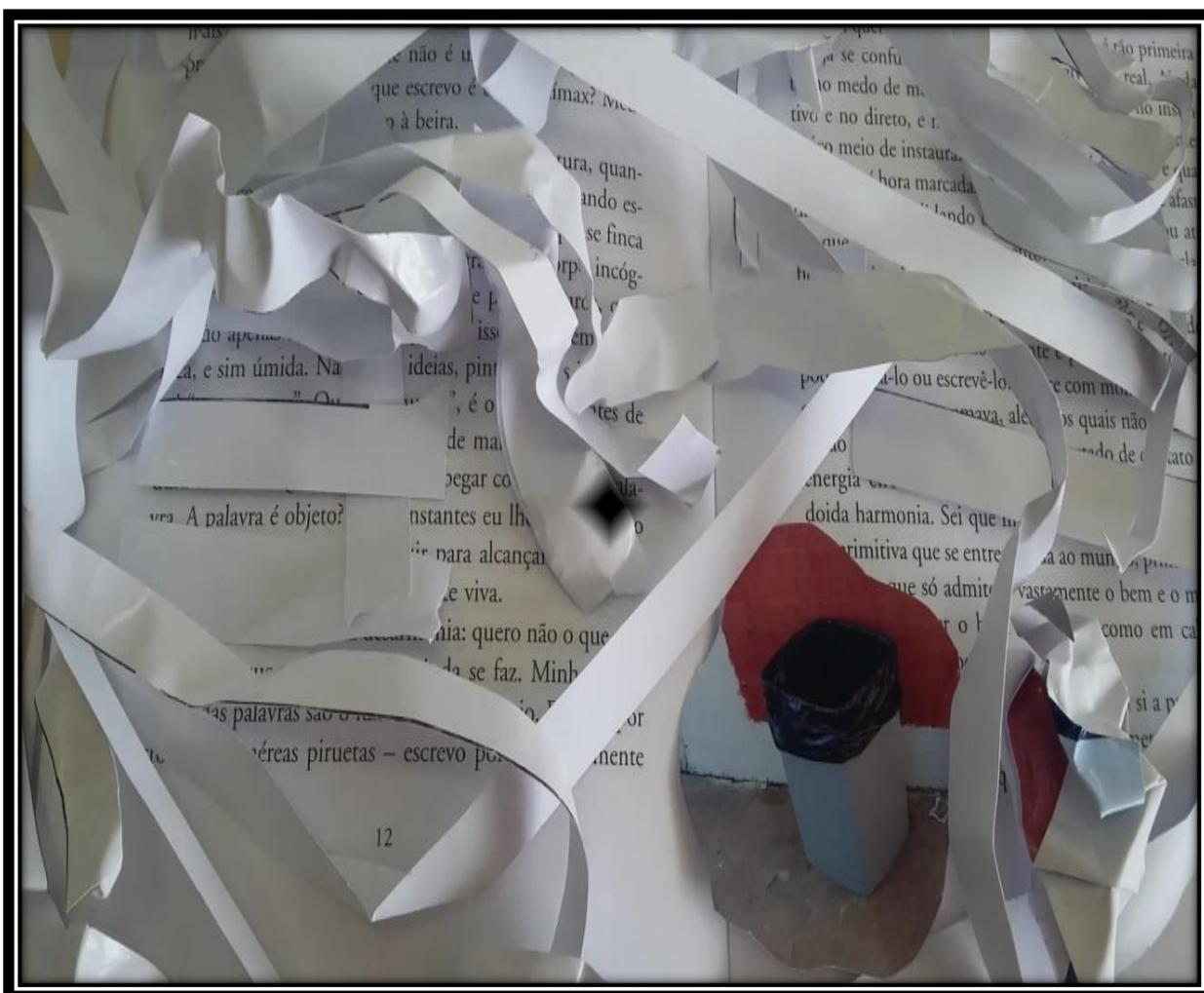


Foto 29: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 30: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam por meio da cultura. Uma reação política, estética e ética consolida o pensamento de cidadãos críticos e de uma sociedade democrática, por isso é

“necessária a promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza andam de mãos dadas” (FREIRE, 1999, p. 36).

A junção da decência e da boniteza no ambiente escolar fortalece a produção de significados, os mais inesperados possíveis. Quando se possibilita aos estudantes uma relação com uma determinada poética e uma estética, espera-se que estes sejam atravessados por elas assim como:

*a poesia
é suja de som
de sonhos
de sangue
e de signos.
atravessa o universo das coisas
se veste nas cores das palavras
acalanta.
grita.(...)*
(MARINHO, 2001)

Esse atravessar o universo das coisas que a poesia alcança, de certa forma, possibilita ao homem melhorar ou mesmo (re) inventar a relação deste com o mundo em que vive, para a “invenção de outros mundos em nós, de outras ecologias, outras maneiras de vivermos e de partilharmos o sensível da vida” (GUIMARÃES, 2015, p. 02). Partilhar as diversas maneiras de ver o mundo e o “sensível da vida” de modo que a estética seja como um acontecimento. Concordando com Lins, “em outras palavras, não existe estética como acontecimento deslocada de sua força inventiva, de sua produção movediça, cruel, selvagem [...]” (LINS, 2012, p. 17).

A “força inventiva da Estética” é percebida quando oportunizamos o seu agir na complexidade cotidiana, nas relações entre educador/poético-estética/educando. Estas permitem o contato com um mundo muitas vezes inexplorado e ignorado, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, Lins diz que “a Estética como Acontecimento supõe um trabalho de formiga [...]” (LINS, 2012, p. 18), algo que não se concretiza de um dia para outro. Esse trabalho concretiza-se nas ações cotidianas e os resultados são aflorados pela força que o propulsiona.

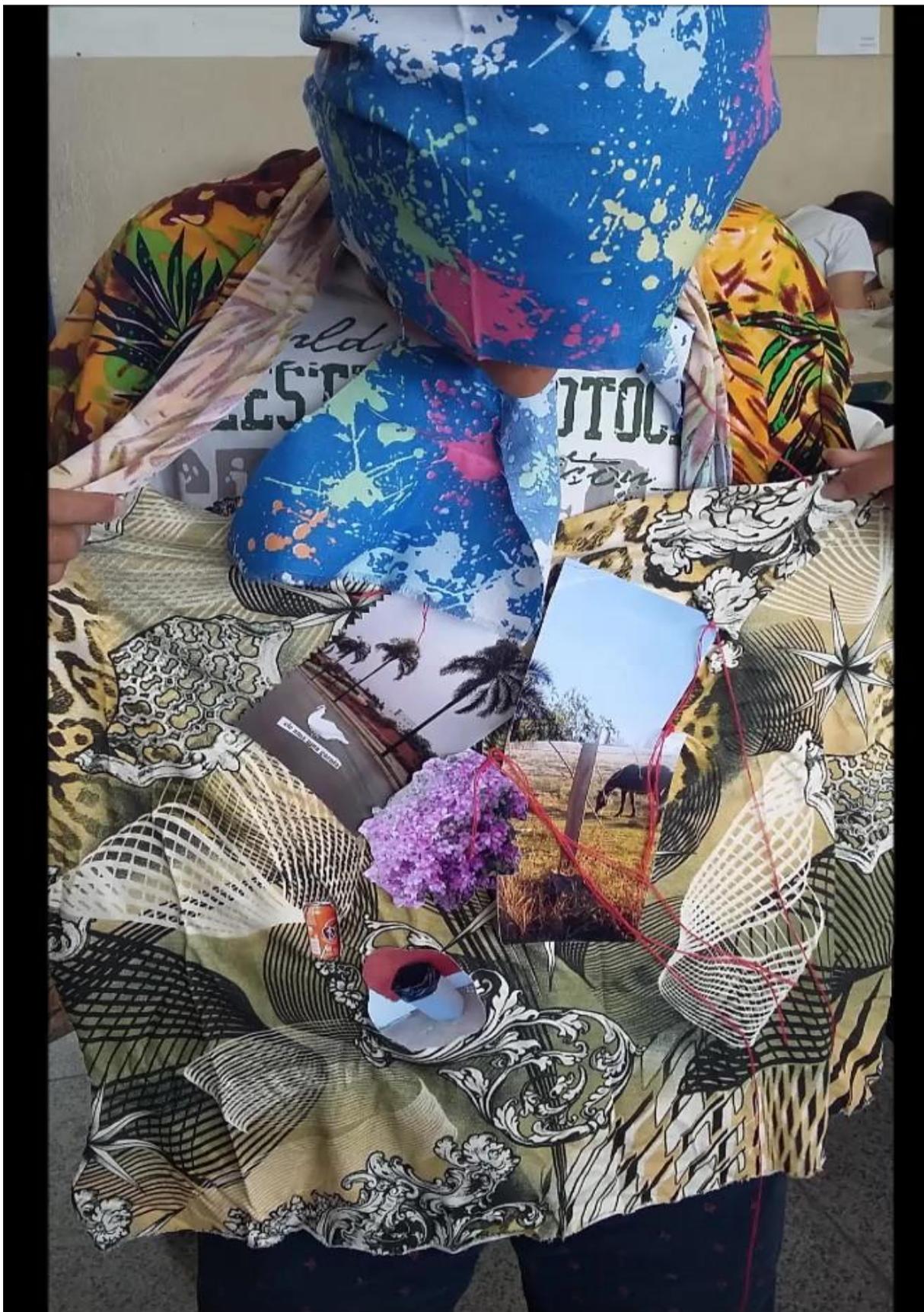


Foto 31: Criação dos estudantes nas oficinas realizadas em sala de aula. Fonte: arquivo pessoal.

5 REVERBERAÇÕES POÉTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR QUE PERPASSARAM A SALA DE AULA

*Poesia não compra sapato,
Mas como andar sem poesia?*
(Emmanuel Marinho, 2001)

Ao refletir acerca de tudo o que fora realizado durante os anos em que a pesquisa fez parte do meu cotidiano, resta-me dizer que as reverberações foram acontecimentos que deixaram marcas que, além de, ficarem registradas nessa dissertação, ficarão muito vivas em minhas lembranças e em minha prática cotidiana de educadora.

Vários foram os momentos em que pude verdadeiramente sentir o reflexo dos meus estudos e do meu trabalho no cotidiano da minha escola. Com todas essas reverberações que foram frutos de tudo o que vivi e me propus a fazer, a única coisa que me restou foi entender que, sempre nós:

(...) Temos algo a contribuir porque temos um mínimo de disciplinabilidade que inclui a vontade de discutir entre nós a validade daquilo que fazemos – como também fazem entre si os especialistas em transplantes de coração, os cozinheiros, os jardineiros, os pedreiros e os presidentes. Somos somente uma parte de uma ecologia de saberes, cada uma das quais partindo de um ponto distinto e pensando que tem algo a contribuir. (SPINK, 2008, p. 76)

Creio que a maior contribuição de tudo isso, foram os momentos, as oficinas e todo o percurso que por mim foi realizado neste tempo de pesquisadora-educadora. A seguir, um breve relato de alguns resultados do que fora vivido por mim, por meus colegas professores e principalmente, por meus estudantes.

5.1 Uma experiência que saiu da sala de aula e adentrou a sala dos professores

Depois de ter concluído as oficinas que realizava em sala de aula, com meus estudantes, foi o momento de partilhar um pouco da minha experiência com os colegas que também compõem o cotidiano da escola na qual atuo. Por solicitação da minha coordenadora pedagógica, no dia 31 de agosto de 2017, fiz uma apresentação do que estava sendo a minha pesquisa, como se deu em sala de aula.

Como num ato de repartir a força que me impulsiona, reparti o meu conhecimento e a arte que a poesia transborda:

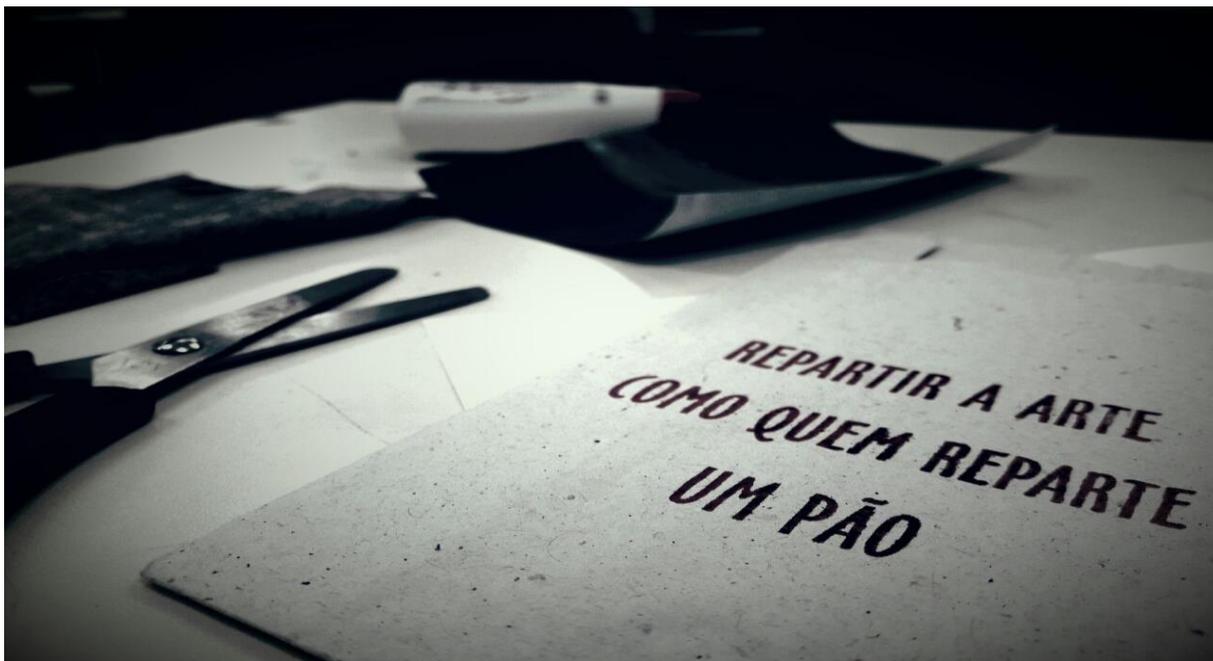


Foto 32: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Reparti, ou melhor, compartilhei as obras do poeta Emmanuel Marinho e apresentei seus poemas para apreciação de todos. A imagem a seguir retrata esse momento de conversa.



Foto 33: Apresentação no Planejamento Escolar em agosto de 2017. Fonte: arquivo pessoal

Como resultado desta conversa, houve um grande interesse por parte de todos, em saber um pouco mais sobre as oficinas, e por isso foi cedido o ATPC (Aula de trabalho pedagógico coletivo), do dia 19 de setembro de 2017 para que a oficina, denominada por mim como *Oficina de Escrita inventiva*, fosse realizada.

Neste dia, o cenário foi montado: uma mesa grande com inúmeras fotos (todas do meu arquivo pessoal), todos os livros do poeta Emmanuel Marinho que tenho, e também obras do poeta Manoel de Barros foram dispostos para a apreciação de todos.



Foto 34: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Em outra mesa, estavam todos os outros materiais que seriam utilizados na hora da produção: tecidos, linhas, régua, canetas, tesouras, lápis de cor, giz de cera, agulhas, linhas, botões. Em um canto, um aparelho de som, no qual as músicas dos Cds *Teré* e *Encantares* foram tocadas.



Foto 35: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Estava muito ansiosa para o início da oficina, pois alguns dos professores da minha escola são bem resistentes às propostas diferentes, e esse era o meu medo: a rejeição por parte deles. Esta minha dúvida em relação à aceitação ou não, se deve pelo fato de que meu colegas professores, muitos deles já estão há mais de vinte anos em sala de aula, outros, esperando a aposentadoria, e nessa altura da vida profissional abrir-se para o novo, está fora de cogitação.

No entanto, quando todos estavam na sala preparada para o momento, solicitei que ficassem em volta da mesa e fiz uma explanação sobre o desenvolvimento, o objetivo, e as etapas de realização da mesma.

Esses momentos aconteceram. O primeiro foi a degustação e apreciação das imagens e poemas do banquete que estava servido para todos. Este contato inicial proporcionou aproximação dos professores com as obras dos poetas, de modo que, ao folhear os livros, ou simplesmente aproximar-se da mesa, sussurros de admiração podiam ser ouvidos: “Uau, que poema maravilhoso”, ou “Nossa, fiquei encantada com os poemas deste autor. Ele mexe com a gente”. Só esses instantes já teriam valido a pena, mas a oficina prosseguiu.

O segundo momento foi permeado pelas recitações. Cada professor, após a interação com os poemas, escolheu aquele que mais lhe tocou e o recitou para

todos. Foi preciso interromper as recitações para dar sequência nas atividades, pois a empolgação foi tamanha, que por eles, continuariam recitando poesias sem fim. Foi de uma beleza poética o que aconteceu.

Após isso, a produção de escrita inventiva foi iniciada. Todos os presentes apropriaram-se das imagens que mais gostaram e juntamente com os poemas começaram suas criações. Aproveitando os materiais que estavam disponíveis para serem utilizados, a imaginação permitiu produções tantas.

As fotos na sequência revelam um pouco da vivência desta tarde-noite de escrita inventiva.



Foto 36: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 38: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

O meu encantamento foi tal, pelo simples motivo: o sucesso da oficina. Todos os participantes criaram a sua escrita-inventiva. Sem exceção. Isso me deixou realizada. Ainda mais porque, ao finalizar a oficina, alguns professores tomaram a iniciativa de expor as suas opiniões sobre a oficina realizada: “Eu precisava deste momento hoje. Eu estava tão cansada, e logo que entrei na sala, já pensei que seria mais uma daquelas oficinas chatas de sempre. Mas não, fui surpreendida com essa maravilha que permitiu conhecer esses poetas e usufruir desta riqueza poética”, disse uma professora.

Os comentários não pararam por aí. Foram os mais diversos, e dava para perceber a satisfação de cada um ao expor a sua produção e conversar com os colegas sobre o que ela queria dizer: “Esta criação representa a janela do conhecimento aberta para todos, inclusive para nós professores. Nunca imaginei que gostaria de poesia”, relata um colega. Outro ainda disse: “Criei algo que reflete o nosso ciclo de vida, o vai e vem de todos os dias. Este círculo que é a nossa rotina”. Foram relatos verdadeiros. A poesia adentrou a sala dos professores também.



Foto 39: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 40: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 41: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

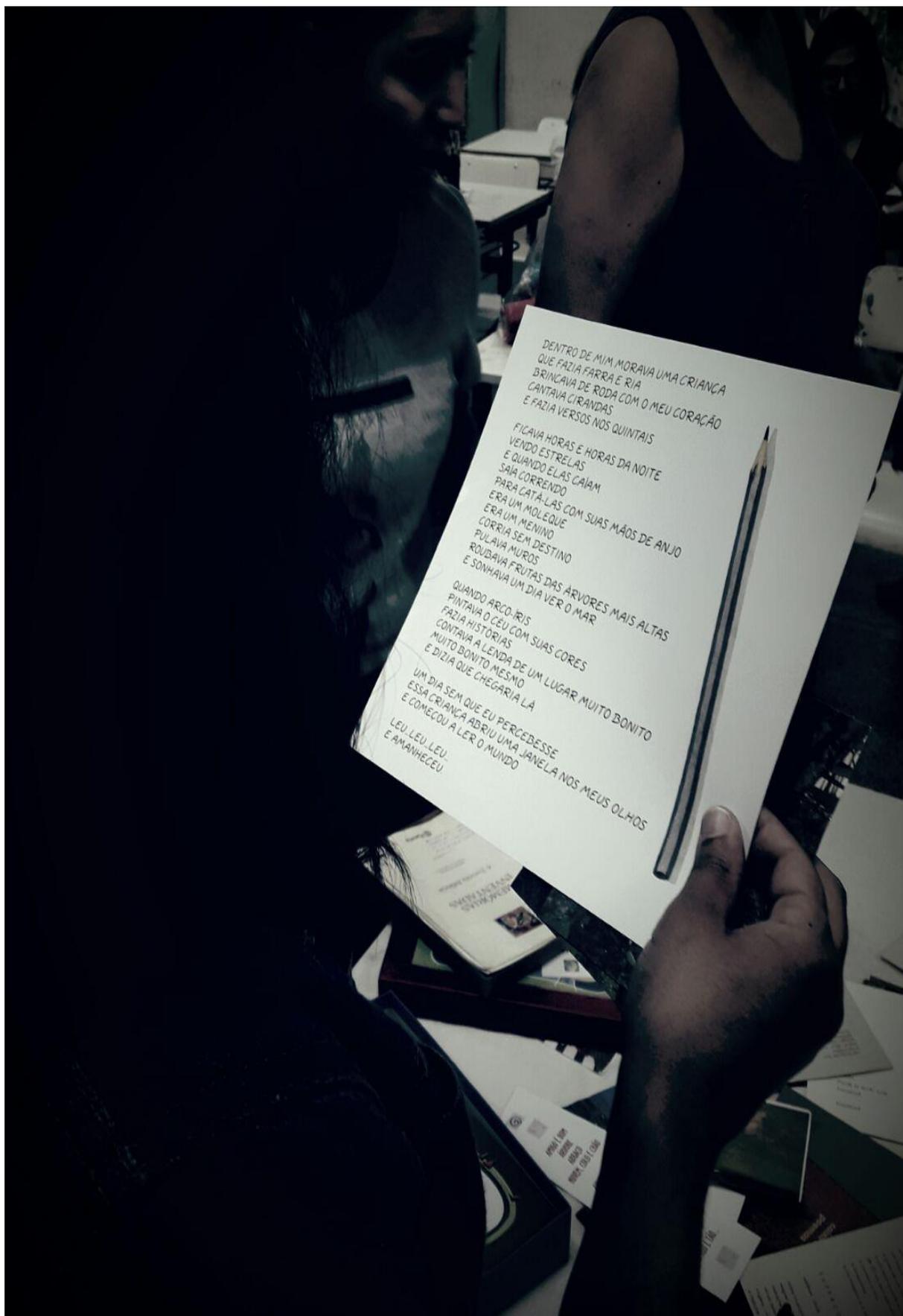


Foto 42: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 44: Criação na Oficina de Escrita Inventiva, com os professores da E. E. Padre Anchieta, em Setembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

5.2 Poeticando no Sesc Sorocaba: Ritmos de pensamento: poéticas da escrita⁹

No segundo semestre do ano de 2017, o grupo de estudos Ritmos de pensamento, da UNISO, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Alda Regina Tognini Romaguera, em parceria com o SESC-Sorocaba, realizou um curso de formação para educadores, intitulado: *Ritmos de pensamento: Movimentos ecologistas de pensar a educação e vida cotidiana*.

O objetivo desta parceria foi proporcionar aos profissionais da educação, uma formação que contemplasse as questões que estivessem relacionadas ao contemporâneo, numa perspectiva ecologista da educação. O mesmo aconteceu em dez encontros, com duração de três horas cada um, e o seu formato foi de oficinas e vivências.

Estes encontros pretenderam problematizar as mais diversas situações em conexão com a Educação, as transformações socioambientais e culturais que permeiam os espaços escolares; abordando conceitos próprios aos estudos da subjetividade do corpo, com a palavra e possibilitando interconexões com a literatura, poesia, música, a psicanálise. Algumas questões foram levantadas: O que nos move? Nos toca? De que maneira e em posse de quais produtos culturais há o fortalecimento para enfrentar as mais diversas situações de poder que encontramos no cotidiano?

As oficinas/vivências foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2017, e contaram com:

- ✓ Adriana Lima e Raquel Fayad com a oficina intitulada "Movimentos ecologistas e artes visuais";
- ✓ Carmem Machado, com a oficina "Movimentos ecologistas e dança";
- ✓ Márcio José Andrade e Leonardo Rodrigues dos Santos com Ritmos de pensamento: imagens e cotidianos escolares;
- ✓ Alik Wunder e Thereza Cristina Itsunomiya Alves e os "Ritmos de pensamento: poéticas indígenas";
- ✓ Marta Catunda e Rodrigo Reis com os "Movimentos ecologistas: paisagens sonoras e vida cotidiana";
- ✓ Kátia Regina e Éder Proença e a oficina "Movimentos ecologistas: experiências outras na educação";

⁹ Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em parceria com o Grupo Ritmos: Estética no Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação da Uniso.

- ✓ Leandro Jesus com os Movimentos ecologistas: cartografias urbanas;
- ✓ Verônica Hoffmann e André Yang com a oficina “Movimentos ecologistas e construção de subjetividades”;
- ✓ Mauro Tanaka e os “Ritmos e sonoridades corporais”;
- ✓ Alda Romaguera e Rosana Faustino com a oficina “Ritmos de pensamento: poéticas da escrita”.

A oficina, juntamente com Alda Romaguera, aconteceu no dia 27 de Outubro de 2017, das 09h às 12h. A mesma contou com a presença de uma média de 30 pessoas. Os materiais que utilizamos foram Livros, Cds, Dvd, e as sacolinhas que foram customizadas para o momento da criação poética. Dentro de cada uma, que denominamos de “sacola poética”, papéis recortados de tamanhos e cores diferentes.



Foto 45: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 46: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 47: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Para o desenvolvimento dela, o ambiente foi preparado: na entrada, uma mesa com as sacolinhas e um painel decorativo com um poema de Emmanuel

Marinho e imagens representando Manoel de Barros recebiam as pessoas que haviam feito inscrição para a oficina. Ao entrar, elas eram convidadas a retirar os sapatos para ficarem mais à vontade no tapete.

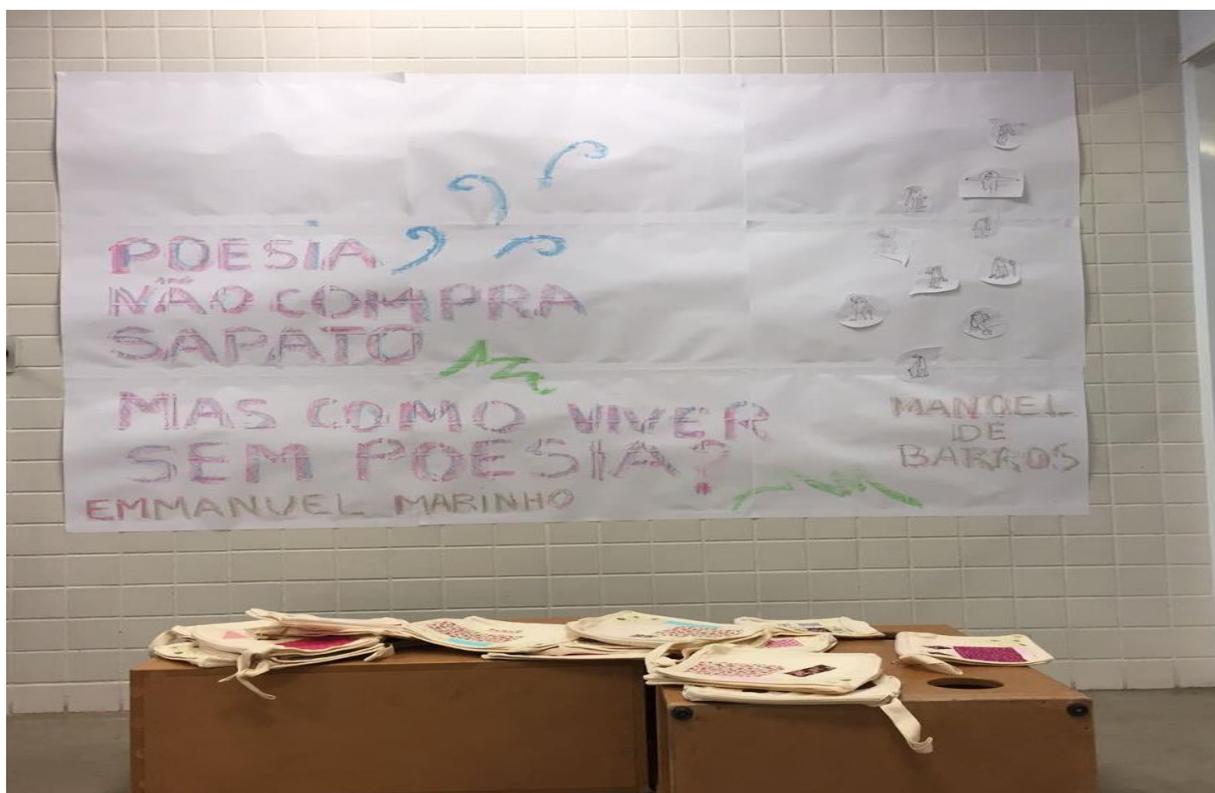


Foto 48: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Na sala de oficina, um grande tapete foi disposto, com banquinhos e ao centro livros de Emmanuel Marinho e Manoel de Barros foram expostos.

Tivemos um bate papo para iniciar a nossa oficina: apresentei a minha pesquisa de mestrado e também o poeta Emmanuel Marinho. Fiz uma breve explanação do meu cotidiano escolar, e de como inseri a poética deste poeta em minhas aulas.

Na sequência, Alda acrescentou uma fala sobre a poética, ética e estética e em seguida, apresentou uma parte do vídeo de Manoel de Barros na qual ela fala sobre o ato criador. Houve participações de todos que ali estavam presentes, um grupo muito interativo.

E então, passou-se para o momento criador, no qual, cada um de posse de sua sacola, e também com todo material que tinham à disposição, tais como: cola, tesoura, agulhas, linhas, retalhos de tecidos, imagens impressas, botões, dentre

outros, puderam criar e depois compartilhar sua criação com o colega. Houve trocas de produções.



Foto 49: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 50: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

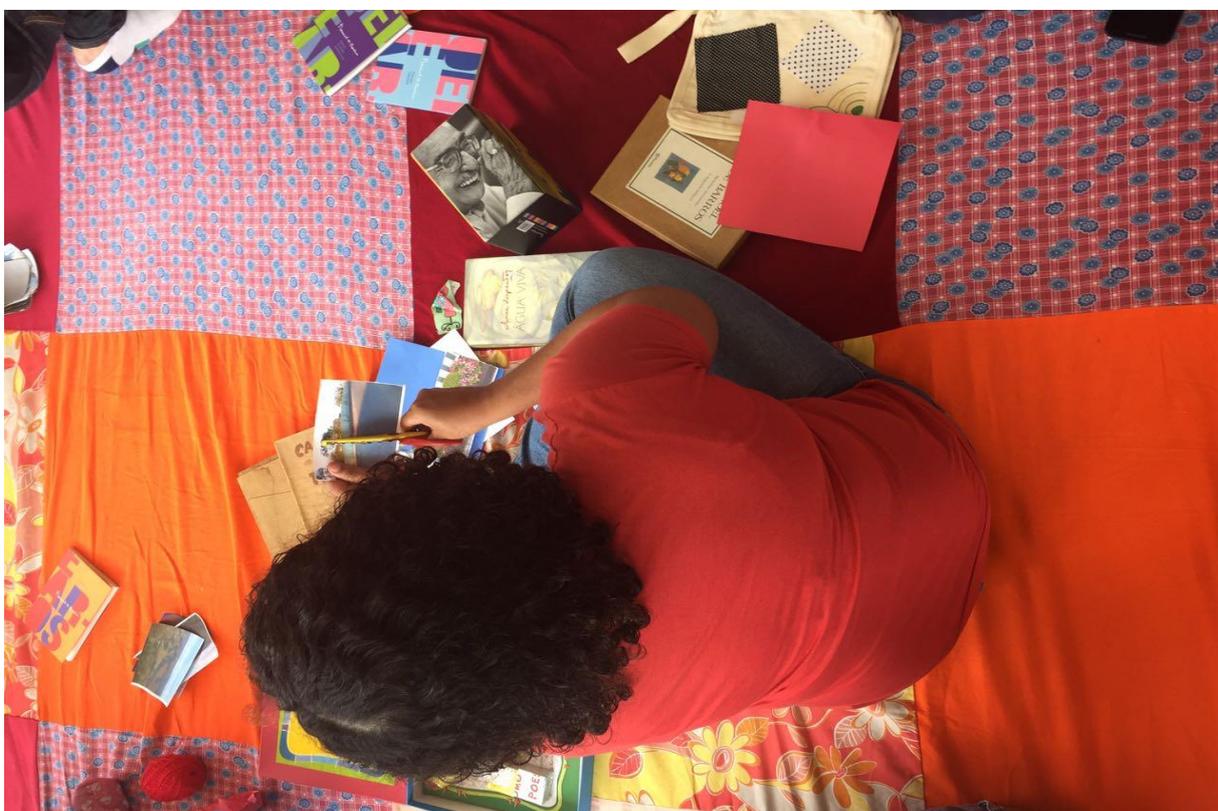


Foto 51: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 52: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 53: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 54: Oficina realizada no Sesc-Sorocaba, em outubro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

5.3 Outra reverberação que foi além da sala de aula: publicando um livro

No dia 07 de dezembro de 2017, aconteceu na Secretaria de Educação de Pilar do sul, às 19h0min, um evento que fechou com chave de ouro o meu ano letivo: a noite de lançamento do livro *A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula*.

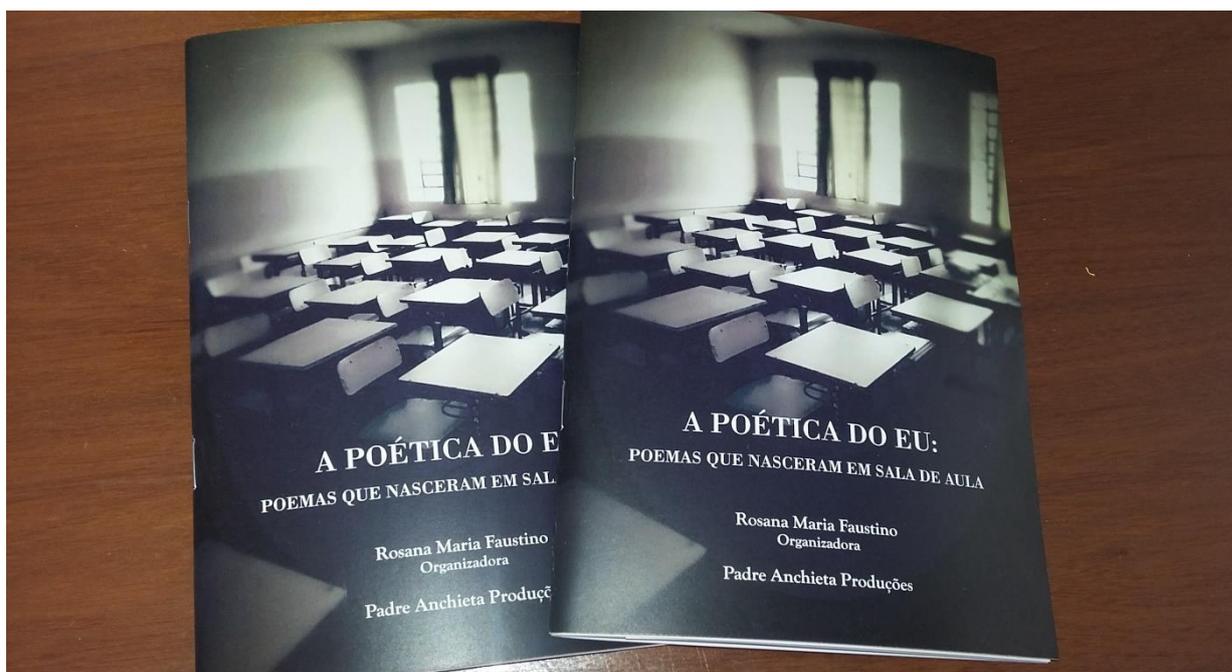


Foto 55: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

O livro foi consequência da minha pesquisa no/com o cotidiano. O mesmo teve início nos meus sonhos e foi se concretizando no dia a dia. Ao trabalhar a poética em sala de aula, com todas as atividades e oficinas realizadas com meus estudantes, percebi que poderíamos ir mais além do que já tínhamos ido.

Ao iniciar o ano letivo de 2017, tive a honra de ser presenteada com as mesmas turmas que tinham sido minhas no ano de 2016: do nono ano, foram para a primeira série do Ensino Médio. Fiquei muito feliz e muitas ideias surgiram em minha mente. Uma delas, foi a edição do livro. Logo no primeiro mês de aula, tive uma conversa com todos os meus estudantes e já deixei claro o meu objetivo para as nossas aulas. Sugeri que, ao longo dos bimestres, conforme acontecessem as aulas, algumas produções de poesia fossem realizadas.

A princípio, a receptiva vinda dos adolescentes não foi das melhores, pois os mesmos diziam não saber escrever poesia e ainda me questionaram o porquê de poesia? A resposta foi dada no decorrer das aulas, pois um dos primeiros conteúdos

de Língua Portuguesa para a primeira série do Ensino Médio, é a poesia. E com isso, a pergunta deles foi acolhida.

Com o passar dos dias, as produções aconteceram. Foram várias aulas, e momentos, em que os jovens puderam dedicar-se à escrita de suas poesias. Em todas elas, não foi imposto tema algum, pois o meu desejo era de que cada um escrevesse aquilo que mais lhe agradasse, ou mesmo escrevesse sobre algo que tivessem em mente, ou até mesmo nos sentimentos trazidos por eles nesses dias. E foi exatamente assim que aconteceram todas as aulas de escrita de poesia. E foram um sucesso.

E com isso, encerramos o primeiro semestre letivo. Ao retomarmos as aulas em agosto, tive a felicidade de inscrever a execução dessas aulas como um projeto do Programa Ensino Médio Inovador - PROEMI, e a nossa escola foi contemplada. A minha alegria se deve, pois, com a inclusão neste programa, uma verba foi destinada para a produção do livro.

Eu, que havia planejado que nosso livro seria impresso na escola mesmo, e os próprios alunos fariam a caracterização dos seus exemplares, fui surpreendida com um livro publicado em uma editora de Sorocaba. Foram dias tensos, porque nunca tinha tido a experiência de publicar um livro, e os dias foram passando, e precisava concluir o projeto antes do término do ano. Para que conseguisse concretizar o projeto, pedi ajuda a um amigo professor, Marcelo Belini, que prontamente se dispôs a me ajudar, principalmente no contato e negociação com a editora.

Enfim, conseguimos negociar com a editora Cidade em Sorocaba, e o livro foi enviado para eles. Um detalhe: não tínhamos muito tempo, pois já era meados de novembro, e a data para o lançamento já havia sido marcada, meses antes. E foi o que me apavorou. No entanto, tive a felicidade de encontrar na pessoa do Sr. Alexandre, da editora, um parceiro e tanto, que mesmo com tão pouco tempo, nos ajudou a concretizar o nosso projeto. E assim, se deu.

Foram algumas idas à editora para alguns ajustes que precisavam ser realizados. Os convites foram enviados:



Foto 56: Convite para o lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Em 07 de dezembro de 2017, a noite foi dos nossos jovens autores: o lançamento do livro, com o coquetel para eles e alguns convidados que quisessem levar. Foi uma data muito especial, pois pude contar com a ajuda de muitos colegas da escola para que a nossa noite fosse tão linda quanto foi. Fizemos a decoração e o ambiente estava preparado para recebê-los. As fotos, na sequência, revelam isso.



Foto 57: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 58: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

O livro é composto por 108 poemas, sendo 106 dos estudantes que participaram do projeto, e 01 do professor Marcelo Belini que me auxiliou e outro meu. Foi uma noite especial para todos os autores. Infelizmente, nem todos os estudantes compareceram no lançamento, mas aqueles que estavam presentes, juntamente com seus familiares, sentiram-se importantes por terem um livro, cujo autor, era ele próprio. O total de publicação desta edição foi de 110 exemplares, um para cada autor e os livros restantes, um para a biblioteca municipal e outro para a biblioteca da escola.

A noite do lançamento aconteceu com a presença de 60 dos autores do livro, de alguns representantes da diretoria de ensino, dos professores e da gestão da escola e de alguns convidados da cidade. Foram realizadas leituras de alguns poemas do livro, alguns jovens cantaram algumas canções, e por fim, o coquetel e sessão de autógrafos. Foi uma noite que ficou marcada tanto para cada um deles, quanto para mim. Ouvir de cada um deles o quão felizes estavam foi o melhor presente que poderia receber:

Oh dona!
Agora sou escritor!
Tenho um livro com um poema meu.
Isso é demais.
Vou dar um monte de autógrafos!
Minha mãe está muito feliz
Eu não queria ir à noite de lançamento
Mas minha mãe disse que vamos sim!
Porque sempre ela é chamada na direção
Por alguma coisa de errado que eu fiz.
Agora, vou receber meu livro, e nós vamos sim!
Vou colocar uma roupa bem bonita,
Porque sou escritor! Quem diria...
Que orgulho. Estou muito feliz!
E me sentindo importante
Vou dar um monte de autógrafos.
Oh dona...
Acho que serei um escritor famoso!

A poesia aconteceu. Cresceu em forma de livro. Encantou. Reverberou.



Foto 59: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 60: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 61: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.



Foto 62: Lançamento do livro em 07 de dezembro de 2017. Fonte: arquivo pessoal.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*Eu gostaria que nesse exato momento
 Todas as pessoas compreendessem
 As flores
 Os animais
 As estrelas
 E que também se compreendessem.
 E voassem como pássaros libertos
 Nos campos
 No vento
 Falassem com as árvores
 E se entregassem feito bicho pequeno
 Pras águas da chuva
 Dos rios e dos mares (...).*
 (MARINHO, 2016, p. 75-76)

Inicio estas considerações com o poema de Emmanuel Marinho que tanto permeou minha pesquisa, meu cotidiano escolar, minha escrita, e porque não dizer, a minha vida toda nestes dois últimos anos. Assim como ele, digo eu: gostaria que as pessoas compreendessem não somente as flores, os animais e as estrelas. Mas que elas pudessem compreender o quão complexo é o cotidiano de uma escola, ainda mais quando se trata de uma que está inserida em um bairro periférico, considerada à margem da sociedade da qual faz parte.

Mais do que compreender essa complexidade, queria que elas entendessem que é possível fazer um trabalho diferenciado, mesmo ante a toda problemática que envolve o nosso cotidiano e que juntos, possamos (re) pensar nossa prática para que tenhamos uma escola mais justa, democrática e menos ditadora de regras.

Ao fazer uso das narrativas para escrever minha trajetória e todo o percurso por mim caminhado, pude demonstrar com elas a força poética que transbordou no meu cotidiano escolar, e toda transformação ocorrida na minha *práxis*. Esta narrativa revela todas as alterações que aconteceram com todos os sujeitos envolvidos, ao longo dela. Os sujeitos a que me refiro, são os estudantes, os educadores da escola na qual trabalhamos e a mim. E posso afirmar com toda propriedade que, a pessoa que mais sofreu alterações ao longo desse processo todo, foi a professora-pesquisadora.

A transformação só foi possível devido às contribuições recebidas ao longo do caminho. Beber em fontes como as de Paulo Freire, Marcos Reigota, Nilda Alves, Gilles Deleuze, Guattari, Manoel de Barros, Clarice Lispector, dentre tantos outros foi fundamental para enxergar o cotidiano, as suas dificuldades e refletir a minha práxis com outro olhar. Dar abertura à reflexão do meu percurso como educadora-pesquisadora-conversadora com/no cotidiano, foi um ato de redescoberta e identificação como aqueles que estão à margem da sociedade, enfrentando o preconceito e as adversidades.

A partir desse novo olhar reflexivo, novas possibilidades foram surgindo. Poder utilizar a poética de um autor e a estética do acontecimento como ferramentas de trabalho permitiu uma nova postura ante as minhas ações cotidianas. O resultado dessa junção são acontecimentos produtores de subjetividades. Fazer uso de uma poética em sala de aula provocou reverberações, tanto no cotidiano da escola, quanto fora dele. As experiências que tive foram muito positivas tanto para mim quanto aos meus estudantes.

Ser uma pesquisadora que dialoga o tempo inteiro com o seu ambiente de pesquisa e dele poder retirar toda coragem necessária para encarar os desafios de um cotidiano escolar, foi a ferramenta possibilitadora dos acontecimentos. Todos os momentos vividos dentro e fora da sala de aula, só me mostraram o quanto a força que a poética traz consigo atinge de maneira significativa as pessoas e o ambiente em que ela adentra.

Essa força foi sentida pelos estudantes e professores que participaram das oficinas realizadas na escola e no Sesc-Sorocaba. Partilhar com cada um a minha transformação e as inúmeras possibilidades que a poética de um autor propicia, revelou a potência criativa de todos ao deixar-se tocar por ela. Foi motivante sentir o interesse e a interação de todos com a poesia:

O toque,
O primeiro contato
A sensibilidade
O encantamento
A identificação com a escrita do poeta
O poder das palavras em suas entrelinhas
Que saltam da folha de papel
E alcança os lugares menos prováveis
E deles retira a potência criadora e transformadora
Que a poética carrega consigo.

Fazer a leitura dramática do poema *Genocídio* de Emmanuel Marinho, tanto na oficina realizada com os professores, quanto com os estudantes, suscitou em mim a sensação de pertença a um povo que implora ajuda a uma sociedade que lhe responde fingindo não ouvir o seu clamor. A mesma identificação que tive com o poeta, professores e estudantes também tiveram. Com a recitação dos poemas, percebia-se o encantamento e, as sensações que permeavam o ambiente denotavam os sentidos reverberados nas criações de cada participante. A emoção que resultou de tudo isso foi tamanha, pois em cada relato era perceptível o quanto aquele exercício poético fora prazeroso e repleto de sentidos.

Outro momento de grande significância e realização de um sonho se deu com a publicação do livro: *A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula*. Partindo do exercício diário com a poética e a poesia no cotidiano escolar, houve a concretização de tudo o que fora vivido até então, com a publicação deste produto cultural, o livro de poesias nascidas durante as aulas de Língua Portuguesa. Ver o brilho nos olhos e sentir a felicidade de cada estudante ao receber o seu livro, propiciou a mim, a certeza de tudo valeu a pena.

Enfrentar todas as surpresas que o cotidiano escolar apresenta e usá-las como ferramentas de trabalho em prol de uma educação que liberta e que proporciona olhar o outro de maneira diferente, foram as forças que me impulsionaram até aqui. Os resultados foram acontecimentos que modificaram a minha maneira de ver e ser no cotidiano de uma escola.

Diante desses resultados, o meu desejo a todos os profissionais envolvidos nos cotidianos escolares, é que:

*Todos se dessem as mãos
Com as mãos
Com os olhos
Ou com os dentes [...]*
(MARINHO, 2016, p. 76)

E de mãos dadas passassem a ver e entender o cotidiano escolar como ferramenta não só de trabalho, mas de transformações, pois a Educação só é efetivada a partir do momento em que o que ensina também aprende, e aquele aprende pode também ensinar (Freire, 1981).

*Eu gostaria que nesse exato momento
 Todas as pessoas
 Se embebedassem de amor
 Falassem de amor
 E que bêbadas de amor
 Se amassem
 Com quem quisesse se amar*

*Eu só queria pedir uma coisa:
 Que brindassem à vida
 E que cada momento
 Fosse repleto
 E vivido intensamente
 E que a paz
 Não fosse uma palavra simplesmente
 Mas que fosse viva
 Viva entre os homens.
 (MARINHO, 2016, p. 76)*

E ao encerrar essas considerações, o sentido que perpassa neste momento, é o mesmo refletido na poesia de Emmanuel Marinho. É como se fosse:

*Uma saudade rasgada
 Arrancada
 Como quem tira água de poço
 Poço de água cristalina
 Que ilumina todos os desejos
 Que ilumina o mundo
 E o fundo do meu coração
 No fundo do meu coração
 Tem um poço
 Tem um poço no fundo
 Fundo [...]
 (MARINHO, 2017, p. 60)*

Este poço é o cotidiano escolar. A água são as reverberações que dele pude tirar. A profundidade dele é tanta, que tem muita água para ainda ser tirada. Desejo que muitas pessoas, assim como eu, possam chegar à beira desse poço e dele retirar muita água para nela se banhar.

Eu? Ah, eu vou continuar tirando água para ver se chego ao fim. Ou melhor, vou tirar aos poucos, para adiar o fim.

*E a moça mais bonita
Com seu vestido de chita
Foi puxar água do poço.
(MARINHO, 2016, p. 38)*

Fui até o poço puxar água. Vamos também?

REFERÊNCIAS

Obras de Emmanuel Marinho

MARINHO, Emmanuel. **Caixa de poemas**. Dourados-MS: Manuscrito, 2001.

MARINHO, Emmanuel. **Caixa das delícias**. Dourados-MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2003.

MARINHO, Emmanuel. **Cantos de Terra**. Campo Grande-MS: Letra Livre, 2016.

MARINHO, Emmanuel. **Satírico**. Dourados-MS: Bazar de Poesia, 2017.

MARINHO, Emmanuel. **Teré**. Manaus: Compact disc, 2002. CD (80min): digital, stéreo.

MARINHO, Emmanuel. **Encantares**. Manaus: Compact disc, 2014. 1 CD (35min): digital, stéreo.

Obras consultadas e referenciadas

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012. p. 139-154.

ALMEIDA, Marco Antonio Delfino de. Entrevista. **IHU** (Instituto Humanístico Unisinos), 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/557224-o-que-a-sociedade-tem-a-dizer-aos-indigenas-que-foram-explorados-durante-o-desenvolvimento-do-mato-grosso-do-sul-entrevista-especial-com-marco-antonio-delfino-de-almeida>. Acesso em 01 ago 2016 às 18h.

ALMEIDA, Estefane Vitória de O. Cenas vazias. In: FAUSTINO, Rosana Maria. (org). **A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula**. Sorocaba: Padre Anchieta Produções, 2017.

ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 53-62. 2001. Editora da UFPR.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Photo grafias, escritascotidiano e currículos de formação. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. (Série cultura, memória e currículo; v. 6)

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião de 23 livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 854.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BELANDO, Mariane Garin. O atrás do pensamento na escrita de Clarice Lispector: a ausência em Água Viva. Revista Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina - **Uox**, n. 01, 2013/2. p. 155-162.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. 12. ed. São Paulo: Globo, 1999.

CARVALHO, A. D. de. (Coord). Acontecimento. In: _____. **Dicionário de Filosofia da Educação**. Porto, Pt: Porto Editora, 2006, p. 14-19.

CIMI (Conselho Indigenista Missionário) – Texto: **AS VIOLÊNCIAS CONTRA OS POVOS INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL**: e as resistências do Bem Viver por uma Terra Sem Males. Publicado em 2011 e disponível no site: http://www.cimi.org.br/pub/MS/Viol_MS_2003_2010.pdf. Acesso em: 01 ago.2016 às 15h.

COSTA, Afonso Henrique Vieira da. Da Arte De Escrever Serenamente. **Existência e Arte** – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VII – Número VI – Janeiro a Dezembro de 2011.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 308.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka – por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 25.

FAUSTINO, Rosana Maria (org). **A poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula**. Sorocaba: Padre Anchieta Produções, 2017.

FÉLIX, Sandra Regina. **Pilar do Sul: Nascente das Águas**. São Paulo: Noovha América, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Org. e seleção de textos: Manoel Barros da Mota, tradução Inês Antran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 169-17, jul./dez. 2002.

GERMANO, Márcia Aparecida; Reigota, Marcos. Relembrando Paulo Freire: Entrevista com Ana Maria Araújo Freire. **REU**, Sorocaba, SP, v. 5, n. 1, p. 203-225, jun. 2009.

GLASS, Ronald David. Revisitando os fundamentos da educação para a libertação: o legado de Paulo Freire. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 831-851, jul./set. 2013.

GROSELLI, Ryiono. In: PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly (Orgs). **Vozes da Literatura**. Desirée Paschoal de Melo – Campo Grande: DCMS, 2014.

GUATTARI, Félix. **As três Ecologias**. 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O contemporâneo no limiar da pós-modernidade (Apresentação). **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 36, p. 11-19, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que silencia em nós os temas controversos?. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. 1, p. 55-64, 2015. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea>. Acesso em 25 jan 2017 às 19h.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-ação**, Goiânia, v. 33, p. 89-112, 2008.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

KRAHE, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-mulher como diferença. In: **V CINFE** – Congresso Internacional de Filosofia e Educação. Caxias do Sul, maio de 2010.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Trad. Alfredo Veiga-Neto.

LEAHY-DIOS, Cyanna. **Educação literária como metáfora social: Desvios e rumos**. São Paulo: Martins fontes, 2004.

LEAL, Telma Ferraz, GOIS, Siane (Orgs). **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 07-17.

LIMA, Jorgina Espíndola Ortega de. **A construção da imagem do índio na poética de Emmanuel Marinho: voz de veludo e dedo na ferida**. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 115, 2013.

LIMA, Paulo Gomes. Ciência, Epistemologia e pesquisa educacional: desvelamento do mundo e do homem. **Revista Acta Científica**. Ciências Humanas, Engenheiro Coelho/SP, v. 02, n. 05, p. 06-21, 2003.

LINS, Daniel. **A escrita rizomática**. Revista Polichinello. Belém – PA/ Palmas – TO, 2009. p. 07-13.

LINS, Daniel. Estética como acontecimento. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos (Orgs). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012. 208p.

LINS, Daniel; PELBART, Peter Pál (Orgs). **Nietzsche e Deleuze Bárbaros, Civilizados**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 45-60.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACEDO, Sheyla Cristina Smanioto. O registro aos pés da letra. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos (Orgs). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012. p. 169-176.

Manual para normalização de trabalhos acadêmicos: tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, artigo científico e pôster / organização Vilma Franzoni, Regina Célia Ferreira Boaventura, Maria Carla Pascotte Freitas Gonçalves. - 1. reimpr., atual. – Sorocaba, SP: EdUniso, 2015. 94 p. : il.

MARQUES, Davina. Vida, Literatura e cinema: fabuloviver, fabulocriar. In: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Susana Oliveira; (Orgs). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2011.

MATTA, Sabrina Leme da. Aqui em Pilar. In: FAUSTINO, Rosana M. (org). **A poética do eu: Poemas que nasceram em sala de aula**. Sorocaba: Padre Anchieta Produções, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NISKIER, Arnaldo. **Filosofia da Educação: uma visão crítica**. São Paulo: Loyola, 2001.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. 6. ed. São Paulo, Ática, 1994.

PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S de; PETRAGLIA, Izabel (orgs). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1997.

PESSOA, Fernando. Mar Português. In: **Caderno do aluno de Língua Portuguesa**. Governo do Estado de São Paulo: 2014, p. 42.

PREVE, Ana Maria. **Por que tenho que ir à escola?** Verve, 10: 318-324, 2006.

PROENÇA, Eder Rodrigues Proença. **Pedagogia do subterrâneo:** narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, p. 347, 2017.

QUINTANA, Mario. **Caderno H.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 55.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental.** Brasiliense, São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **TEIAS:** Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, jan/abr 2010.

Revista CIMI (Conselho Indigenista Missionário) – **AS VIOLÊNCIAS CONTRA OS POVOS INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL:** e as resistências do Bem Viver por uma Terra Sem Males, 2011. Disponível em: http://www.cimi.org.br/pub/MS/Viol_MS_2003_2010.pdf. Acesso em 01 ago. 2016, às 15h.

RICARDO, Cassiano. **Poética.** São Paulo: Ática, 2013. p. 110.

ROMAGUERA, Alda R. T.; WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Rev. Bras. Estud. Presença,** Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan./abr. 2016.

ROMAGUERA, Alda R. T. .e? e escrita e(m) educação. In: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Susana Oliveira; (Orgs). **Conexões:** Deleuze e Vida e Fabulação e... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2011.

SALUÊ, Maria. Poesia lendo um país. In: MARINHO, Emmanuel. **Satírico.** Mato Grosso do Sul: Bazar de Poesia, 2017.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Margem de Papel ou Corpo Despedaçado do Texto. **PHYSIS:** Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.12 n.2, p. 235-251, 2002.

SANTOS, Maria Gabriela Pires dos. Fome. In: FAUSTINO, Rosana Maria. (org). **A poética do eu:** poemas que nasceram em sala de aula. Sorocaba: Padre Anchieta Produções, 2017.

SCARELI, Giovana; FERNANDES, Priscila Correia. **O que te move a pesquisar?** Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

SATURNINO, Alzira Facco. **ISOTOPIAS EM “GENOCÍDIO” de Emmanuel Marinho.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras - UNESP. Assis-SP, p. 168, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira; ALMEIDA, Benedita. Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. **Revista Eca**, n. 17, 2012.

SOUZA, José Antonio de. POESIA E IDENTIDADE CULTURAL EM MATO GROSSO DO SUL. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Volume 11, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 21 jun 2017, às 18h.

SOUZA, Márcia Medeiros de. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 35-47.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

SPINK, Mary Jane Paris; SPINK, Peter Kevin. Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 591-605, dez. 2017.

VALIO, Julio. **Nascente das Águas**. Itu: Editora Ottoni, 2005.

YANG, André Luiz Chaves; MACHADO, Carmem Silva; REIGOTA, Marcos Antônio dos. O processo de narrar-se com um movimento de questionamento do tempo presente. **Utopia Y Práxis** Latinoamericana. Maracaibo – Venezuela, Ano, 22, nº. 79, p. 141-148, Outubro – Dezembro, 2017.